

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

ANGÉLICA PEREIRA MARTINS

**DIÁRIO E MEMÓRIA EM *ABDIAS*  
DE CYRO DOS ANJOS**

UBERLÂNDIA  
2017

ANGÉLICA PEREIRA MARTINS

DIÁRIO E MEMÓRIA EM *ABDIAS* DE CYRO DOS ANJOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Estudos Literários.

Linha de pesquisa 1: Literatura, memória e identidades

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Joana Luiza Muylaert de Araújo

UBERLÂNDIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

M386d      Martins, Angélica Pereira, 1994-  
2017      Diário e memória em Abdias de Cyro dos Anjos / Angélica Pereira  
Martins. - 2017.  
100 f. : il.

Orientadora: Joana Luíza Muylaert de Araújo.  
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.  
Inclui bibliografia.

1. Literatura - Teses. 2. Literatura brasileira - História e crítica -  
Teses. 3. Anjos, Cyro dos, 1906-1994 - Crítica e interpretação - Teses.  
4. Anjos, Cyro dos, 1906-1994 - . Abdias - Crítica e interpretação -  
Teses. I. Araújo, Joana Luíza Muylaert de. II. Universidade Federal de  
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. III.  
Título.

ANGÉLICA PEREIRA MARTINS

DIÁRIO E MEMÓRIA EM *ABDIAS* DE CYRO DOS ANJOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Curso de Mestrado em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Letras, concentração em Estudos Literários.

Linha de Pesquisa I - Literatura, memória e identidades

Uberlândia, 24 de fevereiro de 2017.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana Luiza Muylaert de Araújo/ PPGLET – UFU (Presidente)

---

Prof. Dr. Luis André Nepomuceno - UNIPAM

---

Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares - UFU

## **DEDICATÓRIA**

*Esse trabalho é dedicado à memória de meu avô Pedro Pereira.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ser tão maravilhoso comigo. São tantas as graças recebidas em minha vida que só tenho muito a agradecer.

Em segundo lugar, devo agradecer à minha família pelo incentivo e força: Vera, Juscelino e Bruna. Sem o apoio, amor e a torcida de vocês, eu não teria chegado a lugar algum.

Sigo agradecendo meu noivo Samuel. Agradeço pela compreensão essencial e perfeita durante esses dois anos. Foi trocado por Cyro dos Anjos diversas vezes, mas continuou firme e forte a me ajudar e amar.

Aos meus sogros Samuel Chagas e Eloísa agradeço por me darem a oportunidade de cursar todo o mestrado com o apoio fundamental de vocês. À minha cunhada Tatiane, agradeço por sempre se preocupar e acreditar tanto em mim.

Fui apresentada à pesquisa na graduação em Letras pela incrível professora Dr. Helânia Cunha de Sousa Cardoso, pela qual tenho imenso carinho. Na graduação, também tive professores incentivadores que devem ser mencionados como: Helder Sousa Santos, Moacir Manoel Felisbino e Elizene Oliveira.

Destaco ainda, do período de graduação, o professor Dr. Luís André Nepomuceno. Luís foi o incentivador principal do presente trabalho, meu querido professor e estimado amigo. Seu apoio e confiança foram essenciais para meu ingresso na pós-graduação, serei eternamente grata.

À minha maravilhosa orientadora Dra. Joana Luiza Muylaert de Araújo agradeço pelos conhecimentos transmitidos, paciência, conselhos e amizade. Nunca me esquecerei de toda a atenção e carinho que teve comigo.

Aos professores da Universidade Federal de Uberlândia Dr. Leonardo Francisco Soares e Dr. Carlos Augusto, agradeço pelas valiosas contribuições dadas na banca de qualificação.

Agradeço também a CAPES pelo apoio financeiro dado no segundo ano de mestrado, auxílio fundamental para o andamento e conclusão desse trabalho.

Demais familiares, colegas de mestrado e amigos, obrigada pela torcida e elogios de sempre, vocês me deram uma força a mais para prosseguir no estudo e dar o meu melhor.

*Pensar que ela jamais seria minha, que eu nunca enlaçaria seu corpo gentil, nem beijaria aqueles cabelos que se desmanchavam em doces ondas - trazia-me uma tristeza desesperançada, um desconsolo sem remédio. Servidão de amor, a mais melancólica das servidões.*

(ANJOS, 1963, p.130)

## DIÁRIO E MEMÓRIA EM *ABDIAS* DE CYRO DOS ANJOS

### RESUMO

Esta dissertação tem como proposta fazer uma análise do diário no segundo romance de Cyro dos Anjos: *Abdias*. Discorremos sobre a construção da escrita ficcional do romance. A princípio, escrevemos sobre a vida e obra do escritor mineiro, nos capítulos seguintes, apresentamos informações a respeito da composição da obra, bem como resumo de seu enredo. O primeiro capítulo explora o conceito de escrita de si, a partir dos estudos de Diana Klinger, Blanchot, Barthes, Foucault e Lejeune que são utilizados para análise da escrita do diário do personagem Abdias, ressaltando que o narrador faz uso de uma escrita intimista e confessional, estabelecendo um contato estreito com o leitor. No segundo capítulo, os textos de Ecléa Bosi, sobretudo no que diz respeito às considerações do teórico Bergson, auxiliam na compreensão do conceito de memória, sendo possível realizar uma análise da questão memorialística que se apresenta em *Abdias*, a partir do momento em que o personagem principal percorre as salas do Colégio das Ursulinas na condição de professor de literatura, momento decisivo de sua vida amorosa. A partir dos estudos de Oziris Borges Filho, Osman Lins, e de Yi-Fu Tuan, compreende-se a noção de espaço e é feita uma análise da obra mostrando o papel de determinados espaços no enredo do romance. Por fim, no terceiro capítulo, a partir do texto “*Como terminam os diários?*” de Philippe Lejeune, é feita uma análise do término da escrita de Abdias. A escrita de si, memória e espaço são elementos presentes na obra e realçam a relação entre viver e escrever do protagonista. Afinal, Abdias acreditava que muitas vezes “ler ou escrever era mais importante que viver”.

**PALAVRAS CHAVE:** Cyro dos Anjos; Abdias; Memória; Escrita de si; Espaço.



## DIARY AND MEMORY IN *ABDIAS* OF CYRO DOS ANJOS

### ABSTRACT

This dissertation analyzes the Diary in *Abdias*, second novel of Cyro dos Anjos. We write about life and work of the writer, which was born in Minas Gerais State, Brazil, primarily; in the following chapters, we present the novel structure, even as its review and plot. The studies of Diana Klinger, Blanchot, Barthes, Foucault and Lejeunne base the first chapter that deals with the concept of self-writing and analyzes the writing of Abdias character's Diary emphasizing that the narrator uses an intimate and confessional writing to get closer to reader. Ecléa Bosi's texts and her reads of Bergson's theory compose the second chapter that elucidate the concept of memory and analyze the protagonist, Abdias, memorialistic issue, illustrated by the moment that he goes through the classrooms of Colégio das Ursulinas (School of Ursulinas) as a Literature Teacher, which is the turning point of his loving life. Oziris Borges Filho, Osman Lins and Yi-Fu Tuan works comprehend the notion of space and its function in the novel's plot. The third chapter works with the text of Philippe Lejeune, "How do diaries end?", at least, and analyzes how Abdias finish his writings. The self-writing, memory and space are elements present in the book and highlight the protagonist's relationship with living and writing. After all, Abdias believed that often "reading or writing was more important than living".

**KEYWORDS:** Cyro dos Anjos. Abdias. Memory. Sel-Writing. Space.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	10
<b>Capítulo 1 – O diário de <i>Abdias</i></b>	20
1.1 – Cyro dos Anjos e sua obra <i>Abdias</i>	20
1.2 – Um romance diarístico	26
1.3 – A escrita de si em <i>Abdias</i>	35
<b>Capítulo 2 – Memória e espaço em <i>Abdias</i></b>	50
2.1 – Colégio das Ursulinas e Várzea dos Buritis: entre o passado e o presente	65
<b>Capítulo 3 – Como termina o diário de <i>Abdias</i>?</b>	71
<b>Considerações Finais</b>	87
<b>Referências Bibliográficas</b>	91

## ANEXOS

**ANEXO I** – Fotografia de Cyro dos Anjos junto a Carlos Drummond de Andrade.

**ANEXO II** – Emílio Moura desenhando um retrato de Cyro dos Anjos.

**ANEXO III** – Hino à Alegria, ou Ode à Alegria, poema escrito por Friedrich Schiller em 1785 e cantado no quarto movimento da 9.<sup>a</sup> sinfonia de Ludwig van Beethoven.

**ANEXO IV** – Capa da edição de *Abdias* de Cyro dos Anjos utilizada para escrita desse trabalho, publicada pela Livraria Garnier.

**ANEXO V** – Poema de número 12 da obra *Poemas Coronários* de Cyro dos Anjos.

## INTRODUÇÃO

Sempre gostei de ler, desde pequena. Com o apoio e constante elogio de meus pais, a paixão pelos livros e pela escrita só aumentou, quando estava no ensino médio decidi cursar a licenciatura em Letras para percorrer um caminho de muitas leituras e escritas. Moro em Patrocínio, Minas Gerais, e em 2012, fui aprovada no Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), sendo bolsista pelo PROUNI e de Iniciação Científica (PIBIC). Os temas que desenvolvi no meu projeto de graduação foram “*Reflexões sobre o aproveitamento da linguagem musical no livro didático*” e “*Literatura e Música: A abordagem didática dos textos*”, sob orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Helânia Cunha de Sousa Cardoso. A oportunidade de atuar como bolsista durante toda formação na graduação permitiu minha dedicação à vida universitária, através da participação em seminários, congressos, cursos, encontros de estudantes, movimento estudantil, monitorias, pesquisas e projetos de extensão universitária. Foi na graduação que descobri o gosto pela pesquisa e, sobretudo pela pesquisa no campo da literatura.

Cursando Literatura Brasileira no último ano do curso de Letras, conversei com o professor Dr. Luis André Nepomuceno a respeito do meu interesse em ingressar no mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, que, na época, era denominado mestrado em Teoria Literária. Conversamos a respeito do meu projeto para entrar no programa e foi nesse momento que o professor Luís, pelo qual serei eternamente grata, me apresentou o escritor Cyro Versiani dos Anjos (1906-1994), mais conhecido como Cyro dos Anjos: um escritor mineiro de Montes Claros, com uma obra composta por sete livros, dentre os quais o romance *Abdias* foi a minha escolha para ser meu objeto de estudo.

Fui aprovada no mestrado em 2015 e tive como orientadora a Prof. Dra. Joana Luiza Muylaert de Araújo, que gostou do meu projeto de pesquisa, já que tinha interesse na leitura e no estudo de escritores mineiros, além da temática da escrita de si e da memória que são itens constantemente trabalhados pela professora. Discutimos os caminhos a serem seguidos no meu trabalho, ela me sugeriu inúmeras leituras e me acompanhou e ajudou imensamente nessa trajetória de estudo a respeito de Cyro dos Anjos. No primeiro ano de mestrado cursei as disciplinas obrigatórias e no início de

2016 tive a oportunidade de atuar no mestrado como bolsista CAPES, facilitando minhas idas à Uberlândia, meu acesso à biblioteca e o contato com a minha orientadora.

Meu interesse por romances vem desde os primeiros livros que li. *Abdias*, o segundo romance de Cyro dos Anjos, sendo um romance escrito em forma de diário, me chamou muita a atenção pelo enredo intimista e pelos elementos de confissão, que aproximam o leitor da obra. Senti-me confiante do personagem Abdias desde as primeiras páginas. Bem como comecei a me interessar em estudar sua narrativa melancólica e fantasiosa.

Cyro dos Anjos pertence à literatura brasileira dos anos 30. Para uma compreensão das condições de escrita e circulação de *Abdias*, julguei imprescindível recorrer a leituras sobre o chamado “romance de 30”, designação, a meu ver, bastante vaga. Nas palavras de Luís Bueno “Levada ao pé da letra deve ser aplicada a qualquer romance publicado na década de 1930, ou a qualquer autor surgido naquela época” (BUENO, 2006, pág. 16). Luís Bueno explica que considerar a expressão ao pé da letra implicaria um problema de compreensão, pois ela pode ser cristalizada na designação de algo bem específico. Sendo, nas palavras do autor: “o romance dito social ou regionalista publicado entre a estreia de José Américo de Almeida e as de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, ou seja, do final dos anos de 1920 a meados da década de 1940.” (BUENO, 2006, pág. 16). O que não poderia abarcar todas as tendências do período. A designação cristalizada não abre espaço para outros autores que pertenceram ao período, como Cyro dos Anjos.

A década de 30 no Brasil revelou uma geração de poetas e romancistas, escritores preocupados com a realidade brasileira. Historicamente, o período do romance de 30 vinha cercado por acontecimentos como a quebra da Bolsa de Nova York, o Estado Novo de Getúlio Vargas, o período entre guerras, o enfraquecimento da política “café-com-leite” e o desenvolvimento da indústria brasileira.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Julgamos que Antonio Candido discorre de forma muito clara sobre a década de 30 no Brasil em sua obra *Brigada Ligeira*, portanto colocaremos aqui uma citação longa do estudioso:

Um pouco antes de 1930, e se integrando na mesma corrente popular que acentuou por um momento o rosa burguês da revolução, surgiu o chamado romance do Nordeste. Surgiu e se colocou, pela primeira vez na literatura nacional, como um movimento de integração ao patrimônio da nossa cultura da sensibilidade e da existência do povo, não mais tomado como objeto de contemplação estética, mas de realidade rica e viva, criadora de poesia e de ação, a reclamar seu lugar na nacionalidade e na arte, que, neste momento, tocava o ponto vivo da sua missão no Brasil. Há sempre para ela um papel a desempenhar, e feliz quando consegue fazê-lo. Estava procedendo à descoberta e consequente valorização do povo; ligando-o, portanto, ao nosso patrimônio estético e ético, num magnífico trabalho de preparo ao aspecto político da questão, por que ainda esperamos. E estava, ao mesmo tempo, garantindo à literatura brasileira a sua sobrevivência como fenômeno cultural, porque lhe mostrava o caminho e o trabalho a

Na literatura brasileira dos anos 30, temas envolvendo as relações do "eu" com o mundo; obras envolvendo questões ligadas ao regionalismo; romances psicológicos e urbanos; o poético-metafísico e a narrativa surrealista; assim como a mistura da temática cotidiana com a temática histórica social são elementos que foram explorados. Além disso, alguns autores também abordavam reflexões sobre as preocupações sociais e políticas que agitavam o Brasil na época.

Sobre a realidade social das obras, Luís Bueno afirma:

A realidade social aparece sobre dois focos diferentes. Apresentada “de fora”, num uso mais ou menos típico da terceira pessoa do realismo do século XIX, consistente, portanto com aquilo que em princípio se poderia esperar. Ou, inesperadamente, apresentada “de dentro”, filtrada por uma personalidade que sofreu diretamente os efeitos de que acontecia no mundo que habitava. E essa é uma contribuição importante do romance de 30, a figuração de uma dada realidade em formato do que se pode chamar de testemunho. (BUENO, 2006, p. 24)

Na ficção de 1930, “O narrador em primeira pessoa, [...] pôde servir para um romance em princípio interessado em mostrar o que está fora do indivíduo, instrumentalizando-o para que um processo social, coletivo, pudesse vir à tona com mais força” (BUENO, 2012, p. 35). Tanto as obras regionalistas quanto as intimistas trazem uma íntima relação entre o processo social e a experiência individual. Ainda segundo Bueno:

As cenas coletivas, por exemplo, têm seu sentido radicalmente alterado se deixam de ser apresentadas por um narrador distante e onisciente, que pode com facilidade projetar sobre os personagens as pequenas ou grandes misérias sociais que lhe interessa ilustrar. Em

---

serem realizados. Até aí o romance fora feito em vista da satisfação da burguesia litorânea, mais ou menos europeizada. E por escritores burgueses, na sua maioria. Ou que se aburguesavam. A partir daí, vamos ver um fenômeno diferente: em grande parte os escritores procuram se desburguesar. Ao fazerem isso, vão tentar pôr de lado uma série de valores culturais próprios à burguesia litorânea. Vão viver menos obsessivamente voltados para a Europa; vão aceitar o povo, realizando e dando sentido humano ao programa estético dos rapazes do movimento de 1922. O romance começa, pois, a não ser mais romance para classe. É ainda de classe, porque os seus autores não podem se desprender da sua, burguesa. Mas porfiam em atenuar esta circunstância por uma reação ao que até então fora a literatura burguesa, tentando menos favorecer à burguesia o tipo de romance que lhe convinha, e que ela queria, do que criar livremente no sentido muito mais amplo do povo. A seleção dos temas e a intenção que animava a sua escolha falam bem claramente deste espírito. Uns escritores se colocavam no ponto de vista do burguês decadente para chegar ao povo. Outros procediam à análise impiedosa da própria classe, como Graciliano Ramos para a pequena e Octavio de Faria, vindo de outra corrente, para a grande burguesia. Escritores como Rachel de Queiroz procuravam mostrar o que há de sofrimento e de virtualidade na existência do povo e nos seus movimentos. Cyro dos Anjos, em Minas, fazia o processo do intelectualismo pequeno burguês, mostrando as perspectivas desoladoras e paralisantes do seu requinte sem seiva. (CANDIDO, 2011, p. 42-43)

primeira pessoa, o filtro da subjetividade impede esse tipo de procedimento. (BUENO, 2006, p. 23)

Autores escreveram sobre o homem em várias faixas da sociedade brasileira em situações diversas, tais como a narrativa do cotidiano mais complexo e tenso, semelhante à realidade, em que são abordadas questões como as diferenças de classe, injustiças sociais, miséria, o sincretismo religioso, entre outros. Houve também uma produção voltada para a introspecção psicológica. Segundo a estudiosa Ana Paula F. Nobile Brandileone “num momento de incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira, de evidente debate em torno da história nacional, da situação de vida do povo no campo e na cidade, Cyro dos Anjos surgiu como uma voz dissonante” (BRANDILEONE, 2007, p. 84). A obra de Cyro dos Anjos encaixa-se num contexto ambientado no cenário urbano e caracteriza-se pela sondagem psicológica. Sua prosa urbana retrata a vivência do homem na cidade e seus conflitos sociais, enfatizando as dualidades: relação entre ser humano e meio, e ser humano e sociedade. Sobre os livros dos escritores de Minas, Antonio Candido diz que são:

Livros que lidam com os problemas do homem num tom de tal modo penetrante que autor e leitor se identificam, num admirável movimento de afinação. Não são livros que se imponham de fora para dentro, vibrantes, cheio de força. Insinuem-se lentamente na sensibilidade, até se identificarem com a nossa própria experiência. (CANDIDO, 2011, p. 79)

Brandileone ressalta a diferença da escrita dos romances de Cyro dos Anjos na literatura de 1930: “explorou as suas potencialidades: a inconclusividade, a liberdade, as possibilidades concernentes ao tratamento da linguagem e, acima de tudo, por glosar o mundo misturado, a partir do hibridismo dos gêneros” (BRANDILEONE, 2007, p. 92). Sobre o autor, Constância Lima Duarte diz:

Filho de conhecido professor-fazendeiro, e de mãe também instruída, Cyro dos Anjos teve a trajetória esperada para um rapaz de sua posição social. Ainda jovem mudou-se para Belo Horizonte, estudou Humanidades, bacharelou-se em Direito e, como amanuense qualificado, ocupou inúmeros cargos na administração pública ao longo da sua vida. Era previsível que integrasse também o grupo de escritores capitaneados por Drummond, João Alphonsus, Guilhermino e Emílio Moura, pois frequentavam os mesmos cafés, as mesmas redações de jornais, os mesmos ideais. (DUARTE, 2009, p. 179)

Um escritor de qualidade não precisa publicar dezenas de livros. Cyro dos Anjos possui uma obra relativamente pequena, é um escritor mineiro, nascido em 1906, foi

amigo de diversos escritores do movimento modernista em Minas Gerais, como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Emílio Moura, Aníbal Machado e Abgar Renault.<sup>2</sup> De acordo com Ivan Marques “Quatro anos mais novo que os rapazes do círculo de Drummond, Cyro foi um ‘modernista retardatário’ que só aderiu ao grupo quando o movimento estava acabando” (MARQUES, 2011, p. 200).

A obra de Cyro dos Anjos é fortemente influenciada pela de Machado de Assis, apresentando, assim como a do mestre realista, uma constante oscilação entre a melancolia e o humor. Segundo Marques:

Nada pareceria mais contrário ao espírito aventureiro dos modernistas do que os rigores de composição de Cyro dos Anjos. À disciplina da língua, apreendida por ele nas escolas mineiras de latinidade, soma-se o apego ao bom vernáculo, o brilho da filologia, o glossário de achados quinhentistas, e com tudo isso se tece a página caprichosa, com “sabor de perenidade”, que passa a figurar em gramáticas e dicionários. Essa prosa simples, porém clássica e impecável, foi comparada desde o começo com a de Machado de Assis. No plano formal, as semelhanças se notam em vários níveis: na linguagem refinada, na paixão pela elipse e pelo fragmento, no exercício constante da ironia, no enxame de teorias e citações, etc. (MARQUES, 2011, p. 200)

Em uma entrevista concedida a Jorge de Souza Araújo, em 1988, quando perguntado sobre quais influências ele destacaria em suas obras, Cyro dos Anjos respondeu: “[...] tudo o que se lê, influi sobre o que se escreve. Todo escritor deixa na gente um traço. A influência mais marcante que recebi foi a de Machado de Assis, que foi para mim um deslumbramento aos dezesseis anos de idade” (ANJOS *apud* ARAÚJO, 1988, p. 15). Sobre essa influência de Machado, Antonio Candido ressalta que é importante deixar claro, além da semelhança, também a diferença entre os dois:

Falou-se muito em Machado de Assis a propósito de Cyro dos Anjos, insistindo-se sobre o que há de semelhante no estilo e no humorismo de ambos. O que não se falou, porém, foi da diferença radical que existe entre eles: enquanto Machado de Assis tinha uma visão que se poderia chamar dramática, no sentido próprio, da vida, Cyro dos Anjos possui, além dessa e dando-lhe um cunho muito especial, um maravilhoso sentido poético das coisas e dos homens. O que é admirável, no seu livro, é o diálogo entre o lírico, que quer se abandonar, e o analista, dotado de *humor*, que o chama a ordem; ou ao contrário, o analista querendo dar aos fatos e aos sentimentos um valor quase de pura constatação, e o lírico chamando-o a vida, envolvendo uns e outros em piedosa ternura. (CANDIDO, 2011, p. 76)

---

<sup>2</sup> Ao final desse trabalho apresentamos duas fotografias, encontradas via internet, de Cyro dos Anjos com Carlos Drummond de Andrade e de Emílio Moura desenhando uma caricatura de Cyro dos Anjos. Seguem no anexo I e II.

Ainda sobre as influências de Cyro dos Anjos, Ivan Marques afirma:

Em sua formação literária, as antigas admirações – Machado, Eça, Anatole, Alphonsus de Guimaraens – se mantiveram a contrapelo das novidades do modernismo europeu. Para além dos clássicos, havia também as influências de escritores franceses contemporâneos, como Georges Duhamel e André Gide (além, é claro, de Proust), que também destoavam do futurismo e das outras correntes da vanguarda. (MARQUES, 2011, p. 200)

Os principais romances do autor em estudo são *O Amanuense Belmiro* (1937) e *Abdias* (1945), ambos em forma de diário, escritos por narradores em primeira pessoa, por homens que estão em busca de sua identidade social. Cyro dos Anjos afirma: “Em *O Amanuense* e no *Abdias* a narrativa é centrada no destino de um personagem ou flui pelo prisma de uma consciência” (ANJOS *apud* STEEN, 1981, p. 115). Constância Lima Duarte destaca que “nos dois primeiros, escritos em forma de diário que parece acompanhar o fluxo da memória, os personagens oscilam entre o desejo e a inércia, e deixam a vida passar entre o devaneio e a frustração intelectual” (DUARTE, 2009, p. 180). Memória e introspecção fundem-se nos observadores discretos da vida urbana de personagens humildes e simples. Marques ressalta que “poucos escritores foram tão fiéis ao gênero autobiográfico quanto ele, que a rigor sempre escreveu memórias – romanceadas ou ‘imaginárias’, nos dois primeiros romances, e ‘verdadeiras’, embora líricas, em *A menina do sobrado*” (MARQUES, 2011, p. 213).

Cyro dos Anjos é um escritor perspicaz, com uma obra composta por quatro romances: *O Amanuense Belmiro* (1937), *Abdias* (1945), *Montanha* (1956), *A Menina do Sobrado* (1979); um livro de ensaios *A Criação Literária* (1954); e um de seus poemas bissextos, *Poemas Coronários* (1964). Entre os romances escritos por Cyro dos Anjos, a obra *O amanuense Belmiro* é a mais famosa, por esse motivo é também a mais editada, sendo dezessete edições. Nos dias atuais *O amanuense Belmiro* ainda é o livro mais conhecido e, inclusive, o mais estudado do autor. Neste trabalho, no entanto, o *corpus* compõe-se do romance *Abdias*.

Entre a escrita de *Abdias* e *Montanha*, passaram-se dez anos. Sobre esse longo intervalo, Cyro dos Anjos explicou: “Do meu natural, sou preguiçoso e lerdo. Uma autocrítica, talvez excessiva, aumenta-me essa lerdeza. Além disso, meu voo é curto, tenho o fôlego fraco” (ANJOS *apud* STEEN, 1981, p. 107). Mas seria um engano pensar que o motivo pela escrita de seus poucos livros seja apenas “preguiça e lerdeza”, segundo Constância Lima Duarte “Cyro dos Anjos não publicou muito. Na verdade,



como aconteceu com outros escritores desse tempo, as demandas dos cargos de confiança e as atribuições sociais absorveram-no de tal forma que sobrou pouco tempo para a literatura” (DUARTE, 2009, p. 179). Outro motivo para a escrita de poucos livros pode também estar relacionada ao medo da censura. Duarte, ao falar sobre os escritores Walter Benjamin e Cyro dos Anjos, afirma sobre Cyro dos Anjos:

Na falta de liberdade para se expressar, o intelectual não tem opção. O projeto anunciado – um balanço dos anos de chumbo através de um romance – era a forma de um escritor de espírito liberal, que participou do período JK, e depois viveu nos anos 1968 e 1969 em Brasília, mostrar a sua indignação. Mas ele prefere entregar as armas – abandonar a escrita – num gesto de autopreservação. A falta de liberdade, a censura, os inquéritos policiais e militares, eram bem conhecidos do velho professor. Diante do poder coercitivo da repressão o intelectual não tem escolha: nem passatempo, nem obra engajada. Guardadas as devidas proporções, tanto Cyro como Benjamin sofrem na pele o peso dos regimes autoritários. Um será levado ao suicídio. O outro, ao silêncio. (DUARTE, 2009, p. 184)

Ivan Marques aponta que:

Nos anos 30 e 40, com a expansão da máquina burocrática e o trabalho de “construção institucional” movido por Getúlio Vargas, não só aumentou consideravelmente o número de funcionários do país, como também reforçou a antiga simbiose, que vinha do tempo do Império, entre serviço público e literatura. (MARQUES, 2011, p. 222)

Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade foram dois escritores brasileiros que se conheceram em Belo Horizonte (1920), trabalhando juntos no Diário de Minas. Tornaram-se amigos e começaram a trocar correspondências por toda a vida. Segundo Wander Melo Miranda: “Tornaram-se compadres, confidentes, na vida e na escrita” (MIRANDA, 2012, p. 5). Ambos partilhavam essa rotina entre serviço público e literatura. Ivan Marques diz que:

No romance de Cyro dos Anjos, assim como na poesia de Drummond, o que se observa é a “fatalidade histórica” de um sujeito colocado entre dois pontos: o latifúndio e a vida urbana. Nas cidades, os pequenos mundos rurais se pulverizam, as classes se misturam e o estilo de vida patriarcal é substituído pela mediania em que nada se distingue. (MARQUES, 2011, p. 212)

No período da publicação de *Abdias*, Drummond recebeu um exemplar da obra e enviou a seguinte mensagem via carta para Cyro dos Anjos no dia 11 de novembro de 1945:

Obrigado pelo *Abdias*, que eu já agradecera num telegrama breve, apenas para registrar uma pequena impressão de leitura. Apesar de considerar o *Amanuense* uma coisa literariamente perfeita, achei que neste novo romance você conseguiu mais da arte de escrever. Uma descrição maior, dentro da mesma segurança técnica. Os dois livros se aproximam muito, como você será o primeiro a reconhecer, porém não há repetição, e sim variações novas do mesmo tipo humano. De resto, o que mais me interessou em *Abdias* foi a escrita em si, pois ando preocupado com esse problema, e despreocupado de quaisquer “mensagem” ou sentidos que a obra possa trazer. E repito que fui sensível aos achados, tão pouco ostensivos mas tão autênticos, de seu novo trabalho. (DRUMMOND, 2012, p. 118)

Em resposta a carta de Drummond sobre a obra *Abdias*, Cyro dos Anjos respondeu humildemente no dia 22 de novembro de 1945 com a seguinte mensagem: “Prezado Carlos, guardei, com carinho, suas palavras sobre o Abdias. Ainda descontando o que há de benevolência e simpatia no seu julgamento, sobra o bastante para encorajar o autor” (ANJOS, 2012, p. 119). Em observação às cartas entre Cyro dos Anjos e Drummond, publicadas no livro *Cyro & Drummond*, é perceptível que nessa amizade, Cyro dos Anjos ocupa um papel de admirador de Drummond, se comporta como um aprendiz, sempre humilde ao receber elogios sobre sua própria obra, ao mesmo tempo que demonstra grande apreciação pelo trabalho do poeta.<sup>3</sup>

De acordo com Marques, para Drummond e Cyro:

O importante era expor a precariedade do individualismo e desaprovar “a conduta (ou falta de conduta) espiritual do autor”. Com isso, realizava-se o duplo esforço de encerrar uma etapa pessoal e ao mesmo tempo sintetizar a experiência modernista. Ambos os escritores estariam trabalhando no sentido de mostrar, pela impossibilidade de resistir “a vida presente”, a necessidade de resistir e sobreviver ao passado, que no entanto voltaria sempre a repontar. (MARQUES, 2011, p. 246)

Sobre a escrita de Cyro dos Anjos, Duarte afirma que:

Escrever, para Cyro, era um ofício que exigia disciplina e apuro da técnica, pois o Autor, longe de ser um predestinado, era encarado como trabalhador da palavra e um intelectual com responsabilidade

---

<sup>3</sup> Através da leitura da obra *Cyro & Drummond* foi possível observar a atitude de Cyro dos Anjos como um grande admirador de Carlos Drummond de Andrade em diversos momentos. Do mesmo modo humilde como ele respondeu ao elogio de Drummond a respeito de sua obra *Abdias*, ele também o fez quando o elogio se referiu a sua obra *Poemas Coronários*: “Meu caro Poeta, sua carta, a propósito dos *Poemas Coronários*, tão generosa, me teria encorajado a trilhar a vereda nova, se a prudência não me puxasse a aba do paletó e me lembrasse quanto o Compadre é indulgente senão conivente com as temeridades dos amigos” (ANJOS, 2012, p. 255). Cyro dos Anjos diz que com os elogios do poeta até se aventuraria a escrever poesias, mas o bom senso lhe puxa a orelha e ressalta que Drummond se mostra sempre favoravelmente disposto na apreciação de seus trabalhos, sendo um cúmplice amigo de todas as suas obras. Daí percebemos certa dificuldade em aceitar elogios, em enxergar a qualidade da própria obra.

pública. Daí a coerência tão zelosamente buscada, a obra enxuta, a valorização da competência profissional, a defesa da liberdade de criação. (DUARTE, 2009, p. 179)

E em *Abdias*, quem seria Abdias? O nome da obra em questão se refere também ao nome do personagem principal, um homem casado, pai de três filhos, diretor de um importante arquivo histórico, morador de Belo Horizonte, natural do interior de Minas Gerais, vindo de uma cidadezinha chamada Várzea dos Buritis. O romance começa mostrando um convite recebido por Abdias, para que ele ministrasse aulas como professor substituto em um colégio de elite de Belo Horizonte, chamado Colégio das Ursulinas. Ele deveria lecionar Literatura para moças pertencentes à alta classe por um determinado período, mas, o que ocorre é que Abdias acaba por se tornar um professor efetivo dessa instituição.

O ponto de maior tensão do romance é o sentimento amoroso que Abdias começa a nutrir por uma de suas alunas. A estudante se chama Gabriela e é uma das mais ricas alunas do colégio. A escrita de Abdias em seu diário começa a ser totalmente dedicada a fatos relacionados à jovem. Seu objetivo de todos os dias é se encontrar com ela, cuja mãe, por aparente coincidência, havia sido sua namorada no seu passado em Várzea dos Buritis, passado que Abdias relembra e tenta reconstruir de várias maneiras durante a narrativa.

Influenciado pelo ambiente luxuoso do colégio e pelas memórias de quando era jovem no interior de Minas, Abdias se imagina capaz de conquistar Gabriela e narra inúmeras tentativas em vão de namorar a moça. A obra *Abdias* gira em torno desse relacionamento idealizado pelo personagem principal. O objetivo central deste estudo é verificar as complexas relações tecidas nesse romance entre a escrita do “diário”, espaço e memória. “Várzea dos Buritis”, “Belo Horizonte” e o “Colégio das Ursulinas” são três espaços que sustentam e recuperam o relato memorialístico em *Abdias*.

Para a análise crítica do romance, o ponto de partida foi a pesquisa bibliográfica e webliográfica sobre os temas em questão. O primeiro passo da pesquisa consistiu na leitura da fortuna crítica a respeito da obra de Cyro dos Anjos. Depois desse levantamento, iniciamos a leitura de pressupostos teóricos que balizassem as análises futuras.

O primeiro capítulo, “A escrita de si no diário de *Abdias*” é subdividido em três seções: “Cyro dos Anjos e sua obra *Abdias*” onde foram apresentadas informações sobre vida e obra do autor em estudo; “Um romance diarístico” com informações a

respeito da composição da obra, bem como resumo de seu enredo; e “A escrita de si em *Abdias*” tópico em que o conceito de escrita de si, a partir dos estudos de Diana Klinger, Blanchot, Barthes, Foucault e Lejeune são utilizados para análise da escrita do diário do personagem Abdias. Compreende-se que o narrador em primeira pessoa faz uso de uma escrita intimista e confessional, estabelecendo um contato estreito com o leitor e, nesse desabafo constante, Abdias fantasia a vida que sonha ter, o mundo aristocrático ao qual sempre quis pertencer e seus devaneios e atitudes inconsequentes.

No segundo capítulo, “Memória e espaço em *Abdias*”, os textos de Ecléa Bosi auxiliam na compreensão do conceito de memória, sendo possível realizar uma análise da questão memorialística que se apresenta em *Abdias*. Todos os conflitos da vida do autor se iniciam no exato momento em que ele adentra o colégio de elite: o ambiente, as pessoas e, sobretudo sua aluna Gabriela, o fazem lembrar-se do tempo em que morava em Várzea dos Buritis e já sonhava em ter contato com lugares frequentados por pessoas da alta burguesia. Antonio Candido afirma que “Cyro dos Anjos, artista sutil das recordações, constrói a sua obra numa confluência do passado com o presente” (CANDIDO, 2011, p. 82). Neste capítulo essa confluência será exposta e debatida. A proposta do subcapítulo, “Colégio das Ursulinas e Várzea dos Buritis: Entre o passado e o presente”, é, a partir dos estudos de Oziris Borges Filho, Osman Lins, e de Yi-Fu Tuan, compreender o conceito de espaço e realizar uma análise da obra mostrando o papel do espaço no enredo do romance.

O terceiro capítulo, “Como termina o diário de *Abdias*” a partir do texto “*Como terminam os diários?*” de Philippe Lejeune, visa analisar o término da escrita de Abdias, a mudança de comportamento do protagonista, bem como a significação do término do diário do mesmo.

A obra *Abdias* de Cyro dos Anjos é o objeto de estudo do presente trabalho, que a analisando pretende-se realçar a complexidade da escrita do diário de Abdias, apresentando um personagem cuja narrativa intimista e confessional, sugere ao leitor todas as verdades da rotina de sua vida, mas deixa escapar em suas entrelinhas que nem tudo está exposto às claras. É, no escuro e no que não foi escrito em seus relatos, que buscamos adentrar ainda mais em seu mundo fantasioso particular.

# 1. A ESCRITA DE SI NO DIÁRIO DE ABDIAS

## 1.1 CYRO DOS ANJOS E SUA OBRA *ABDIAS*

Cyro dos Anjos é considerado um romancista intimista e poético da geração literária de 1930. Foi jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista. Nasceu em Montes Claros, Minas Gerais, no dia 5 de outubro de 1906, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 4 de agosto de 1994.

O autor foi filho do casal: Antônio dos Anjos e Carlota Versiani dos Anjos e tinha treze irmãos, sendo ele o filho mais novo. Começou os estudos em Montes Claros e fez seus estudos secundários aos treze anos, na Escola Normal da mesma cidade. Em fins de 1923, foi para Belo Horizonte, e se formou no curso Direito na Universidade Federal de Minas Gerais em 1932. Durante a faculdade, trabalhou como funcionário público e jornalista. Trabalhou no *Diário da Tarde* (1927); no *Diário do Comércio* (1928); no *Diário da Manhã* (1920); no *Diário de Minas* (1929-1931); em *A Tribuna* (1933) e no *Estado de Minas* (1934-1935).<sup>4</sup>

Segundo Myriam Ávila:

O alto número de cargos burocráticos exigidos pelo caráter administrativo da capital reuniu inédita quantidade de funcionários públicos em Belo-Horizonte, ocasionando um leque de nuances de classe desconhecido até então. O trabalho assalariado seja no serviço público ou nas fábricas e no comércio passou a ser a regra, em lugar das antigas relações entre senhores e prestadores de serviço, marcada por favores e informalidade. Circular entre os prédios “elegantes e higiênicos”, pelas “ruas largas e arborizadas” exigia boa apresentação, trajes limpos e bem conservados, maneiras ao mesmo tempo mais cortesias e mais distantes. Embora, nos diversos círculos sociais assim formados, todos acabassem por se conhecer de vista e de cumprimento, nem todos se frequentavam, nem era mais tão franqueada a entrada nas casas de família. Como todos vinham de outras cidades, ninguém era originalmente belo-horizontino, todos eram “de fora”, todos lutavam por estabelecer um código comum de convivência que extrapolava os hábitos da vida anterior. (ÁVILA, 2008, p. 16-17)

Cyro dos Anjos, já formado, tentou a advocacia na sua cidade natal. Desistindo da profissão, voltou à imprensa e ao serviço público. Em Minas, exerceu os seguintes cargos: oficial de gabinete do secretário das Finanças (1931-1935); oficial de gabinete

---

<sup>4</sup> Biografia do autor Cyro dos Anjos retirada do site da “Academia Brasileira de Letras”.

do governador (1935-1938); diretor da Imprensa Oficial (1938-1940); membro do Conselho Administrativo do Estado (1940-1942); presidente do mesmo Conselho (1942-1945). Foi professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (1940-1946), na qualidade de fundador.

Sobre a atividade de trabalhar em gabinetes, Cyro dos Anjos comentou em uma entrevista:

Os políticos precisam de redatores, os governadores precisam de redatores, então eu pertenci a um grupo de oficiais de gabinete. Lá em Minas, o Drummond foi oficial de gabinete, o Emílio Moura, o Guilhermino César e vários outros. O intelectual era mobilizado para o serviço público porque sabia redigir. (ANJOS *apud* ARAÚJO, 1988, p. 105)

Cyro dos Anjos era um intelectual de sua época e tentava mesclar o serviço público com sua escrita literária. Sobre essa relação de trabalho nos gabinetes e literatura ele disse:

As atividades de gabinete atrapalhavam a literatura, porque eu me exauria redigindo discursos, projetos de leis, cartas políticas, entrevistas. Toda essa atividade afim à literatura exaure o escritor. Eu até presumo que se não tivesse passado por essas experiências, teria feito obra mais extensa. A minha é muito reduzida. Não creio que o público tenha perdido com isso nada, não, estou apenas fazendo uma constatação. Suponho que produzi muito pouco na literatura, porque produzi muito no serviço público. (ANJOS, 1988, p. 105)

Em 1933, como redator de *A Tribuna*, Cyro dos Anjos publicou uma série de crônicas que seriam o germe do seu mais famoso romance, *O amanuense Belmiro* (1937), de análise psicológica, escrito na linha machadiana, explorando a vida de um funcionário público da capital mineira. Segundo Ananda Nehmy de Almeida, em seu trabalho *A modernidade em Cyro dos Anjos: Conflitos de um amanuense*:

O escritor dedicava pouco tempo à literatura em comparação com a sua atividade como *ghost-writer* no Estado, escrevendo entrevistas e discursos políticos. Publicado em 1937 pelo próprio autor, *O amanuense Belmiro* foi concluído quando Benedito Valadares, governador do Estado de Minas Gerais, foi a Poços de Caldas para receber o presidente Getúlio Vargas. Cyro dos Anjos, que escrevia apenas nos dias de folga ou nas férias, liberou-se do trabalho como oficial de gabinete do governador por trinta dias, finalizando o seu primeiro romance memorialista. (ALMEIDA, 2009, p. 11-12)

Sobre a influência machadiana destacada por vários críticos ainda em sua época, Cyro dos Anjos destacou que: “Eu diria que, ao invés de influência, o que existe é uma certa afinidade. Há, digamos, famílias de escritores, por afinidade.” (ANJOS *apud*

ARAÚJO, 1988, p. 106). Almeida aponta que “enquanto os personagens machadianos seriam irônicos, cínicos, céticos, os personagens de Cyro seriam simplórios e líricos, despertam a piedade dos leitores” (ALMEIDA, 2009, p. 21-22).

Em 1946, Cyro dos Anjos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ocupou durante o governo Dutra, as funções de assessor do ministro da Justiça, diretor do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, IPASE (1946-1951), e presidente do mesmo Instituto, em 1947. Colaborou também em diversos órgãos da imprensa carioca.

Convidado, em 1952, pelo Itamarati, a reger a cadeira de Estudos Brasileiros, junto à Universidade do México, residiu nesse país até 1954, quando foi transferido para igual posto na Universidade de Lisboa. Em Portugal publicou o ensaio *A criação literária* (1954). Em fins de 1955 regressou ao Brasil, e, em 1957, foi nomeado subchefe do gabinete civil da Presidência da República. Sobre a experiência de ter trabalhado como sub-chefe do gabinete civil do presidente Juscelino Kubitschek, Cyro dos Anjos disse: “Levado pela necessidade de ganhar a vida, criar a família, eu sempre trabalhei em gabinetes. Juscelino era um homem encantador. Mas a atividade de oficial de gabinete é detestável.” (ANJOS *apud* ARAÚJO, 1988, p. 105) Com o governo Kubitschek, transferiu-se para Brasília, onde exerceu, depois, as funções de conselheiro do Tribunal de Contas e de professor da Universidade. Participou da Comissão designada pelo Governo Federal, em 1960, para planejar a Universidade Nacional do Brasília, vindo a ocupar a função de coordenador do Instituto de Letras da mesma Universidade. Ali regeu, na qualidade de professor titular extraordinário, em 1962, o curso “Oficina Literária”. Aposentado em 1976, voltou a residir no Rio. Não se desligou das atividades do ensino, continuando a ministrar, na Faculdade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o curso “Oficina Literária”.

O autor em estudo recebeu os seguintes prêmios literários: da Academia Brasileira de Letras, pelo romance *Abdias* (1945); do PEN Clube do Brasil e da Câmara Brasileira do Livro, pelos livros *Explorações no tempo* (1963) e *A menina do sobrado* (1979).

O romance *Abdias*, escrito em 1945, foi a obra de Cyro dos Anjos selecionada para este trabalho que apresentará um estudo acerca do diário e memória. Sobre a escrita de si, Michel Foucault diz que “Não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer”

(FOUCAULT, 2011, p. 6-7). Este estudo não se trata de simplesmente associar Cyro dos Anjos ao personagem em estudo Abdias, o sujeito Cyro dos Anjos que escreve, desaparece para que a obra seja estudada em si, mesmo que ainda se consiga apontar semelhanças entre autor/personagem. Ainda segundo Foucault, “seria igualmente falso buscar o autor tanto do lado do escritor real quanto do lado do locutor fictício: a função autor é efetuada na própria cisão – nessa divisão e nessa distância” (FOUCAULT, 2011, p. 19).

Constância Lima Duarte aponta algumas curiosidades entre Cyro dos Anjos e Abdias: “Dado interessante é o fato de Abdias ser professor de Literatura Brasileira e Portuguesa, tal como seu criador” (DUARTE, 2009, p. 181). Lima Duarte ainda observa que “a confissão de Abdias, revelando como foram difíceis os primeiros anos na capital, lembra certos comentários que Cyro dos Anjos fez mais tarde acerca de sua timidez, das saudades de casa, e da admiração curtida a distância pelos rapazes da *Revista*” (DUARTE, 2009, p. 181).

Segundo Almeida, “a recepção crítica de Cyro dos Anjos apresenta leituras que focalizam temas como a figura do escritor, a burocracia, as oposições urbano e rural e as influências literárias do romancista” (ALMEIDA, 2009, p. 100). Fato semelhante e indispensável para compreensão da obra *Abdias* é apontar sobre o personagem protagonista típico intelectual. As referências literárias do romancista Cyro dos Anjos em suas obras são várias. Abdias elabora uma narrativa permeada de diálogos literários, dignos de um estudioso assíduo, assim como o autor Cyro dos Anjos.

Um exemplo dessa rede de citações é a preocupação do personagem Abdias, em seu íntimo, a respeito da crítica que poderia ter em relação à construção do seu texto. Cyro dos Anjos, era um intelectual também preocupado com a crítica voltada para si. Como podemos verificar em uma carta de Cyro dos Anjos para Carlos Drummond de Andrade, em que o mesmo se preocupa com um pequeno detalhe de correção referente a uma carta enviada anteriormente:

Meu caro Carlos, ao guardar a cópia da carta que lhe enviei a 25, vi que, por distração, a datilógrafa escreveu avidez, em vez de aridez, e pôs um g, no lugar do j, de engajar. Não por mim, mas pelo destinatário, é de presumir que a carta, se guardada, venha a ser lida por futuros biógrafos. Achar-se-ia descabida, no texto, a palavra avidez. E o infeliz g conduziria a um mau juízo acerca dos acontecimentos etimológicos e ortográficos deste velho escriba. Assim, com vista aos pósteros, peço fazer no original as competentes correções... (ANJOS, 2012, p. 279)



Pela leitura do único livro de poemas do escritor Cyro dos Anjos, uma obra de doze poemas, é perceptível que em alguns deles aparecem traços referentes às suas demais obras. São temáticas que Cyro dos Anjos carregou por toda sua vida, até o leito de morte, já que esses poemas foram escritos quando ele se encontrava bastante doente. Ele não faleceu nesse momento, mas sua escrita melancólica revela questões com que o autor se preocupou em sua vida e em suas escritas. Em sua obra *Poemas Coronários*, no sexto poema, é possível verificar o receio da crítica:

Não sei quem sou nem o que valho,  
qualquer opinião me afeta  
qualquer esquivaça me agrava.  
Invejo Robinson Crusoé  
bastante a si mesmo  
forte, jovial, inventivo,  
Robinson Crusoé,  
acendendo o seu foguinho na ilha. (ANJOS, 2009, p. 31)

No poema acima percebemos uma clara crise de identidade, uma insegurança quanto à recepção crítica. Comparando esse “eu lírico” com o personagem Abdias, é possível observar em ambos uma certa inveja da juventude, do ser jovem “forte, jovial, inventivo”. Abdias também queria retomar sua vida e possibilidades de quando era jovem. A esse respeito, transcrevemos também o nono poema da obra:

De novo caminharei pelo Eixo Rodoviário  
contra a brisa do altiplano,  
lá, onde o céu teve de alongar-se para trocar a terra.  
O pulso está firme, ritmado. O corpo venceu a morte.  
Por quantos dias, anos, só as Parcas  
sabem e a ninguém o dizem.  
Quisera voltar desoprimido, leve,  
afastar meus espectros,  
sem eximir-me,  
pensão do homem,  
Alegria, minério raro!  
Mas sei que logo me erguerei contra mim  
serei meu pior inimigo  
recriminatório, batendo os punhos no peito, carregado de  
[culpas,  
atormentado de não ser o que desejara.  
Ó alma, tanta vez imaginariamente atribulada,  
pudesse ao menos fruir com sabedoria a dilação que te  
[outorgam! (ANJOS, 2009, p. 53)

Nesse, surge o questionamento sobre o que o poeta almejava ser, “atormentado de não ser o que desejara”. Pode-se relacionar esse sentimento do autor ao mesmo sentimento de Abdias que queria ser alguém que não conseguira. Esse poema é de uma

fase em que Cyro já estava em um momento de lucidez, vencera a doença e estava melhorando.<sup>5</sup>

No artigo “Estratégia” de Antonio Candido, o estudioso fala sobre a obra *O amanuense Belmiro* do romancista mineiro, destacando as leituras de Cyro dos Anjos e consequentemente de Belmiro que contribuem para caracterização de uma obra que trata do homem intelectual:

O acabamento, a segurança, o equilíbrio, a realização quase perfeita revelam o artista profundamente consciente das técnicas e dos meios do seu ofício, possuidor de uma visão pessoal das coisas, lentamente cristalizada no decorrer de longos anos de meditação e estudo. Porque esse romance é o livro de um homem culto. No seu subsolo circulam reminiscências várias de leitura, ecos de Bergson, de Proust, de Amiel, de autores cuidadosamente lidos ou harmoniosamente incorporados ao patrimônio mental. (CANDIDO, 2011, p. 73-74)

O mesmo ocorre em *Abdias*, pois o protagonista é um homem culto, intelectual e suas leituras são diretamente relacionadas às suas idealizações. Além disso, a poética de Cyro dos Anjos tem relação estreita com a figura do intelectual moderno. Nos dois primeiros romances, *O amanuense Belmiro* e *Abdias*, as vidas dos protagonistas eram divididas entre a atividade literária e a função pública. Na vida do próprio Cyro dos Anjos, essa divisão era claramente acentuada. Nas leituras aparecem referências literárias a todo o momento, que não servem apenas como traços acessórios, mas também interferem no enredo das obras, influenciando comportamentos, sendo tomadas como exemplos e inspirações.

---

<sup>5</sup> No anexo V deste trabalho, apresentamos também o último poema do livro *Poemas Coronários* de Cyro dos Anjos, onde o autor claramente explica o motivo pelo qual publicou esses poemas e agradece aos amigos que o incentivaram, sempre com a modéstia de dizer que essa escrita é uma “fraca função”. Comparando o eu lírico desse último poema (da obra *Poemas Coronários*) ao narrador Abdias (protagonista da obra *Abdias*): identificamos algumas coincidências como a menção à “moça bela”, citada também em *Abdias*; o medo da crítica “não castigueis com vosso reproche a Belmiro”; além da questão da classe social “menestrel dos mais pobres”.

## 1.2 UM ROMANCE DIARÍSTICO

– *As Ursulinas querem alguma coisa com você, Abdias...*

(ANJOS, 1963, p. 15)

Em *Abdias*, a caracterização da figura do professor, no olhar de Cyro dos Anjos, mostrava-se inovadora na literatura brasileira daquele período. De acordo com Ulysses Rocha Filho, em seu artigo *Representação do professor no romance Abdias, de Cyro dos Anjos*, “os profissionais do ensino que pertençam ao sexo masculino são poucos e frequentam, sobretudo, a literatura do século XIX; sua caracterização pode ser cotejada ao modo como aparecem em relatos de memórias da mesma época” (ROCHA FILHO, 2014, p. 2).

O personagem principal do livro torna-se um professor que narra sua vida em forma de diário. “Os personagens Belmiro e Abdias utilizam-se da escrita para ruminarem a própria vida. E o diário torna-se o elemento mediador entre o que se deseja e a realidade; um artifício para superarem a melancolia e a acomodação” (DUARTE, 2009, p. 181). Constância Lima Duarte, em seu texto “Cyro, Belmiro, Abdias: Intelectuais e sonhadores”, aponta a semelhança entre os narradores dos dois primeiros romances de Cyro dos Anjos, personagens que através desse registro refletem com cuidado e detalhes cada acontecimento de suas próprias vidas. A escolha desse gênero faz com que não se tenha a obrigação de continuidade (escrita de uma narrativa corrida, sem pausas) e permite uma maior liberdade (narração dos acontecimentos na ordem que desejar), como explica Ana Paula F. Nobile Brandileone, em *Cyro dos Anjos: um espírito de renovação latente*:

Um dos aspectos que tornam o diário uma forma bastante adequada aos padrões da narrativa contemporânea é a liberdade e o caráter fragmentário que o caracteriza. O diário não tem a obrigação de continuidade. O diarista pode fazer interrupções e, como escrita do dia-a-dia, tem a liberdade de escrever o que quiser na ordem que desejar. A escrita depende do dia, do que aí acontece e como está o espírito do diarista ao escrever a novidade que o dia traz. Pode, também, desligar-se de tudo e escrever a seu bel-prazer o que sente e o que quer. Assim, não precisa se preocupar com a coerência de um enredo ou com a lógica da narrativa. Não há, ali, compromissos com a lógica e a racionalidade, como é corrente nos romances de modelo tradicional. (BRANDILEONE, 2009, p. 86)

Cyro dos Anjos elege o registro diário para contar a vida do personagem Abdias. Geralmente, nesse gênero, os registros são escritos de forma diária, em ordem cronológica e com datação explícita. Ao definir o que é um diário, Philippe Lejeune, em sua obra *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, afirma que “a palavra nos diz, em primeiro lugar, que é uma escrita quotidiana: uma série de vestígios datados” (LEJEUNE, 2014, p. 299). Mas o diário de Abdias não é um diário convencional, é à medida que os fatos vão acontecendo, e à medida que Abdias tem tempo e oportunidade para escrever, que o mesmo desenvolve seu diário, sem se preocupar em datar as páginas.

Seu diário é dividido em três seções: “*O colégio das Ursulinas*”, “*Gabriela*” e “*Uma catedral cujas torres tocassem o céu*”. A única data que aparece em todo o diário é na primeira página do mesmo: “Fevereiro, 1938”. Abdias começa escrevendo: “Afinal, decidiram as Ursulinas convidar-me para substituir Sizenando” (ANJOS, 1963, p. 15). O narrador começa sua escrita motivada pela animação e euforia em ser convidado para atuar como professor, e assim, sem se ater a organização e continuidade de ideias, ele continua sua escrita narrando acontecimentos que considera importantes e que demandam uma preparação para agir no seu dia-a-dia.

O registro é subdividido em 10 capítulos, não nomeados e que não seguem uma progressão de acontecimentos. Abdias narra, ora acontecimentos ocorridos a poucos dias de sua escrita, ora momentos de semanas e até meses passados. A narração depende da necessidade de escrita do protagonista, do seu humor e do tempo que consegue escrever às escondidas, camuflando suas notas pessoais.

De acordo com Luís Bueno, no livro *Uma história do Romance de 30*:

No romance de 30, a formação da consciência de que o país é atrasado canalizou todas as forças. Produziram-se romances que se esgotavam ou na reprodução documental de um aspecto injusto da realidade brasileira ou no aprofundamento de uma mentalidade equivocada que contribuiria para figuração desse atraso. O herói, ao invés de promover ações para transformar essa realidade negativa, servia para incorporar algum aspecto do atraso. (BUENO, 2006, p. 78)

Em *Abdias*, é o intelectual que reflete sobre esse atraso e também o representa. De acordo com o estudioso Ivan Marques, em *Cenas de um modernismo de província*, “os personagens de Cyro dos Anjos são líricos, mas, sobretudo livrescos, letrados demais, castiços demais” (MARQUES, 2011, p. 200). Abdias é um homem de quarenta anos, trabalha como diretor de um Arquivo Histórico e é um intelectual ligado ao

mundo das letras, que fica encarregado de dar aulas de literatura às jovens estudantes em uma escola de elite chamada Colégio das Ursulinas. Um verdadeiro homem intelectual que em sua narrativa faz diversas referências literárias, comenta que se dedica à escrita de alguns estudos e é selecionado para ocupar o cargo no colégio por confiarem em seus vastos conhecimentos.

Sobre o colégio, Abdias diz: “O Colégio das Ursulinas é um estabelecimento de luxo, fundado adrede para receber moças da alta burguesia” (ANJOS, 1963, p. 8). Ainda de acordo com o personagem da obra:

O ambiente aristocrático do colégio comporta, naturalmente, graduações. Há uma escala hierárquica, e podemos conhecê-la através das sutis distinções que o colégio faz no tratamento das alunas. Se mal se percebe diferença entre o acolhimento dispensado à filha de uma notabilidade política do dia e o que se dá a uma jovem das altas finanças, nota-se, porém, com facilidade, a mudança de trato em relação a uma pequena fazendeira do interior ou a outras moças de boa família, mas sem posição brilhante. (ANJOS, 1963, p. 19)

Uma de suas alunas, filha de um médico, ex-deputado e ligado aos círculos políticos, chama sua atenção na primeira aula em que ele ministra. Seu nome é Gabriela e ela está incluída no grupo das alunas mais distintas, com ares de superioridade. Em pouco tempo, Abdias já começa a demonstrar traços de sentimentos amorosos por sua aluna Gabriela. A primeira seção da obra “*O Colégio das Ursulinas*” é basicamente voltada a tratar do envolvimento do professor com essa aluna. O personagem principal recupera suas lembranças de Várzea dos Buritis, cidade do interior em que morava quando era jovem e desejava namorar uma moça da alta sociedade, e tenta reconstruir essa possibilidade com Gabriela. Em uma passagem do livro, Abdias revela “O diabo é que sem querer, estou sempre a espreitá-la, e ela percebe isso” (ANJOS, 1963, p. 23).

A proximidade entre a aluna e o professor fica cada vez mais visível, e logo Abdias começa a visitar a casa da família Ataíde de Azevedo. Ele se encanta e fica deslumbrado com o ambiente que encontra, conversa harmoniosamente com os pais da aluna, ouve músicas com Ataíde de Azevedo, pai de Gabriela, e se vê planejando, desde a primeira visita, voltar e continuar a frequentar a casa da jovem. É possível perceber o encantamento de Abdias: “Carlota, que anda com projetos de adquirir uma eletrola, ficaria maravilhada com a do casal Ataíde de Azevedo. E se, conhecesse então, a discoteca, haveria de arruinar-me para reunir uma igual” (ANJOS, 1963, p. 46). Os bens materiais da família rica são logo percebidos e cobiçados pelo professor de classe média.

Abdias permanece dando aula no colégio por um período extenso, no diário narra seus primeiros dias de aula, se autoquestiona sobre a evolução de seus próprios ensinamentos às alunas, descreve conversas que teve com a direção e professores do colégio, sempre atualizando a si mesmo, e a seus possíveis leitores, o cotidiano tido a partir de sua entrada no colégio. É perceptível a autocrítica e a tentativa de autoavaliação que o personagem faz a respeito de seus modos de agir e de todos os seus passos nessa nova empreitada. Escrevendo, ele se prepara para agir nas aulas seguintes, analisa como foi seu desempenho nos dias passados e planeja seus próximos movimentos.

Na preparação das aulas, ele se preocupa em levar conteúdos que agrada as alunas. Nas primeiras aulas, Abdias começou a falar sobre o trovadorismo, a primeira manifestação literária da língua portuguesa. Na lírica medieval, os trovadores eram os artistas de origem nobre, que compunham e cantavam cantigas, com o acompanhamento de instrumentos musicais. Rocha Filho diz que:

Abdias abre o programa com o cancioneiro medieval, confiando em que “o galante El-Rei D. Denis ainda hoje agrada ao belo sexo”. Mas, sabedor que “as moças achar[i]am pouco interesse nos cancioneiros”, investe naquelas que aguçam a curiosidade das alunas. O episódio narrado constitui uma curiosa amostra de metodologia de ensino de literatura e paraleliza a situação narrativa entre a paixão do professor pela aluna, da paixão literária que salta do cancioneiro português para a realidade daquele Colégio Interno. (ROCHA FILHO, 2014, p. 7)

Ao declamar algumas cantigas de amigo ele conquistou a maioria das alunas, que, inclusive, pediram que ele as copiasse no quadro para que pudessem anotá-las. Nas cantigas de amigo o eu-lírico é uma mulher (mesmo os escritores sendo homens), a palavra “amigo” nessas cantigas tem o significado de namorado e a principal temática é a lamentação da mulher pela falta do amado. Abdias foi se acostumando ao ritmo da turma e a selecionar o que mais lhes agradava: “Adaptei-me, agora, à turma, conheço a linguagem que convém ao professor, acostumei-me a repetir palavras e a repisar noções, para dar tempo a que sejam assimiladas” (ANJOS, 1963, p. 23).

E as meninas, muito empolgadas com temas amorosos, entusiasmavam também o professor. Professor que, habilmente, atento à idade das moças, escolheu os temas amorosos que sem dúvida atrairia a atenção das mesmas, facilitando a aceitação de Abdias na turma, sendo ele um professor novato e principiante. Segue uma passagem de sua aula ao ensinar as cantigas de amigo:

Sinhazinha Fernandes pediu, de preferência, aquela em que a donzelinha apaixonada sai a interrogar as coisas, em torno, sobre o paradeiro do namorado:

*“Ai, flores, ai, flores do verde pio*

*Se saberdes novas do meu amigo?*

*Ai, Deus, e u é?”*

Houve sorrisos maliciosos na sala, mas Sinhazinha, imperturbável, quis ainda copiar outra, que tem uma copla assim:

*“Non chegou, madr’, o meu amado,*

*e oj’ est o prazo passado!*

*Ai, madre, moiro d’amor!”*. (ANJOS, 1963, p. 24)

A questão da "aula" de Abdias sobre os antigos trovadores, as cantigas de amor e de amigo, é estreitamente relacionada ao amor de Abdias por Gabriela. Desde o início da narrativa ele a vê como uma “amiga” insistindo em ressaltar que teme se distanciar da mesma. Essa confusão de definições pode ser observada na passagem a seguir: “Sou um homem habituado a analisar-me, em todas as circunstâncias, mas parece que vou inconscientemente fugindo de examinar a fundo a natureza da afeição que tenho a essa *menina*. Amor não será, de modo algum” (ANJOS, 1963, p. 57). Ele tenta enganar a si mesmo e, por que não, aos seus leitores, de que essa relação não se trata de amor. E, ainda continua ao final do relato de sua escrita, desse mesmo dia, sentindo a necessidade de reafirmar: “Há de ser a amizade que, entre homem e *mulher*, ganha matizes diferentes, torna-se mais terna. Há de ser amizade e nada mais” (ANJOS, 1963, p. 58), consciente de seu erro em nutrir um sentimento amoroso por uma aluna, Abdias se mostra irônico ao definir seu sentimento como de amizade, nesse sentido o valor da palavra “amigo” se refere, como nas cantigas, ao papel de “namorado” que ele gostaria de ser. Ainda se tratando dos dois trechos anteriormente transcritos, ele oscila, na escrita de um mesmo dia, em tratar Gabriela como *menina* e *mulher*, mostrando que na verdade, aos olhos dele, ela não se mostrava unicamente como sendo uma garota, aluna. Uma interpretação possível é associar o *trovador* representando Abdias, e a menina Gabriela assumindo o papel de *amada* nesse contexto.

Cyro dos Anjos também faz uma abordagem no livro sobre a história nacional, a situação de vida do povo no campo e na cidade, além de uma incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira. De acordo com Brandileone, “assim como Machado de Assis que inscreveu as pautas da realidade nacional na sua forma literária, também Cyro dos Anjos captou, interiorizou e dramatizou a estrutura e as relações sociais do país” (BRANDILEONE, 2009, p. 5).

Um exemplo dessa abordagem social é quando Abdias participa de ações comunitárias em um Centro de Estudos Sociais e relaciona essa atividade à moça Gabriela: “Poderá uma menina da sociedade interessar-se por trabalho de tal natureza?” (ANJOS, 1963, p. 56). E a jovem acaba por aceitar o desafio, de participar das pesquisas do Centro, andando pelos bairros pobres, impostos pelas condições políticas do momento, em busca de informações. É importante ressaltar o que Duarte afirma sobre a temática da política nas obras de Cyro dos Anjos: “A política perpassa os diários com a mesma sutileza com que se revelam os sentimentos, ou que as tramas existenciais são urdidas: ora de forma dissimulada através de conversas, ora como detalhe de uma lembrança” (DUARTE, 2009, p. 182). A política não é o foco e não está com prioridade alguma nos relatos de Abdias, é apresentada de forma breve e sucinta. “Apenas no romance de 1956 – *Montanha* – a política vai ocupar sem reservas a cena principal, surpreendendo até os leitores acostumados ao comportamento discreto do autor” (DUARTE, 2009, p. 182). Já em *Abdias* “a vida dos proletários é objeto de uma pesquisa leviana, movida por segundas intenções, e o narrador não sabe dizer a miséria senão com generalidades e clichês – “arrastam-se pela vida, desnutridos, e geralmente morrem cedo.”” (MARQUES, 2011, p. 231). Suas ações sociais comunitárias fazem com que ele tenha um papel de cidadão preocupado com as mazelas da sociedade, assumindo uma posição benéfica entre seu círculo de amigos, e, como se não bastasse sua breve preocupação com essa questão, ainda envolve Gabriela nesse caso, tornando mais leve sua obrigação de ida a esse tipo de encontro e desviando ainda mais o seu foco no Centro de Estudos Sociais. A escrita sobre as pesquisas do Centro é um artifício usado por Abdias ao compor seu diário, disfarçando através dessas passagens, sua intenção ininterrupta de ter seus movimentos diários totalmente voltados à aluna.<sup>6</sup>

Ainda no início da narrativa, Carlota, esposa de Abdias, fica grávida. Abdias relatou: “Recebi a comunicação com relativo entusiasmo, pensando nos apertos do nosso orçamento doméstico.” (ANJOS, 1963, p. 58). Abdias tinha mais três filhos com

---

<sup>6</sup> Ainda sobre as atividades de Abdias no Centro, apresentamos mais duas passagens que estão ao final do diário de Abdias e que reforçam o desinteresse de Abdias pela real função das pesquisas sociais:

“Ser-me-ia possível a reeducação de mim mesmo, nesta altura da vida? Um mês depois da morte de Carlota, recomecei o trabalho do Centro. Noutros tempos, esse trabalho, de pouca eficácia certamente, mas de não pequeno valor simbólico, constituiu simples pretexto para que eu pudesse continuar a ver Gabriela!” (ANJOS, 1963, p. 184).

Além disso, após a morte de sua esposa, o Centro de estudos serviu como pretexto para se ocupar e se distrair perante a ausência de Carlota. Ele admite:

“Retomei o inquérito com outro espírito, embora sinta que ainda me impele um interesse egoístico, pois essa atividade é indispensável para encher o vazio de minha vida. Há de vir o dia em que eu seja capaz de exercê-la, não com o fim de me estafar, mas por amor à própria obra” (ANJOS, 1963, p. 184-185).



Carlota e mesmo com a novidade da chegada de mais um filho ele continua com suas tentativas de aproximações quanto a Gabriela. A escrita sobre a esposa é fragmentada e pouco relatada no dia a dia do narrador. As passagens de conversas com sua esposa são sempre controladas pelo protagonista que diminui a participação da sua mulher em sua vida e ignora em grande parte da narrativa a presença e influência da mesma. Para Abdias, Carlota ocupa um lugar de esposa, mãe, dona de casa e nada mais. Ele sente uma segurança em tê-la, mas pelos seus atos é perceptível que ele não lhe dá a atenção e preocupação que ela possivelmente esperaria, não demonstra medo algum de perdê-la, e não titubeia em planejar ações que poderiam levar a essa perda.

O personagem mantém sua aproximação com a família Ataíde de Azevedo e seus diálogos curtos e significativos com sua aluna. Ele se define como um roceiro semicivilizado quando está próximo de Gabriela, que ele acredita ser uma criatura fina. O protagonista começa a criar interpretações a respeito da menina Gabriela, duvidando de seus sentimentos e desconfiando de suas ações. Em um de seus pensamentos diz: “Resolveu apropriar-se de mim, naquilo em que lhe posso ser útil. Minha vida pregressa, minha personalidade, os mundos morais e afetivos a que eu esteja encadeado nada representam a seus olhos” (ANJOS, 1963, p. 51). Nessa passagem, o narrador ousa se sentir vitimado pela aluna, sugere que ele pode estar sendo manipulado pela mesma, numa mostra clara de devaneio e de querer mostrar-se inocente nessa relação conturbada e confusa. Internamente, é consciente do seu erro; na escrita, tenta diminuí-lo, torna branda a seriedade do que sente, escolhendo bem como narrar cada episódio desviando qualquer resquício de “culpa” para si mesmo.

A partir da seção “*Gabriela*” os sentimentos de Abdias são expostos e confidenciados ao diário com mais profundidade e coragem por parte do protagonista: “Por que esconder a verdade a mim mesmo? Já não tenho dúvida acerca do sentimento que nutro por Gabriela. Só os fracos procuram iludir-se, dissimulando a realidade perante a própria consciência” (ANJOS, 1963, p. 82), e continua: “Se não vou ferir a ninguém, por que hei de privar da agradável emoção que me traz o convívio de Gabriela? Por que cortar este último contato com a vida e com a poesia?” (ANJOS, 1963, p. 83). De súbito, lendo a primeira página dessa seção, pensa-se que o narrador irá livremente confessar seu sentimento, encará-lo e entregar-se. Mas logo na próxima página, no próximo dia de escrita, ele retoma uma de suas características mais marcantes de escrita: temeroso pela crítica, já se faz uma autocrítica, esclarece e se explica sobre o que escreveu anteriormente. Oscila entre o fervor da escrita com

exageros e indícios de tomadas de iniciativas; e a calma, poetização e modos singelos de esclarecer seu sentimento. Ele diz:

O amor é uma forma de loucura e, como a loucura, tem alternativas: agrava-se subitamente hoje, amanhã se atenua sem sabermos por quê. No estado em que ontem me achava, teria sido capaz de pôr fogo a uma cidade, só para ver Gabriela. Mau... Começo a usar a linguagem hiperbólica dos namorados. Há nisso, sem dúvida, espantoso exagero. Por certo, eu não atearia fogo nem a um monte de alfafa. Seria mais exato se dissesse que, tendo passado já sete dias sem a ver, se acentuara vivamente em mim o desejo de estar outra vez com ela, beber-lhe o olhar e o sorriso, sentir-lhe o timbre da voz ou a graça dos gestos. (ANJOS, 1963, p. 83)

Assim que Abdias se apropria da linguagem hiperbólica para discorrer sobre Gabriela, já se explica, numa tentativa de esclarecimento ao leitor sobre sua postura exagerada. Ele faz declarações que ele mesmo considera de demasiado exagero, porém, continua as revelações e táticas de enganar o leitor, camuflando os próprios erros que afirma cometer. Brandileone afirma que “o tema do homem maduro e da moça em flor também é responsável pela atmosfera lírica do livro” (BRANDILEONE, 2006, p. 90). Em um momento da narrativa, Abdias confessa a verdade do seu sentimento:

Amo Gabriela, eis o que se passa comigo. Há uma semana que não a vejo, e nada supre a falta que ela me faz. Dirão que é ridículo, além de desonesto e absurdo. Será o que quiserem, mas à margem de tudo isso, é algo que tem a grandeza da verdade e que não me envergonho de confessar. (ANJOS, 1963, p. 61)

O protagonista não se envergonha, mas através da escrita no diário se esconde e oculta todas as confissões que ele mesmo considera “ridículo, desonesto e absurdo” (ANJOS, 1963, p. 61). Abdias só se arrepende das suas confissões e constatações a respeito da aluna na terceira e última seção do diário: “*Uma catedral cujas torres tocassem o céu*”, após a morte de sua esposa Carlota. Duarte afirma que:

Seu diário guarda mais que simples registro do eu. Ao invés de refletir sobre a realidade, e até se posicionar, o intelectual desvia o foco e se perde numa paixão inconsequente. E o diário se torna realmente íntimo, pois contém o segredo da paixão que o professor cultivava por uma aluna. (DUARTE, 2009, p. 182)

Sendo assim, a composição do diário de Abdias apresenta seu íntimo de forma supostamente sincera, permeado de reflexões acerca do passado em Várzea dos Buritis e sua juventude; do presente tensionado pela novidade de ingresso no Colégio das Ursulinas; além do planejamento de soluções fantasiosas a respeito de seu futuro. Narrativa que gira em torno de sua relação amorosa, que está mais para um conflito

interno amoroso, seu diário é o refúgio para seus segredos; caminho de liberdade para a confissão; meio esclarecedor de seus anseios e receios.

### 1.3 A ESCRITA DE SI EM ABDIAS

*Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz uma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação. Assim, vivemos duas vezes. Assim, protegemo-nos do esquecimento e do desespero de não ter nada a dizer.*

(BLANCHOT, 2005, p .273)

Abdias evita o silêncio ao escrever, afinal, não poderia contar a ninguém sobre seus devaneios em relação à Gabriela. Além disso, com sua escrita consegue viver suas fantasias no diário e se preservar fora dele. Sobre escrever, Abdias disse: “Para os seres de nossa espécie, ler ou escrever é mais importante que viver. Substituímos monstruosamente a vida pela ficção” (ANJOS, 1963, p. 40). Abdias tem a necessidade de escrever, e o que ele faz com a própria vida é ignorar o real e o substituir com ilusões, criando sua própria história ficcional, fantasiosa.

Em sua escrita, Abdias reproduz não exatamente e fielmente o que aconteceu de real em seu passado, tampouco o que ocorre no seu dia a dia no presente; ele faz de sua escrita uma via, uma trilha que o conduza ao encontro de si mesmo, buscando explicações, soluções e justificativas para sua vida. Ao reconstruir, relatar e relembrar o passado, sua narrativa apresenta aspectos ficcionais, pois o personagem relembra e seleciona os fatos que quer contar, do modo que deseja contar, podendo omitir fatos ou até mesmo adicionar outros.

A literatura de Cyro dos Anjos trata do íntimo do indivíduo, daí a ideia de se analisar o sujeito, trabalhar a escrita de si. Surge a literatura de valorização do indivíduo, que retoma a análise do sujeito e de suas nuances. Segundo Helmut Galle, em seu artigo intitulado “Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica”, “A unidade da narração autobiográfica, consequentemente, não é dada, mas constantemente construída pelo sujeito por meios dos acontecimentos vividos e

lembrados” (GALLE, 2006, p. 71). Acontecimentos vividos e lembrados, mesclados a momentos que podem ser manipulados e fantasiosos.

Michel Foucault (2002), ao tratar de “função autor” nos estudos literários, aponta para novas possibilidades ligadas à desconstrução do sujeito. Segundo o estudioso, ao invés de “matar” o autor, é preciso ver em quais condições o sujeito autor pode aparecer no discurso. De acordo com Diana Klinger, em seu estudo *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa Latino-Americana contemporânea*, o crítico Roland Barthes já apresentara a noção do sujeito como “signo vazio”: “o sujeito é apenas um efeito da linguagem” (Klinger, 2007, p. 32).

Em seu texto *A morte do autor*, Roland Barthes diz que:

Desde o momento em que um fato é contado, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, quer dizer, finalmente fora de qualquer função que não seja o próprio exercício do símbolo, produz-se este desfasamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa. (BARTHES, 1988, p. 1)

A partir do momento que a escrita é começada, há uma discrepância entre autor e fato narrado. Barthes ainda exemplifica dizendo:

A crítica consiste ainda, a maior parte das vezes, em dizer que a obra de Baudelaire é o falhanço do homem Baudelaire, que a de Van Gogh é a sua loucura, a de Tchaikowski o seu vício: a explicação da obra é sempre procurada do lado de quem a produziu, como se, através da alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o autor, que nos entregasse a sua «confidência». (BARTHES, 1988, p. 2)

Em poucas palavras, a ênfase deve ser colocada do lado de quem lê a obra, ou seja, dos leitores, e não do lado do autor, de quem a produziu. Sobre a escrita ficcional, Cyro dos Anjos afirma em uma entrevista: “Não vejo na ficção, propriamente, uma mistura da realidade exterior com a fantasia. A ficção parece-me apenas a interpretação da realidade, quer exterior, quer interior. Seria uma decomposição da realidade, para, com seus próprios elementos, ser recriada, segundo a ótica do escritor” (CYRO, 1988, p. 107).

Barthes finaliza sua teoria acerca do Autor dizendo:

Um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor: o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem,

mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito. É por isso que é irrisório ouvir condenar a nova escrita em nome de um humanismo que se faz hipocritamente passar por campeão dos direitos do leitor. O leitor, a crítica clássica nunca dele se ocupou; 'para ela, não há na literatura qualquer outro homem para além daquele que escreve. Começamos hoje a deixar de nos iludir com essa espécie de antifrases pelas quais a boa sociedade recrimina soberbamente em favor daquilo que precisamente põe de parte, ignora, sufoca ou destrói; sabemos que, para devolver à escrita o seu dever, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor. (BARTHES, 1988, p. 5-6)

O texto é construído levando-se em conta várias nuances, e sua unidade deve ser compreendida por parte do leitor, ao mesmo tempo que o autor perde a centralidade nesse processo de leitura. Na escrita autobiográfica, temos o diário, confissões, memórias, correspondências, entre outras. A memória também está presente nas obras de Cyro dos Anjos. Em *Abdias*, o narrador tenta recuperar seu passado através das lembranças. O crítico Lejeune, afirma que:

Um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo). Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. A forma, por fim, é livre. Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo, dependendo se o diarista escreve apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir outra pessoa. Os únicos traços formais invariáveis resultam da definição aqui proposta: a fragmentação e a repetição. O diário é, em primeiro lugar, uma lista de dias, uma espécie de trilho que permite percorrer sobre o tempo. (LEJEUNE, 2014, p. 301-302)

Em *Abdias*, o exercício de memória ocorre a todo o momento, quando, por exemplo, o personagem principal faz relações entre seu passado em Várzea dos Buritis e seu presente em Belo Horizonte. As intenções do diarista são várias: reviver seus desejos mantidos desde que morava na cidade interiorana, recuperar e reviver seu passado, além de, a partir de sua escrita, planejar estratégias de aproximação de seu objeto amado. Como nessa passagem: “Devia tê-la abraçado e beijado mil vezes. Que importava estivéssemos na rua? Era como se um arco-íris se desenhasse no céu. Quando o amor se encontra, até o sol deve parar” (ANJOS, 1963, p. 101).

O gênero diarístico em *Abdias*, trata-se de uma narração fictícia em forma de diário, essencialmente memorialista e intimista. O autor nos apresenta um narrador-protagonista profundamente irrealizado, sonhador, irresponsável de certa forma, iludido,

encantado e solitário. Sobre essa espécie de caderno de notas, Abdias diz ainda no início da narrativa: “Um dia talvez classifique estas notas, segundo o gênero e a espécie, como convém a um professor de literatura, mas no momento eu não saberia fazê-lo” (ANJOS, 1963, p. 24). O personagem faz confissões diárias sobre sua vida em Belo Horizonte, refletindo sobre seu passado em Várzea dos Buritis, sobre pessoas com as quais convive em sua rotina de professor e diversos acontecimentos de seu dia a dia.

Em seu estudo, Klinger ressalta o que Barthes conclui sobre a escrita: “a escritura é a destruição de toda a voz, de toda a origem. A escritura é esse neutro, esse composto, aonde foge nosso sujeito, o branco-e-preto aonde vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve” (Klinger, 2007, p. 34-35). O sujeito, ao narrar vários episódios de sua vida, constrói a formação de sua integridade ética e de sua identidade. Klinger ressalta que, segundo Foucault, “o “eu” não é apenas um assunto sobre o qual escrever, pelo contrário, a escrita de si contribui especificamente para a formação de si” (Klinger, 2007, p. 26). A escrita de si está presente não só nos discursos citados por Foucault em seus estudos, como também na escrita dos diários, nas ficções do eu e nas escritas autobiográficas.

A narrativa autobiográfica em *Abdias* de Cyro dos Anjos, acaba por contribuir para a formação do sujeito e a construção da identidade. A escrita autobiográfica em forma de diário mostra um sujeito fragmentado e a construção de sua identidade é feita no decorrer da narrativa.

O tom confessional do diário aproxima o leitor do narrador, por isso o gênero diário é tão agradável e querido pelos leitores. Cyro dos Anjos faz um discurso confessional através do gênero diário permitindo uma relação de intimidade entre o leitor e o narrador, sempre demonstrando a exposição íntima do personagem principal. Marques diz que:

Nos romances de Cyro dos Anjos, há passagens em que se considera o ato de pôr a alma no papel como um mergulho nos abismos – “masoquismo espiritual” do sujeito outoniço e melancólico, que se debruça sobre o seu eu empobrecido, submetendo-o a pesado julgamento crítico. O que sobreleva, porém, tanto no *Amanuense* quanto em *Abdias*, é a ideia de que a expressão dos pensamentos traz alívio a quem se confessa. (MARQUES, 2011, p. 205)

Abdias descarrega nas páginas do diário suas preocupações, desavenças, discussões, azares e descuidos, aliviando-se de seus temores e traçando saídas para solucionar seus problemas. Essa exposição atenuada de pensamentos estabelece uma

relação de verdade e de cumplicidade entre leitor e narrador. De acordo com Celia Tamura, em sua publicação *Cyro dos Anjos, mito, memória e criação literária*:

Cyro utiliza, com frequência, a ironia autodepreciativa, ou modéstia escarnecedora [...] desencadeando, com isso, um processo criador de simpatia por parte do leitor, que, por sua vez, sente-se confiante de um narrador sincero ou modesto, que não quer alardear suas qualidades, mas que não encobre seus defeitos. (TAMURA, 2006, p. 1)

A figura de Abdias se mostra, então, simpática e agradável para o leitor, a partir da ironia autodepreciativa. Como podemos observar na seguinte passagem do romance:

Que dizer de tudo quanto se passou ultimamente? Tenho vivido em franco desatino. Instilou-se em meu espírito um ingrediente que trouxe hipocondria e inquietude. Já não sou aquele homem que ordenava as suas coisas, no modesto âmbito de trabalhador das letras, estudando, escrevendo, pausado e plácido, entre a família e a repartição. Há dias em que sinto a cabeça ferver, e a razão parece desamparar-me. É verdade que, nos momentos decisivos, tenho conservado a lucidez, cercado-me de precauções tais, que minha pobre Carlota não percebe o que se está passando. Mas receio bem que essas precauções, por sua vez exageradas, sejam ainda coisa de lunático. (ANJOS, 1963, p. 101)

Com um tom confessional, a escrita de si no romance tende a mostrar a intimidade do narrador. Abdias diz:

Sempre temi o ridículo. A tal ponto, que esse temor, forma paroxística de minha timidez, costuma atuar em minha vida como uma bússola negativa, a orientar para o avesso os meus atos. Faz-me viver de pé atrás com o mundo, torna-me arredio e suspicaz, quando poderia confiar, ou, em virtude de viva reação, leva-me a ousar e avançar, em circunstâncias que aconselhariam retraimento. Enfim, põe-me fora do centro de gravidade. (ANJOS, 1963, p. 19)

O diário é a representação da experiência vivida pelo protagonista no dia a dia: narra memórias do passado, reflexões sobre o presente e mostra incertezas sobre o futuro. O trecho acima evidencia a intimidade do narrador consigo mesmo, como jogo confessional na escrita de si, a ponto de confidenciar a si mesmo e ao próprio texto literário aquilo que não confessaria a ninguém.

Maurice Blanchot, em sua obra *O livro por vir*, diz que “o diário está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer” (BLANCHOT, 2005, p. 275). É possível perceber na narrativa de Abdias uma necessidade de autoconhecimento, de demonstrar suas emoções e os fatos ocorridos com ele durante o dia a dia, em busca de encontrar uma forma de conviver melhor consigo mesmo e com os outros, conseguindo realizar suas projeções e expectativas. Ele



analisa a si mesmo e também analisa suas relações exteriores, com suas alunas, amigos e familiares por exemplo. Nessa passagem, Abdias faz uma análise/observação a respeito de sua escrita, o próprio Abdias confessa a existência de sua “insinceridade” durante a escrita de seu diário:

Esperem. Não devo escrever tudo o que me vem à cabeça. Às vezes representamos como atores, perante nós próprios, e mesmo aquilo que brota espontaneamente do coração costuma não ser sincero. Os sentimentos usam máscaras até em sua câmara íntima. Para encontrar a verdade, temos de despi-los, nos redutos mais secretos. Bem sei que não sou um monstro. Talvez tenha querido passar como tal, apenas para excitar a piedade de alguém em cujas mãos possam estas páginas cair algum dia. É muito conhecido este processo de captarmos a benevolência alheia com a confissão nua de nossas misérias. (ANJOS, 1963, p. 102)

Mas, ao ler o diário, o leitor alimenta uma curiosidade, em desvendar os segredos íntimos do narrador; e essa pretensão da verdade, em descobrir as verdadeiras intenções e culpas do narrador, aproxima leitor e obra. Segundo Blanchot, “ninguém deve ser mais sincero do que o autor de um diário, e a sinceridade é a transparência que lhe permite não lançar sombras sobre a existência confinada de cada dia, à qual ele limita o cuidado da escrita” (BLANCHOT, 2005, p. 271).

No diário, Abdias escreve sobre momentos da vida, decepções, objetivos, amores e grandes segredos. Ele analisa sua própria vida e faz constantemente um julgamento de si mesmo, sua escrita possui o cuidado de passar a impressão de confissão sincera, estabelecendo uma espécie de transparência entre leitor e narrador. De acordo com Reinaldo Marques:

Possuindo na marcação cronológica do tempo um elemento significativo da composição, o caderno de notas de Abdias cobre um período de cerca de três anos, em que vai registrando episódios tanto marcantes quanto corriqueiros de sua vida de professor e funcionário público. (MARQUES, 2008, p. 222)

Mesmo sem manter uma linearidade em sua escrita, o diário em *Abdias* consegue manter uma relação de sentido? Geralmente, nesse gênero, os registros são escritos de forma diária, em ordem cronológica e com datação explícita. Mas é à medida que os fatos vão acontecendo, e à medida que Abdias tem tempo e oportunidade para escrever, que o mesmo desenvolve seu diário. Seu humor e estado de espírito também influem sobre a sequência da narrativa. De acordo com Reinaldo Marques, em seu texto “Um mundo suspenso”:

Abdias tem consciência do diário como espaço do artifício, inviabilizando a perfeita simetria entre o bios e sua grafia, entre a vida e seu registro. Em primeiro lugar, porque a escrita das anotações sofre interrupções às vezes de meses, o que leva a sacrificar a ordem cronológica dos fatos, dissociando-os ao se desdobrarem em parágrafos, desfazendo seu caráter encadeado. Ainda, na distância entre o vivido e sua inscrição no diário, insinua-se a imaginação como poderoso auxiliar na recomposição dos eventos, comprometendo-se a fidelidade da exposição. (MARQUES, 2008, p. 225)

Na passagem a seguir de *Abdias*, percebemos a presença da descontinuidade nas datas: “Releio hoje esta página, escrita há um mês. Vejo que relatei com entusiasmo o episódio de Violante” (ANJOS, 1963, p. 29). Outro exemplo de uma marca temporal na narrativa é o seguinte trecho: “Nos últimos três meses não pus a mão nestes cadernos. A derradeira página, escrita depois do Natal, parece haver encerrado, em minha vida, o ciclo da insânia” (ANJOS, 1963, p. 158). O personagem consegue passar meses sem escrever, mas quando retoma sua narrativa mantém a coerência em seus relatos, sendo possível compreender o que se passou nos dias que não escreveu. É possível perceber uma lógica de início, meio e fim. As pausas significam a descontinuidade e a fragmentação do sujeito, que não consegue se mostrar por inteiro, mas em partes, como composição incompleta, pelas metades, ainda que seu anseio seja a representação inteiriça. Ainda assim, os longos intervalos no processo de escrita não impedem que a composição seja uniforme, apreendendo um todo de sentido. Os parágrafos escritos com distanciamento entre os acontecimentos ocorrem, pois Abdias encara o registro diarístico como atividade que busca realizar nos momentos que mais necessita de desabafo, de entrega à escrita; o que ocorre não todos os dias, mas de forma irregular.

Abdias busca escrever em seu diário nos instantes de apreensão e perturbação de seu cotidiano. Durante os aproximados três anos em que mantém seu diário, só o procura nos momentos de maior tensão e tentativa de interpretação do que ocorre em sua vida. A narrativa do eu, presente na obra, procura representar por meio da narração da própria vida, o que caracteriza e define o indivíduo. O narrador-personagem recupera o passado através de lembranças, em seu diário registra seus projetos e desejos, expondo subjetividade, busca uma autorreflexão, respostas para seus questionamentos, enfim, tenta encontrar na escrita soluções para seus conflitos.

Em seus relatos em primeira pessoa, o narrador Abdias se expressa, faz análises de si mesmo, se refugia e faz diversas confissões, pois com sua escrita busca alguma significação em sua vida. Na passagem a seguir, as férias do Colégio das Ursulinas se

aproximam e Abdias se preocupa em manter a convivência com Gabriela: “Dentro dos obscuros movimentos de minha alma, só uma coisa posso enxergar nesse instante: temo distanciar-me de Gabriela” (ANJOS, 1963, p. 58). Nesse trecho, percebe-se um Abdias egoísta, dizendo que só uma coisa lhe importa naquele instante: distanciar-se de Gabriela. E sua própria família? Sua esposa grávida? Sua real função no Centro de Estudos e no colégio?

A seguir, Abdias relata como se sente ao estar apaixonado e encantado por sua aluna, é evidente a confusão mental em que se encontra o narrador apaixonado:

O homem de quem a paixão se apoderou é comparável a um dia enevoadado. Como, num dia enevoadado, supomos que todas as coisas do universo se nublaram, e, entretanto, a vida fulge, além, e o sol brilha sobre os prados e os montes, assim o coração do apaixonado lhe tolda a vista do mundo. Debate-se, atormentado, com a sua paixão e as suas quimeras. Não pode varar a névoa – todavia tão tênue! – e alcançar, lá fora, a vida clara e tranquila. Que dizer de tudo quanto se passou ultimamente? Tenho vivido em franco desatino. Instilou-se em meu espírito um ingrediente que trouxe hipocondria e inquietude. Já não sou aquele homem que ordenava as suas coisas, no modesto âmbito de trabalhador das letras, estudando, escrevendo, pausado e plácido, entre a família e a repartição. Há dias que sinto a cabeça ferver, e a razão parece desamparar-me. É verdade que, nos momentos decisivos, tenho conservado a lucidez, cercando-me de precauções tais, que minha pobre Carlota não percebe o que se está passando. Mas receio bem que essas precauções, por vezes exageradas, sejam ainda coisa de lunático. (ANJOS, 1963, p. 100-102)

Abdias é pego de surpresa pela paixão que se apoderou dele, antes, um pai de família, trabalhador e escritor; agora, um homem desamparado, inquieto e apaixonado. Mantém sua lucidez para evitar que sua esposa perceba o que acontece em sua mente, escrevendo seus segredos nas folhas do diário. E assim, a narrativa se dá num misto de confissões e memórias, em que o personagem principal se julga e se condena pelas suas ações, se esconde da vida e tenta se reencontrar na escrita de si.

E qual seria o real motivo que leva o personagem Abdias a manter seu diário sempre às escondidas? Na passagem a seguir, Carlota, a mulher de Abdias, chega de viagem e o protagonista logo se preocupa em esconder o diário. O personagem temia que o diário pudesse ser lido por ela, temia ser repreendido e criticado:

Carlota chegou hoje de Sabará, aonde tinha ido passar uns dias com a mãe, que anda adoentada. Já não poderei escrever pela manhã, com a bulha que fazem os meninos. São apenas três, mas valem por um regimento e contam com o esforço da garotada vizinha. É provável, aliás, que passe a guardar este caderno no meu gabinete, no Arquivo Histórico, onde estará mais ao abrigo dos olhares de Carlota. Melhor será que não leia o que estou escrevendo, pois havia de encontrar

assunto para gracejos. É um espírito mordaz e não me leva a sério. (ANJOS, 1963, p. 25)

A alternativa de cessar suas escritas com medo de serem lidas por Carlota nunca passa por sua cabeça, a solução que encontra é buscar esconderijos para suas anotações. Escreve aquilo que é importante para si, faz confissões a si mesmo, esconde segredos, reflete sobre seus desejos mais íntimos e sobre seus atos, sobre suas más e boas atitudes, relatando o que possivelmente teria vergonha de dizer a outro. De acordo com Lejeune: “O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (LEJEUNE, 2014, p. 303). Abdias escreve numa busca de encarar a realidade em meio aos seus questionamentos expostos no diário, analisa constantemente suas atitudes e comportamentos, porém sempre escondido em sua “bolha”, em seu diário secreto. Na busca por esconder seu caderno, principalmente dos olhares de Carlota, Abdias cita Tolstoi na narrativa:

Contam que o velho Tolstoi resolveu engenhosamente o problema do Diário, fazendo dois simultâneos. Um escrevia-o às claras e esquecia-o de propósito por todos os compartimentos da casa, para que a família nele saciasse a curiosidade; o outro, o verdadeiro, que continha confidências mais íntimas, era escrito em segredo e escondido nas botas. É pena que eu não tenha botas e que, no caso, não se trate de Diário. Um dia talvez classifique estas notas, segundo o gênero e a espécie, como convém a um professor de literatura, mas no momento eu não saberia fazê-lo. (ANJOS, 1963, p. 24)

Abdias não tinha botas, então, quando estava perto de Carlota fingia escrever notas sobre *Cartas Chilenas*<sup>7</sup> e nos outros momentos tentava deixar seu diário sempre guardado no Arquivo Histórico. O trabalho de dissertar sobre as *Cartas Chilenas* é mencionado por Abdias em outras passagens da obra. Esse trabalho realça a imagem intelectual do personagem, que em sóbrios momentos mantém seus estudos literários. É irônico pensar nos seus estudos acerca da autoria das *Cartas Chilenas*, ao mesmo tempo que ele sente receio de que sua autoria a respeito de suas próprias notas seja um dia

---

<sup>7</sup> As *Cartas Chilenas* citadas por Abdias se referem a poemas satíricos, em versos decassílabos brancos, que circularam em Vila Rica em manuscritos, poucos anos antes da Inconfidência Mineira, em 1789. Por bastante tempo discutiu-se a autoria das *Cartas Chilenas*. A dúvida só acabou após estudos de Afonso Arinos e, principalmente, de Rodrigues Lapa, comparando a obra com cada um dos elementos do “Grupo Mineiro”, possíveis autores, quando se concluiu que o verdadeiro autor é Tomás Antônio Gonzaga. Em um momento da narrativa de Abdias ele se refere novamente a essas obras: “Revi as provas da monografia sobre as *Cartas Chilenas*, que estavam jogadas no fundo de uma gaveta, e acrescentei ao estudo uma apreciação de dados estatísticos reunidos por um jovem pesquisador conterrâneo, do grupo dos que afirmam a autoria de Gonzaga” (ANJOS, 1963, p. 158).

descoberta. Sobre a anedota dos dois diários de Tolstoi, Marques diz que “nesse sentido, apenas o texto ‘primitivo’, ‘interior’, que não tem leitores, é que poderia ser sincero. Nos demais casos, predominaria o teatro” (MARQUES, 2011, p. 208). Duarte afirma que:

Os romances escritos na primeira pessoa contêm a dimensão biográfica de seus personagens da mesma forma que a autobiografia constrói o escritor: selecionando lembranças, recuperando o passado como melhor lhe convém. E tanto Belmiro como Abdias vão manipular os registros que fazem nos diários, ora contando um episódio de um jeito para depois reescrevê-lo com mais detalhes, ora esquecendo-se propositalmente de fazer seu registro. Abdias chega a considerar a possibilidade de ter dois diários (como Tolstoi teria feito) para melhor enganar os curiosos. São, todos eles, narradores intelectualizados, conscientes de seu papel e das situações vivenciadas. (DUARTE, 2009, p. 181)

No trecho a seguir, Abdias faz uma autocondenação em terceira pessoa:

Essa tagarelice a propósito de coisas vãs são restos da crise mundana por que passou na adolescência. Quando rapaz, picado por veleidades de elegante, pretendeu frequentar as altas rodas. Queria conhecer no seu próprio habitat aquelas esquivas criaturas que mal se deixavam ver entre a saída de uma igreja ou um teatro, e a rápida partida, nos automóveis de luxo que as esperavam. Por uma anomalia do sentimento amoroso, importava-lhe, no objeto amado, mais que as qualidades específicas deste, aquilo a que o moço Abdias chamava pedigree. Uma beleza sem estirpe nem posição social não lhe causava impressão. (ANJOS, 1963, p. 31)

As mudanças de foco narrativo são frequentes na narrativa de Abdias. O que se percebe é que enquanto o personagem narra acontecimentos a sua volta, utiliza a primeira pessoa; e quando narra relatos sobre seus sentimentos - relatos que se lidos por outros, seriam criticados - ele usa a terceira pessoa para se autocriticar, assim como também usa desse artifício para se esconder, ofuscar a seriedade do que diz a respeito de si mesmo. Abdias chega a admitir que, mais do que as qualidades do objeto amado, desde sua adolescência o que lhe importava mesmo era o “*pedigree*”, a posição social, pertencer à alta classe era o que lhe chamava a atenção. Sendo assim, ele poderia ter se encantado por qualquer aluna da classe, já que eram tantas, porém, ele teve sua atenção voltada para a mais distinta e rica da turma. Marques ressalta que:

O “coração de trovador”, que amiúde o conduz ao mundo medieval, está cheio das “veleidades de elegante” a que se refere Abdias. O desejo de frequentar as altas rodas persegue os dois narradores, que se sentem párias desde a sua chegada à capital. A poesia das moças em flor revela não a passagem inelutável do tempo (“a vida que foge”),

mas a humilhação social que de toda maneira torna o amor impossível.  
(MARQUES, 2011, p. 229)

Sobre manter um diário, Lejeune afirma que “é uma atividade discreta. Pode-se manter um diário em casa ou no avião. Mas, em geral, isso é feito longe do olhar dos outros, escondido da família” (2014, p. 298). Na passagem a seguir, pode-se perceber que ele teme o ridículo que passaria, se a diretora do colégio em que trabalha e sua esposa soubessem de seus pensamentos e intenções escritas no diário: “Mère Blandine ficaria simplesmente alarmada com o seu professor de literatura, se o pilhasse nestes devaneios. E que diria deles a minha prudente Carlota, que tem os pés fincados na realidade?” (ANJOS, 1963, p. 27). É um diário escrito para desabafar, se sentir livre o suficiente para dizer o que teme falar em público, confessar seus sentimentos mais obscuros e desejos proibidos, numa tentativa de compreensão do eu, de satisfazer uma necessidade interior. Lejeune afirma que ao escrever um diário “o papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros. Decepção, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade” (LEJEUNE, 2014, p. 303).

Mas Abdias não escrevia apenas para si. Marques diz que “ninguém escreve apenas para si mesmo: o diário não é um solilóquio, um ‘texto sem destinatário’, mas dirige-se a outrem, um vago leitor futuro ou imaginário” (MARQUES, 2011, p. 207). Percebemos isso quando Abdias diz em determinada passagem da obra: “Ontem, à margem das extravagâncias de minha inventiva, esqueceu-me relatar o fim de Violante, que acaso interessará a alguma romântica leitora” (ANJOS, 1963, p. 27). Ora, se Abdias “deixou escapar” que pretendia agradar alguma possível romântica leitora, o mesmo não descartava a hipótese de seu texto em construção ser lido por outros leitores e não apenas por ele mesmo. Segue mais uma passagem da obra que mostra que essa escrita não seria apenas para si: “Que me desculpem o estilo sublime. O demônio da análise, que me acompanha, compraz-se em despoetizar as coisas” (ANJOS, 1963, p. 84). A quem Abdias pedia desculpas? Aos seus possíveis futuros leitores.

Para Klinger, “[...] o sujeito da escrita não é um ser pleno, senão que é resultado de uma construção que opera tanto dentro do texto ficcional quanto fora dele, na vida mesma” (KLINGER, 2004, p. 55). Embora Cyro dos Anjos faça uma narrativa que se mostra com aspectos de confissão, sua escrita também tem um caráter ficcional, o

narrador-personagem “rasura a verdade” ao contar no diário o seu cotidiano do modo como o concebeu, podendo omitir verdades e até mesmo incluir proposições da sua mente. Marques diz que:

Assim como a crônica, o diário capta o instante (o tempo congelado) na sucessão dos eventos, sugerindo o vago da experiência poética numa espécie de pintura sem perspectiva (sem o distanciamento que é próprio da autobiografia). Entretanto, mesmo quando os registros se fazem no calor da hora, a lembrança já representa um passo além da surpresa, uma impressão trabalhada pela consciência, a substituição do “choque” e da aspereza das coisas por uma “apologia da mediação”. (MARQUES, 2011, p. 208)

Na passagem a seguir o próprio Abdias confessa as voltas que sua imaginação dá, quando pensa em sua aluna Gabriela:

Eis aí um puro desmando da imaginação. Do mesmo modo que, nos tempos de Várzea dos Buritis, os Ataídes de então me fascinavam, beneficiando-os minha fantasia com tudo quanto se atribuía de cavalheiresco nos seus maiores – o demônio imaginativo que mora nestes frágeis miolos já se pôs a trabalhar, impedindo que eu veja diante de mim apenas a jovem colegial, de família abastada, que veio polir-se nas mãos Ursulinas. O sutil escamoteador já deslizou com a moça das fronteiras do real, introduzindo-a no mundo fluídico em que o espírito compõe suas quimeras. (ANJOS, 1963, p. 27)

Nesse momento, Abdias relembra o seu encantamento pela família Ataídes no passado em Várzea dos Buritis e percebe que o encantamento continua vivo ao conhecer Gabriela no presente em Belo Horizonte, dá voltas entre o presente da enunciação do diário e as memórias de um passado vivido. Mas nessa escrita existe uma espécie de teatro, segundo Marques:

O teatro não é só interior, há mais gente contemplando o espetáculo e se faz necessário mentir a todos. A inclusão do leitor desvirtua a natureza do diário, torna estratégico o que parecia espontâneo, implanta a máscara e o cabotinismo onde se prometia a sinceridade total. (MARQUES, 2011, p. 207)

O fascínio que Abdias tem pela família Ataíde de Azevedo pode ser fruto apenas de sua imaginação, e, essa nobre família, pode nunca ter sequer contribuído de alguma forma para despertar esses sentimentos no mesmo. Na escrita de si em *Abdias*, o diário desempenha o papel de um companheiro, aquilo que o narrador tem vergonha e receio de dizer aos outros, coloca em seu caderno de notas, conversa consigo mesmo. No trecho a seguir Abdias reflete sobre se irá ou não aceitar um convite de visitar a casa de sua aluna Gabriela:

Irei à sua casa sem avisar Carlota? Eis uma transcendente questão. Deixo, aqui, outra pergunta: Não terei exagerado, nas primeiras páginas, ao imaginar aquela Gabriela teimosa e hostil? Trata-me, agora, com tanta gentileza e naturalidade, que fico sem saber se tudo o que andei escrevendo a seu respeito não será fruto de uma dessas espantosas criações em que meu espírito é fértil. (ANJOS, 1963, p. 42)

Nesse romance, a escrita aparece como um exercício do pensamento sobre si, Abdias escreve sobre o que ele sabe, reflete sobre sua vida, sobre seus compromissos e desafios, e escrevendo, se prepara para enfrentar a realidade do seu cotidiano. De acordo com Lejeune: “Fazer o balanço de hoje significa se preparar para agir amanhã” (LEJEUNE, 2003, p. 304). Na passagem a seguir, depois de discutir com si próprio no diário sobre sua visita a casa de Gabriela, volta a contar como se sentiu após o encontro: “Ora esta! Tive emoções de tímido namorado ao encontrar hoje em casa de Gabriela” (ANJOS, 1963, p. 42).

Desde o momento que Abdias entrou no Colégio das Ursulinas, sua vida mudou completamente, principalmente ao conhecer Gabriela. A partir disso, seu desejo de pertencer às altas classes começa a ser incontrolável, à medida que o narrador é capaz de ignorar sua família e começar a ter comportamentos inadequados de um homem casado, pai de família e professor. Em conjunto com suas frustrações e devaneios, surge um Abdias que só pensa em si, com atos egoístas. Isso é perceptível na passagem a seguir:

O certo é que passei a manhã toda a excogitar um pretexto para ir à casa de Gabriela, de modo que não causasse estranheza aos seus. Como um criminoso que não foi descoberto é, contudo, tomado pelo medo e imagina ser objeto das suspeitas de todos, já me pus a ver em cada palavra uma alusão e a emprestar sentido a coisas que não o têm. Assim, do fato de haver Glória perguntado por Carlota, da última vez em que estive na sua casa, concluí, arbitrariamente, que já me olham, ali, com desconfianças. Tal pergunta – que deve ter sido feita por simples deferência, como entendi naquele dia – pareceu-me ontem, à luz de agitados pensamentos, corresponder a seguinte reflexão: “Este homem faria melhor se estivesse com sua mulher e seus filhos, em vez de estar procurando a companhia de moças. Sua amizade não convém a Gabriela”...”. (ANJOS, 1963, p. 84)

Ele foge da realidade e inicia um processo de fantasiar as possíveis intenções e aproximações dele com sua aluna. Finge se preocupar com a opinião dos familiares da menina, mas logo ignora essa questão e permanece com seu foco na aluna. No desfecho do livro, ele só termina o diário quando sua mulher Carlota morre, é nesse momento que



ele consegue despertar, e enxergar que seus devaneios e fantasias foram inúteis, injustos e uma grande ilusão. Na passagem a seguir é perceptível como o narrador se encontra sozinho e no diário começa a assumir, aos poucos, como enxerga a vida após a morte de Carlota:

Quando Carlota era viva, eu me sentia oprimido. Sua vigilância exasperava-me, no íntimo, fazendo-me aspirar, com ânsia, à libertação. Agora, não vejo em que aplicar essa liberdade por que tanto suspirei e que me parece um conceito negativo: só existe quando dela nos achamos privados. Estou livre para ir à casa de Gabriela. Já não vivo com o pensamento preso no colégio, nem sob o temor das repreensões. Entretanto fico em casa. As muralhas que nos cercam estão, na verdade, dentro de nós, e mistificamos a nós mesmos, quando as colocamos em coisas exteriores. (ANJOS, 1863, p. 198-199)

O tempo não volta para Abdias em relação a Carlota, ele se arrepende e se dá conta da impossibilidade de corrigir o que, agora, considera ter cometido como erro. Antes, ele queria ser livre das privações e da vida de casado que tinha com Carlota. Agora, que possuía total liberdade sem a presença de sua esposa, declara que perdeu o interesse em fazer tudo que pretendia antes da morte da mesma.

A narrativa do romance dá voltas entre memórias do passado (Várzea dos Buritis) e reflexões sobre o presente (Belo Horizonte) do personagem Abdias. Ele escreve para si em um diário, pois teme falar com outras pessoas e ser repreendido pela sociedade. Abdias faz uma escrita refletindo sobre suas ações e tomando decisões sobre como enfrentará a realidade do seu cotidiano. Preocupado e interessado em se aproximar de Gabriela, enxerga nela não só uma possível relação amorosa, mas uma oportunidade obscura de usá-la para se aproximar e adentrar o mundo aristocrático.

O protagonista registra no diário um olhar possível para uma aproximação da vida burguesa, confessa seu encantamento, as atitudes que é capaz de tomar para alcançar seu objetivo, e sua intensa obsessão e desejo de pertencer às altas classes. A narrativa evolui desde Abdias se tornando professor, até Abdias se tornando um ser inerte em sua própria vida, deslocado, egoísta e melancólico. É somente depois da morte de Carlota, que Abdias reconhece os devaneios que teve ao buscar se aproximar da vida burguesa. Na passagem a seguir, ele já começa a demonstrar sua desilusão ao falar sobre Várzea dos Buritis: “A vida é, contudo, esta própria instabilidade, a vida é uma viagem. Várzea dos Buritis, mundo irreal da adolescência, não passa de uma fantasmagoria...” (ANJOS, 1963, p. 200). Várzea dos Buritis na passagem anterior é, pela primeira vez, narrada como resgatadora de fantasmas do passado que só trouxeram ilusões e

desilusões ao protagonista. A escrita de si no diário apresenta um intelectual dependente de suas anotações, mas que não consegue concretizar suas ideias escritas no plano do real.

## 2. MEMÓRIA E ESPAÇO EM *ABDIAS*

*A escrita da memória é caprichosa e submete ao crivo do futuro a miscelânea de elementos que compõem o passado. Mais do que nenhuma outra, voltada para o tempo da leitura, pois deseja “passar à diante” o vivido, seu principal trabalho é o de seleção e disposição daquilo que se quer fazer acreditar ter constituído a vida pretérita para que, amparada no presente que dali teria evoluído criar para a evanescente reminiscência um nicho futuro.*

(ÁVILA, 2008, p. 35)

Na obra em estudo, o momento da escrita recupera memórias do passado, e no presente o protagonista deseja “passar à diante” e alcançar objetivos futuros, que, na verdade, sempre estiveram ancorados ainda ao passado. Quase toda a obra de Cyro dos Anjos é composta por memórias e diários, esse é um motivo marcante pelo fato de Cyro dos Anjos ser associado à obra de Machado de Assis por vários críticos. Segundo Patrícia da Silva Cardoso:

Quanto a Machado, nos romances de sua fase "realista", contrariamente ao que era considerado desejável em sua época, o uso do foco narrativo em terceira pessoa, optou pela primeira pessoa em três entre cinco obras: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, e *Memorial de Aires*. Nelas, a memória, tanto quanto na obra de Cyro dos Anjos, ocupa posição central. (CARDOSO, 1997, p. 43)

A estudiosa aponta que nas obras de ambos autores é possível destacar a realidade, a ficção e a memória. Mas é importante salientar que Machado de Assis possuía uma visão mais dramática da vida e Cyro dos Anjos ousava mais em buscar um sentido para sua vida. É possível verificar uma semelhança entre *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Abdias*, de Cyro dos Anjos. *Abdias* se parece com *Dom Casmurro*,

um pouco menos cruel, mas tão autocentrado quanto. Abdias tinha ares de bom moço, era um católico culpado, sobrevivendo, sem maiores consequências, a tragédia familiar.<sup>8</sup>

No diário, a presença da escrita memorialística de Abdias envolve vários acontecimentos e episódios que o narrador quer destacar. No romance *Abdias*, o Colégio das Ursulinas é um cenário que carrega lembranças do passado de Abdias, no interior de Minas. O colégio ativa em Abdias suas memórias mais recônditas e reveladoras. Além disso, é a partir do momento em que o colégio entra na vida do personagem, que sua rotina e suas reflexões começam a se modificar.

O espaço inicial da narrativa é Belo Horizonte, cidade para a qual Abdias se muda com sua família, trabalha como diretor de um arquivo histórico e participa de um Centro de Ações Sociais com seus amigos.

Deslocada de suas origens interioranas, a população que emigra para Belo Horizonte, cidade de desenraizados, tem de proceder a uma reacomodação de hábitos e de valores em um espaço organizado de forma bem diferente das cidadezinhas coloniais, cujo centro era representado pela matriz e sua praça. (ÁVILA, 2008, p. 37)

No passado, Abdias morava em uma dessas cidadezinhas coloniais, era encantado por Várzea dos Buritis. Em Belo Horizonte, se espanta com a rapidez do desenvolvimento do lugar e sente falta dos aspectos naturais e da calma de sua antiga cidade. “Como Belo Horizonte se estende poderosamente! Só pediria que nos poupassem um pouco de verdura de um e outro lado da Avenida, e que novas casas não viessem a tirar a vista do bairro da Cerâmica” (ANJOS, 1963, p. 33). Ainda a respeito de Belo Horizonte, Rui Mourão afirma que:

Belo Horizonte - a cidade provinciana da década de 1940, dominada pelo funcionalismo público e vivendo a sua idílica fase pré-industrial, as ruas de pequenas distâncias servidas por bonde, a moldura cinematográfica de montanhas - é um cartão-postal quase utópico que vai se esboçando para a nossa consciência de leitor. O século andava em atraso por aqui. No espaço urbano povoado por seres cheios de compostura tanto no vestir quanto no agir - sobretudo no sonhar -, a classe média procurava administrar o vazio de uma existência sem sentido, por meio do platonismo de amores inalcançáveis e impossíveis. (MOURÃO, 2010, p. 159)

Abdias, morador de Belo Horizonte, era um funcionário público típico desse período citado por Rui Mourão. Homem de classe média, Abdias faz questão de deixar aparente sua “compostura” (de homem sério, intelectual, trabalhador) enquanto busca

---

<sup>8</sup> Dom Casmurro é um personagem que consegue ser frio em suas acusações, altamente cruel em seus julgamentos com sua visão dramática da própria vida. Abdias é centrado quanto Dom Casmurro, mas leve e sonhador na busca em dar um sentido para sua vida.

administrar sua vida através da escrita. O platonismo de um amor inalcançável começa quando Abdias é convidado para lecionar em um colégio de elite chamado “Colégio das Ursulinas”.

Fui, ontem, agradecer o convite e informar-me acerca de horários e programas. Uma irmã leiga conduziu-me à presença da diretora, num gabinete severo, de cuja parede lisa pende, ao fundo, um crucifixo de ébano. Sentada à secretaria, *Mère Blandine* inclinou-se um pouco – sem contudo se levantar – para saudar-me e, com um gesto, indicou-me uma cadeira. É pequena e frágil, mas tem ar imponente. A palidez e transparência do rosto, que parece de porcelana, e a expressão dos lábios sugerem uma figura de François Clouet. A princípio, senti-me constrangido. (ANJOS, 1963, p. 17)

O colégio se apresenta a Abdias como um espaço austero, de construção e de pessoas imponentes, que chegam a constranger o personagem. A partir do momento em que esse espaço entra em cena, a rotina de Abdias é quebrada, desenvolvendo um novo momento da narrativa, em que as lembranças, e, principalmente, os desejos de Abdias em Várzea dos Buritis são retomados. O Colégio das Ursulinas pode ser considerado um *entre-espaço*, um espaço entre Várzea dos Buritis e Belo Horizonte, onde ocorrem todas as complicações na vida do personagem, que se perde entre as lembranças do passado e as atitudes a serem tomadas no presente.

Abdias não narra apenas acontecimentos de Várzea dos Buritis, tampouco se atém apenas ao que ocorre no Colégio das Ursulinas. Ele retoma o passado e vivencia o presente, estando preso nesse *entre-espaço* que o impede de voltar literalmente ao passado e ao mesmo tempo não permite que ele dê o impulso que deseja para alcançar seus objetivos no presente. Transita entre passado e presente, sem conseguir se equilibrar e se estabelecer em nenhum dos tempos. Sobre o convite de dar aulas no Colégio das Ursulinas, Abdias diz: “O convite alvoroçou-me. Um pouco por curiosidade, acerca da nova experiência, um pouco pelo secreto desejo de tribuna, que mora no peito dos tímidos, há muito eu o ambicionava” (ANJOS, 1963, p. 16). O romance apresenta uma narrativa completa de acontecimentos do passado mesclados a acontecimentos do presente.

O Colégio das Ursulinas tem muita importância para a construção do espaço narrativo, como espaço de vivência da memória do narrador, uma vez que o educandário conduz o personagem Abdias a se defrontar com lembranças e atitudes reveladoras de seu passado, sendo, portanto, o ponto de partida para o resgate das lembranças de Várzea dos Buritis, o que, ao mesmo tempo, faz vir à tona o desejo

secreto do personagem de pertencer às altas classes, influenciando seu comportamento e suas ações no decorrer da tessitura da narrativa. Sobre o Colégio das Ursulinas o narrador-personagem relata:

O Colégio das Ursulinas é um estabelecimento de luxo, fundado adrede para receber moças da alta burguesia. Entramos numa era socializante, em que vão caducando as distinções de castas e certas palavras discriminativas caem em desuso ou são cautelosamente evitadas. Entretanto, os jornais ainda lhe chamam “aristocrático educandário”, e o epíteto não constrange as feiras. (ANJOS, 1963, p. 16)

É possível identificar várias marcas que apontam para esse desejo de Abdias em pertencimento às altas classes. Abdias mostra isso ao se deslumbrar com a casa de Gabriela, ao se encantar pelas construções imponentes de Belo Horizonte e principalmente, ao demonstrar extremo encantamento pelo próprio Colégio das Ursulinas. Uma forte característica do colégio é sua atmosfera luxuosa, frequentado por alunas da “aristocracia” mineira. Ainda sobre o Colégio das Ursulinas, de acordo com Tatiana Albergaria Aranha Ricardo:

Dentro do mundo das Ursulinas – fechado em uma determinada classe –, a sucessão hereditária efetiva o corte social, e as gerações bem nascidas preenchem naturalmente os espaços, enquanto há uma pequena margem de manobra para aquelas famílias não tão bem colocadas na genealogia mineira que, por sua vez, dependem de favores para ali ingressar. As cartas de recomendação, um selo de garantia, mostram os movimentos de acomodação próprios das camadas dominantes; o lugar fundado adrede para receber as filhas da alta burguesia se perpetua no espaço das famílias de nome e naquelas recém-endinheiradas, estratos diversos dos abastados contemporâneos. Entrar ali é estampar um emblema de distinção, seja mantendo uma posição de origem, imprimindo a marca do continuísmo e da conservação, seja buscando o apadrinhamento entre os grandes. (RICARDO, 2008, p. 56)

Entrar no colégio não só representa um emblema de distinção para as alunas “endinheiradas”, como também representa honra e prestígio para o professor Abdias. De acordo com Rocha Filho, “no romance de Cyro dos Anjos, o colégio das irmãs Ursulinas alegoriza um reduto da aristocracia belo-horizontina, cujo ingresso concede certo estatuto de nobreza às famílias das moças ali internadas” (ROCHA FILHO, 2011, p. 10). É o próprio requinte aristocrático do colégio que deverá construir o espaço narrativo como uma atmosfera a desencadear em Abdias um anseio de pertencimento social. Portanto, não é em vão que Cyro dos Anjos insista na distinção social do colégio, pois é a partir dela que o narrador vai revelar seu anseio pelo mundo burguês, é esse

espaço narrativo que funciona como elemento decodificador de outro espaço, que é o espaço da memória – a memória de Minas de outrora, de que esse mesmo narrador fizera parte em seu passado de juventude.

A primeira aula é relatada no diário ressaltando o imprevisto que fez o professor dizer “Florisbela de Ataíde” ao invés de “Gabriela de Ataíde” no momento da chamada. Ao trocar o nome da aluna já ocorre um indício do que estava por vir; ele troca Gabriela por Florisbela: Flor + Bela. Esse foi o primeiro contato de Abdias com a aluna, e é nesse episódio que o narrador lembra-se de que a família “Ataíde”, assim como ele, vinha de Várzea dos Buritis e se recorda, ainda, de que a mãe da aluna Gabriela havia sido sua namorada no passado: “Glória foi namorada minha!” (ANJOS, 1963, p. 21). É nesse momento que o passado começa a ser resgatado pelo personagem, que passa a recordar fatos de sua vida em Várzea dos Buritis. “Reportavam-se a Glória as mais doces recordações de minha vida de menino” (ANJOS, 1963, p. 21).

O próprio Abdias afirma que Glória havia sido sua namorada, mas namorada apenas no âmbito de sua visão. O namoro de fato não ocorreu. Logo após a afirmação, ele confessa: “Bem, eu era mais moço do que ela, é verdade. Amava-a de longe, ela nem suspeitava da paixão que me consumia. Amores dos doze anos, fabulosamente românticos, que se curtiem em silêncio e se nutriam da imaginação!” (ANJOS, 1963, p. 21). A impressão, ao ler a passagem acima, é que no presente a história se repete. Assim como no passado, Abdias continua com seu desejo de reconstruir no presente, o que ele queria que não fosse apenas objeto de sua imaginação. Ele busca uma concretização de uma espécie de “sonho” não realizado na juventude.

Sobre a memória, de acordo com Henri Bergson (2006), o passado e o presente são interligados através da recordação. Em meio ao cotidiano, Abdias se depara com várias imagens, “imagens agem e reagem umas sobre as outras” (BERGSON, 2006, p. 11) que conduzem às suas lembranças em Várzea dos Buritis e fazem com que assim o passado esteja ao seu lado a todo tempo.

De acordo com Ecléa Bosi (1987), através das lembranças não é possível reviver o que aconteceu no passado, mas reconstruir essas experiências vividas com as percepções e pontos de vista atuais. Assim, Abdias relaciona os fatos de sua memória do passado, com os fatos ocorridos em seu cotidiano no presente. Como por exemplo, o fato de no passado Abdias ter tido sentimentos amorosos por Glória, e no presente o mesmo ocorrer com Gabriela, filha da mesma. Na escrita, ele não tenta entender essa relação, essa coincidência. Mas entre tantas alunas da turma, é provável que o professor

não tenha escolhido Gabriela sem motivo, a escolha se deu desde o momento em que a identidade de Gabriela se revelou, esclarecendo que a mesma pertencia a uma família burguesa do conhecimento de Abdias, vinda de Várzea dos Buritis.

Depois dos acontecimentos da aula inaugural de Abdias, o personagem se torna um observador atento das ações de sua aluna Gabriela e a narrativa gravita em torno da aluna. Observando-a com frequência no Colégio das Ursulinas, Abdias resgata lembranças de sua relação com os Ataídes no passado. Em *Matéria e Memória*, Henri Bergson diz que “a percepção presente vá sempre buscar, no fundo da memória, a lembrança da percepção anterior que lhe assemelha: o sentimento do *dejà vu* viria de uma justaposição ou de uma fusão entre a percepção e a lembrança” (BERGSON, 2006, p. 100). Em cada lugar que Abdias passa pelo Colégio das Ursulinas, aparecem novas lembranças. Na passagem em que Abdias se lembra da família Ataíde, anteriormente transcrita, ele parece sair da realidade na qual se encontrava, entregando-se ao encanto que sempre teve por aquela família aristocrática, num momento em que se misturam lembranças e fantasias. Ele assume que seus pensamentos já ultrapassaram as fronteiras do real e começaram a se aproximar do mesmo fascínio idealizado que ele tinha pela “aristocracia” mineira, em Várzea dos Buritis. O *dejà vu* a que o Bergson se refere pode ser compreendido pelo sentido que os espaços do colégio adquirem, ou seja, o *dejà vu* encontra-se naquela composição espacial que define a reconstrução da memória do narrador.

Bergson (2006) nos diz que a memória encontra-se nos objetos e no sentido que eles adquirem para a nossa lembrança. Em determinada passagem, enquanto Gabriela lia um livro, Abdias recupera uma lembrança advinda de seu passado: “Pude observá-la melhor, enquanto lia. Assemelha-se curiosamente a uma Ataíde de outras eras [...]” (ANJOS, 1963, p. 25). Essa é uma espécie de memória involuntária em que as lembranças guardadas no subconsciente são recuperadas. Um processo de reviver, no presente, em situações do acaso, a impressão de sensações vivenciadas no passado, um fio condutor de tempo, entre passado e presente. Nessas passagens, a obra de Cyro dos Anjos pode ser lida tendo em vista diálogos com Proust.

Abdias faz uma tentativa de recuperar sentimentos perdidos no tempo. Assim como o personagem-narrador de Proust, Abdias busca, com a evocação do passado, fazer uma *busca pelo tempo perdido*, tenta recuperar algo, sensações que a memória pode tornar presente. As lembranças para Abdias podem resgatar algum elemento do



passado no presente, ou, ainda, atualizar certas sensações que tivera uma vez no passado.

Ao pensar em Gabriela, Abdias se remete a memória que tinha de uma história romanesca sobre uma “antepassada” de Gabriela: Violante. Quem havia lhe contado essa história era Dona Constança em Várzea dos Buritis. Trata-se de um amor aparentemente impossível de uma donzela, chamada Violante, por um chefe de garimpeiros. “Seria um belo mancebo, e Violante era pouco mais que menina” (ANJOS, 1963, p. 26). Mas o pai da mesma não aceitava “ter para genro um aventureiro” e afastou Violante do amado. “Contou-me dona Constança que, depois de a ter capturado, D. Álvaro aferrolhou-a em casa, e não mais se teve notícia de Fernão Costa – que assim se chamava o chefe dos garimpeiros – nem de seu bando, que se dispersou.” (ANJOS, 1963, p. 27). Abdias conclui a história escrevendo:

Na verdade, a bela Violante amava o destino, como convém às almas que não são medíocres. Mas o destino lhe deu beleza, sentimento heroico da vida e a moldura dum velho nome. Propiciou-lhe tudo o que uma epopeia reclama, e ainda a levou cedo, para a velhice, pouco épica, não lhe deformasse a imagem. (ANJOS, 1963, p. 29)

Motivado pela história romanesca de um amor impossível, Abdias diz se referindo a Gabriela: “Já não é Gabriela: é Violante, Urraca, Tareja...” (ANJOS, 1963, p. 27). Ou seja, já não é Gabriela, aluna, mas sim a Gabriela que representa uma possível relação de amor, corajosa, bela, Violante. Afinal, a história de Violante rompe com os bons costumes de uma família tradicional, e Abdias narra esse fato colocando a personagem feminina como heroína de sua própria história. Ele não trata a história com inferioridade, pois a vê como exemplo para acessar seu amor idealizado, vê Gabriela como a personificação de Violante.

Abdias, um escritor-leitor, constrói a personagem Gabriela partindo das leituras que fez. Inclusive, as relações entre personagem (Abdias) e autor (Cyro dos Anjos) são mediadas pelas leituras. Cyro dos Anjos foi um intelectual mineiro, estudioso e professor da literatura. Sem as leituras de Abdias não existiria Gabriela, como objeto inacessível do seu desejo. O trovadorismo e a história romanesca, por exemplo, que são mencionados por Abdias, interferem no comportamento do protagonista a todo tempo.

Violante, não é apenas uma antepassada de Gabriela. A história de Violante parte do repertório de leituras literárias do protagonista desse romance, Abdias. Pensando nisso, é possível destacar que quando o autor Cyro dos Anjos morava em Montes Claros e estudava na Escola Normal, começou a formar seus gostos literários.

“Foi na escola Normal que se deu o meu encontro com Machado, Eça, Herculano” (ANJOS, 1988, p. 4). A estudiosa Adriana Mello Guimarães ressalta que: “Clarice Lispector, que negava ter sido influenciada por outros autores, foi leitora voraz do Eça. José Lins do Rego é outro escritor fascinado pelo estilo queirosiano e Cyro dos Anjos, ainda na sua cidade natal, Montes Claros, leu Eça” (GUIMARÃES, 2012, p. 16). Sobre a influência de Eça de Queirós, Cyro dos Anjos disse em uma entrevista:

Quando era moço, não gostava muito de Eça. Dava-me antipatia aquele esnobismo, o dandismo de Eça, aquela coisa de fim de século. Aquilo me cansava, me causava uma certa irritação. O Eça me parecia muito caricatural. O Machado, não, era muito mais profundo, mais sutil. Em suma, havia até os partidários do Eça e do Machado. Hoje, divido-me entre os dois, pois Eça me oferece delícias diferentes das de Machado. (ANJOS, 1988, p. 4)

Estando ciente da influência de Eça de Queirós, um dos mais importantes escritores portugueses da história, sobre Cyro dos Anjos, e, principalmente, da figura intelectual do personagem Abdias – como leitor e estudioso literário - é possível relacionar a Violante lembrada por Abdias, como uma referência ao romance de Eça, intitulado: *A Ilustre Casa de Ramires*, um romance realista publicado em 1900.

Em determinada parte dessa obra, conta-se a história da Torre de Ramires, localizada no século XII, fazendo uma constante volta ao passado. O personagem principal é Tructesindo Mendes Ramires, um homem rígido, íntegro e audaz, que busca vingar a morte de seu filho Lourenço, morto em uma emboscada armada por Lopo de Baião, considerado inimigo da família de Tructesindo.

Nesse contexto, Lopo de Baião, que, por ser loiro e belo, é chamado de “Claro Sol”, pertencente a uma família inimiga dos Ramires, se apaixona por D. Violante, filha de Tructesindo e tem seu amor correspondido por ela, mas seu pai lhe nega a mão da moça. Ao tentar, inutilmente, raptar Violante, Lopo de Baião transforma-se no pior inimigo dos Ramires. Por fim, resumidamente, Lopo de Baião acaba sendo morto por Tructesindo de forma trágica e cruel. História que, pode ser uma reformulação que Abdias faz, para exemplificar e dar força a existência de grandes amores impossíveis, como estratégia de realçar em sua escrita a temática amorosa que almejava, partindo de seus conhecimentos literários.

O tom confessional da narrativa ressalta a natureza íntima do narrador e a clareza nos detalhes dos acontecimentos que se passam com o personagem. A nobre Gabriela passa a ser o centro das atenções do professor, que começa a ter atitudes

atípicas para uma relação entre professor-aluna. Essa preocupação, que Abdias começa a ter para com a jovem, surpreende o próprio professor que se assusta e fica inquieto com seu próprio comportamento. Ao longo do romance o narrador utiliza o ato da escrita no diário para reconhecer erros e refletir sobre suas ações, numa necessidade de se autoavaliar a respeito das suas próprias atitudes.

Essa tagarelice a propósito de coisas vãs são restos da crise mundana por que passou na adolescência. Quando rapaz, picado por veleidades de elegante, pretendeu frequentar as altas rodas. Queria conhecer no seu próprio habitat aquelas esquivas criaturas que mal se deixavam ver entre a saída de uma igreja ou um teatro, e a rápida partida, nos automóveis de luxo que as esperavam. Por uma anomalia do sentimento amoroso, importava-lhe, no objeto amado, mais que as qualidades específicas deste, aquilo a que o moço Abdias chamava *pedigree*. Uma beleza sem estirpe nem posição social não lhe causava impressão. (ANJOS, 1963, p. 31)<sup>9</sup>.

Através da passagem transcrita acima, pode-se ressaltar o que Wander Melo Miranda diz, em *Corpos Escritos*, sobre a reevocação do passado: “constitui-se a partir de uma dupla cisão, que concerne, simultaneamente, ao tempo e à identidade: é porque o eu reevocado é diverso do eu atual que este pode afirmar-se em todas as suas prerrogativas. Assim, será contado não apenas o que lhe aconteceu noutro tempo, mas como um outro que ele era tornou-se, de certa forma, ele mesmo” (MIRANDA, 2009, p. 31). A imagem que Abdias deseja construir de si mesmo, no presente, é uma espécie de lembrança da imagem de si no passado. Ao se lembrar do tempo que era jovem, Abdias assume que o que sempre lhe importou - e continuou a pesar ao longo do tempo -, é o seu interesse pela alta posição social ocupada pelas moças; a beleza vinda de uma jovem pobre, por exemplo, jamais lhe chamaria a atenção. Reinaldo Marques diz: "Assim, na moça Gabriela que é objeto dos afetos de Abdias, na atualidade da escrita do diário, ressoam as vozes de um passado ambíguo, misto de glória romanesca e decadência" (MARQUES, 2008, p. 229).

É importante ressaltar que este passado reevocado, pode não ter existido em si, como Abdias o descreve. Segundo Ivan Marques: “Barrada pela autocensura, mediada pela reflexão, a declaração íntima não chega intacta e sem rodeios ao papel” (MARQUES, 2011, p. 209). Ao se referir a *O amanuense Belmiro*, Antonio Candido diz que “o passado que evoca não existe em si, mas é uma criação da sua saudade e da sua imaginação deformadora” (CANDIDO, 2011, p. 77), Abdias pode ter saudade do que

---

<sup>9</sup> Esse trecho já foi usado no capítulo de Escrita de si, mas como se encaixava perfeitamente como exemplo de Memória foi utilizado novamente.

sequer tenha existido, saudade do sonho irrealizado, de uma vida idealizada. Além disso, sua imaginação deforma o sentido das coisas, ele oscila entre verdade e vontade, entre real e ficção. Sobre essa possível alteração do passado, Wander Melo Miranda diz que “a memória (imaginária) dos eventos cotidianos registrados no diário (fictício) é um retorno não-passadista, reformulador, reivindicatório, efetuado com o intuito de alterar o passado e não de preservá-lo ou reconstruí-lo mediante a submissão a uma fonte ou modelo” (MIRANDA, 2009, p. 129).

O belo e pomposo colégio, com ostensiva estampa social, provoca em Abdias inquietações: lembranças do passado e, ao mesmo tempo, ansiedades quanto aos acontecimentos futuros; o colégio passa a ser o maior foco de seus pensamentos. Tudo que acontece ao personagem é resultado de lembranças de seu passado, emergindo de sua memória enquanto estava no ambiente do colégio. Em sua escrita, ele tenta organizar-se em relação às mudanças que está vivendo ao começar a trabalhar como professor, e ao mesmo tempo tenta conciliar os tempos, passado e presente, já que a imagem do colégio o conduz, a todo o momento, a retornar e a retomar o passado.

As memórias de Várzea dos Buritis borbulham, e Abdias faz relações com seu presente na capital:

Mas o moço Abdias, que fruía alguma consideração em Várzea dos Buritis, sentira-se desqualificado em Belo Horizonte. Cada meio social tem a sua clave, diria um músico, e na pauta da sociedade os valores das notas variam, segundo as latitudes. Destituídos de universalidade, os valores de Várzea dos Buritis não correspondiam aos da Capital. Andou, assim, como uma pária, por aqui, e foi-lhe mister refrear as aspirações mundanas. Amargou-se o coração de um jovem, mas salvou-se um clérigo dos perigos do mundo leigo. (ANJOS, 1963, p. 31)

Como visto acima, numa tentativa de refletir sobre si mesmo, em certos momentos, Abdias começa a utilizar a terceira pessoa, como se ficasse envergonhado de contar algo sobre si mesmo, refugiando-se numa espécie de sujeito indeterminado, em busca de uma liberdade condicional. É a primeira vez que seu nome próprio aparece na narrativa, o nome “Abdias” significa “Servo de Javé” em hebraico. Esse era o nome de um dos Doze Profetas Menores, no Antigo Testamento. Coincidentemente ou não, Abdias tendo um nome bíblico, mostra ser em sua narrativa um homem com traços religiosos e interesses em estudos teológicos. O significado do nome “Abdias” também pode ser uma ironia provocada por esse devastador processo de autoanálise, ao mesmo tempo pecaminoso e arrependido. Abdias não é “servo de deus”, mas de seu narcisismo

culpado. Na passagem a seguir, Abdias discute um pouco de teologia com Carlota, a fim de disfarçar suas mentiras:

Estimulado pelo êxito, e defendendo-me contra possível continuação do interrogatório, continuei a declamar, enquanto enfiava o pijama:

\_ O conferencista manifestou-se partidário dos que opinam haver sido escritos em dialeto helênico os quatro Evangelhos. A tese de que se trata de uma língua artificial judeu-greco-cristã, o chamado “grego bíblico”, já foi suficientemente refutada, com os estudos de Kennedy e Deissmann...

\_ Meu Deus! Que luxo de erudição... Disse Carlota maliciosamente. Quer dizer que podemos dormir tranquilos... Foi mesmo em dialeto helênico...

(ANJOS, 1963, p. 92-93)

Voltando ao Colégio das Ursulinas, o gosto pelo colégio e a satisfação de se manter presente naquele ambiente fazem com que Abdias demonstre medo de perder o lugar que passou a ocupar:

Estive com Sizenando, ontem à noite. Acha-se quase restabelecido e já fala em voltar para o Colégio. Deus me perdoe o desejo, que me relampeou no coração, de que o velho amigo ficasse mais tempo de cama. Receei que, com sua volta, tivesse eu de deixar as aulas.  
(ANJOS, 1963, p. 34)

Medo este, mais relacionado aos seus sentimentos amorosos e não só pelo gosto de lecionar. Mas Sizenando não pede as aulas de volta para Abdias, ele continua ministrando as aulas de gramática e Abdias fica com a literatura. Abdias planeja suas ações esperando sempre uma possível reação da aluna Gabriela, e ainda afirma que “sem querer” sua atenção está sempre voltada para ela. No decorrer das aulas, as anotações em seu diário continuam a narrar o cotidiano do colégio, em especial de Gabriela.

De acordo com Ecléa Bosi:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1987, p. 9)

Portanto, Abdias não só gostava de dar as aulas, como também havia se acostumado e já estava envolvido nas suas memórias e desejos mais íntimos, em meio àquele círculo do ambiente aristocrático. A memória se mostra “invasora” na vida do personagem, à medida que as lembranças servem como força, como impulso para

Abdias agir no presente, buscando conquistar tudo o que não conseguiu no passado. Miranda afirma que “narrar é agir. Assim, o significado do vivido toma forma nas ações e através das ações compartilhadas que se tornam o meio essencial para lançar os fundamentos de uma atuação autêntica no futuro” (MIRANDA, 2009, p. 128). Com a proximidade entre professor e aluna ao longo da narrativa, o protagonista começa a fantasiar as possíveis intenções de Gabriela:

Dissimuladas na gentileza dos modos, pareciam ser estas as palavras íntimas de Gabriela: “Por um capricho meu, meus pais consentem em recebê-lo. Como vê, é uma honra que lhe fazemos.” Pode ser também que haja excesso de imaginação de minha parte, e que a pequena não tenha dado às suas palavras a entonação que senti. De um ou de outro modo, a consequência foi termos ajustado que uma noite destas eu irei à sua casa. (ANJOS, 1963, p. 38-39)

Na passagem acima é perceptível que a opinião ou consentimento da sua mulher quanto a sua ida à casa da família passa a não importar: “pelo receio de criar uma situação que impedisse minha ida, enganei Carlota, quanto ao que pretendia fazer” (ANJOS, 1963, p. 47). De acordo com Bergson, “para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (BERGSON, 2006, p. 90). Assim, Abdias busca a todo custo trazer para o seu presente os melhores momentos de encantamento e de felicidade vivenciados por ele no passado, na maioria das vezes, sem se importar com a realidade à sua volta, tampouco com o fato de ser casado.

Memórias do passado fazem com que Abdias pense na aluna como uma donzela que há tempos tanto admirava. Ao ir à casa da aluna, Abdias se sentiu como um moço namorador dos tempos de Várzea dos Buritis: “A emoção que experimentei terá sido realmente de namorado, mas namorado retrospectivo, e Gabriela apenas encarnou, aos meus olhos, donzelas de outros tempos por quem este pobre Abdias suspirou em sua melancólica adolescência” (ANJOS, 1963, p. 43). Essa emoção de namorado é a emoção da qual ele quis se apoderar ao trazer de volta o passado. Abdias se esquece do atual sujeito que é no presente e se sente um Abdias anos mais jovem, de volta ao tempo, como se estivesse em Várzea dos Buritis e não em Belo Horizonte.

Quando o personagem entra na casa da família aristocrática, é perceptível o encantamento que sente, recorrendo ao passado para explicar seu sentimento:

Quantas vezes passei diante de certas mansões, procurando, a medo, ver namoradas que me ignoravam, mas que eu, com o sentimento de culpa que punge os apaixonados tímidos, acreditava já me terem percebido a segui-las imprudentemente! Às vezes uma porta

entreaberta ou um estore descerrado me deixavam ver o recanto de uma sala, uma poltrona, um sofá, onde aquelas criaturas haviam de estar, a alguma hora do dia, a folhear uma revista, a receber uma visita... Com este escasso material, eu, à semelhança de um arqueólogo, tentava reconstituir tudo o mais. (ANJOS, 1963, p. 43-44)

Esse desejo de conhecer a vida íntima das moças da alta classe vem de um passado em que ele já se sentia perturbado e incomodado, numa busca incessante por adivinhar e adentrar o universo privado desses indivíduos. Abdias sempre quis conhecer as mansões, seus móveis luxuosos e acima de tudo, sempre quis participar das ações ocorridas dentro desses lugares. Sobre as sensações de Abdias ao ir ao encontro da aluna, podemos ressaltar o que Bergson diz: “a sensação, com efeito, é essencialmente atual e presente; mas a lembrança, que a sugere do fundo do inconsciente de onde ela mal emerge, apresenta-se com esse poder *sui generis* de sugestão que é a marca do que não existe mais, do que ainda queria ser” (BERGSON, 2006, p. 51). Abdias ainda queria ser o moço de Várzea dos Buritis, queria ter ainda as mesmas oportunidades de realizar seus mais íntimos desejos, de vivificar seus sonhos e anseios, pois recordação e ação andam juntas na escrita de Abdias.

Nos instantes em que permaneci à porta da residência de Gabriela, entre o toque da campainha e a vinda da criada, esse passado emergiu do meu mundo interior. Parecia-me que eu entrava na posse de domínios que outrora tanto busquei e sempre me foram vedados. A moça resumiu para mim, naquele momento, todas as antigas namoradas, e sua casa representou os misteriosos palácios que as escondiam. (ANJOS, 1963, p. 44)

Na passagem acima, Abdias tem a sensação de estar no *entre-espço* em que se sente atordoado pelo passado e inerte ao momento presente. Abdias sentiu prazer em estar no ambiente da casa de Gabriela, mas atribui a culpa do prolongamento de sua visita ao Dr. Azevedo, escondendo de si mesmo a verdade, enganando a si próprio: “é verdade que, fazendo-o, apenas cedi a instâncias do Dr. Azevedo, que verifiquei ser excelente companheiro, e de Glória, que teve prazer em recordar os tempos passados em Várzea dos Buritis” (ANJOS, 1963, p. 45).

O Colégio das Ursulinas é, portanto, o passaporte que conduz Abdias para um cenário que ativa as lembranças do passado no interior de Minas. Quando o personagem adentra o ambiente do colégio ele é tomado por recordações que o fazem retroceder ao passado. O colégio proporciona o encontro com a aluna Gabriela, que traz de volta memórias da família Ataídes de Azevedo, que aparece como a representação de uma

vida digna, nobre e ideal que o narrador sempre almejou, mas nunca alcançou. Os bens que os Ataídes possuem, assim como o comportamento e modo de vida da família, são características que encantam, atraem e deslumbram o professor de classe média.

As experiências e emoções vivenciadas por Abdias em Várzea dos Buritis se mantiveram muito vivas ao longo da vida do personagem e agora, no presente, ele usa Gabriela e a retomada dos vínculos com sua família como uma réstia de luz que lhe indica o caminho para esse mundo do qual tanto almejou fazer parte. E é o Colégio das Ursulinas que abre as portas para que a memória do passado do protagonista apareça, trazendo de volta os sonhos de sua juventude, que são retomados no presente e se tornam objetivos obscuros a serem alcançados por Abdias: o antigo sonho de conquistar um espaço no mundo aristocrático. No trecho a seguir, Abdias confessa o que lhe aconteceu a partir do momento que teve contato com o colégio:

O colégio abriu em minha vida um ciclo novo, deu-lhe um interesse que havia desaparecido. As amizades femininas atuam em nós como poderoso estimulante. Entre professor e aluna se estabelece, às vezes, certa corrente de simpatia que, produzindo algo semelhante a um campo magnético, cria para ambos uma atmosfera de exaltação intelectual, em que o espírito vê, multiplicadas, suas forças latentes. Poder-se-ia chegar à conclusão de que tal sentimento participa da natureza do amor, deste se diferenciando apenas em grau. (ANJOS, 1963, p. 80)

Esse trecho permite perceber os sentimentos do narrador como: a esperança advinda da oportunidade tida no colégio; orgulho e confiança em seu poder intelectual de lecionar; e a descoberta do sentimento amoroso ao relacionar-se com uma das alunas. Por mais que Abdias tenha se distanciado de Várzea dos Buritis, com a sua ida para o Colégio ele volta a viver aquele tempo passado, enxergando no presente as oportunidades de realizar os sonhos que tinha nos tempos em que morava na cidadezinha provinciana. É nesse processo de idas e voltas no tempo, a partir dos espaços que passa a frequentar desde o momento em que se torna professor do conceituado educandário, que o protagonista Abdias, irá mergulhar fundo em sua própria essência humana, corroborando a linha de ação do personagem que indica sua incansável busca por um espaço, por um lugar nas altas classes.

O Colégio das Ursulinas transforma-se num espaço evocativo de um tempo memorialístico, ou seja, o espaço físico transforma-se em dimensões abstratas de um espaço afetivo, na medida em que seus objetos reconstituem a experiência do passado. Abdias vê, numa espécie de espelhamento, um fato do presente, no colégio, refletindo



imagens e lembranças dos tempos passados. Mas ele se esquece de que agora não é mais um jovem em meio às moças, agora ele é o professor dessas meninas. E ignorando questões do tempo, espaço e circunstâncias adversas, ele busca conquistar, no presente, seus objetivos de quando ainda era um jovem de Várzea dos Buritis. E qual é o caminho por ele divisado? Apaixona-se por uma moça rica e sonha se casar com a mesma, mais pelo desejo de pertencer à aristocracia, do que pelo sentimento amoroso em questão.

O diário de Abdias é como se fosse uma âncora que o mantinha ligado ao fundo de seu passado. O colégio colabora para a volta dessas memórias, e consequentemente colabora para o retorno dos seus desejos, influenciando nas atitudes e sentimentos que o personagem passa a ter. O Colégio das Ursulinas se mostrou tão importante para a revelação do verdadeiro eu do personagem, que ao findar das aulas daquele ano letivo, Abdias já imaginava sua volta ao ambiente: “A volta ao Colégio, no ano próximo, poderia satisfazer parcialmente à minha necessidade de estar em contato com estes seres, que simbolizam, a meus olhos, um mundo não vivido, apenas sonhado” (ANJOS, 1963, p. 81).

## 2.1 COLÉGIO DAS URSULINAS E VÁRZEA DOS BURITIS: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

*Devia ter-lhe dito que a amava doidamente, devia tê-la abraçado e beijado mil vezes. Que importava estivéssemos na rua? Era como se um arco-íris se desenhasse no céu. Quando o amor se encontra, até o sol deve parar. E deixei Gabriela ir-se embora sem nada lhe ter falado...*

(ANJOS, 1963, p. 101)

Observando a caminhada de Abdias pelos espaços a que sempre sonhou pertencer, surgiu o interesse por analisar esses ambientes. Para discorrer sobre as questões espaciais observadas na obra *Abdias* de Cyro dos Anjos, foram estudados os seguintes textos: *Espaço e literatura: introdução à toponímia*, de Oziris Borges Filho; *Lima Barreto e o espaço romanesco*, de Osman Lins; e *Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, de Yi-Fu Tuan.

De acordo com Oziris Borges Filho “Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira” (ROCHA FILHO, 2008, p. 3). Assim que Abdias adentrou o espaço do Colégio das Ursulinas, o pai de família modesto e acostumado com sua vida simples, se transformou em um professor encantado e obcecado pelo ambiente burguês. O colégio se tornou a brecha que o personagem tanto esperava para sair de sua zona de conforto, em busca de seus ideais perdidos no interior de seu passado. Mas, não só o colégio, como também a presença da aluna Gabriela foram os motivos principais da mudança nos modos de agir do protagonista.

Ainda de acordo com Borges Filho “O que era diferente vai-se homogeneizando através do espaço em que vive” (ROCHA FILHO, 2008, p. 3). O personagem, no seu passado em Várzea dos Buritis era jovem e sonhador; morando em Belo Horizonte, no presente - já um homem maduro - assume novos comportamentos nos novos ambientes que lhe são proporcionados: em constante contato com o colégio de elite, com a casa da família nobre de sua aluna e em presença da mesma, Abdias inicia tomadas de atitudes que nunca teve em seu passado e que são inapropriadas para ele no presente, já que, no presente ele se encontra na condição de homem casado, exercendo a função de um

professor. Atitudes como: sair as escondidas de sua esposa para ir ao encontro de Gabriela e associar a jovem ao Centro de Estudos Sociais que só o faz perder o foco no projeto.

O espaço favorece as ações do personagem, que se deslumbra com a possibilidade de conviver em meio à elite no colégio. Abdias nunca tinha tido uma oportunidade de estar perto de pessoas endinheiradas, de conviver tão próximo e, participar ativamente da vida delas. Desde jovem tinha vontade de namorar moças de famílias burguesas, saber como era a rotina nas casas das mesmas e se sentir integrante ativo em meio à nobreza.

Ao descrever o espaço leva-se em conta a experiência do sujeito que a descreve e, por mais que se procure descrever o real, ele será sempre um real de ficção. Segundo Borges Filho “em se tratando de literatura, todos os espaços representados na obra serão ficcionais por mais fiéis à realidade que sejam, no entanto, tomando a realidade por parâmetro, podemos dividir o espaço da obra literária em três” (FILHO, 2008, p. 3): *realista, imaginativo e fantasista*. Na obra *Abdias* o espaço Belo Horizonte pode ser considerado *realista* em que “o espaço construído na obra semelha-se à realidade cotidiana da vida real. Nesse caso, o narrador se vale frequentemente das citações de lugares existentes. Ele cita prédios, ruas, praças, que são co-referenciais ao leitor real” (FILHO, 2008, p. 3). É possível perceber esse espaço *realista* na passagem a seguir, quando Abdias se refere a locais atualmente existentes em Belo Horizonte, como a Avenida do Contorno: “Agradava-me, também, o giro matinal pelos lados de Santo Agostinho, onde eu deixava o bonde, para seguir, a pé, até à Avenida do Contorno” (ANJOS, 1963, p. 33).

A ambientação é, como o espaço, construída pelo narrador. Osman Lins a divide em três tipos: *franca, reflexa e dissimulada*. Na passagem abaixo, é possível verificar a presença da *ambientação reflexa*, que de acordo com Osman Lins ocorre através da visão das personagens e da colaboração neutra do narrador, que compartilha a percepção das personagens sobre os espaços, mas sem intervir com discursos avaliatórios. (LINS, 1976, p. 84)

Não transcorreram dois anos, e quase se engoliu todo o espaço que mediava entre Lourdes e o Prado. Como Belo Horizonte se estende poderosamente! Só pediria que nos poupassem um pouco de verdura de um e outro lado da Avenida, e que novas casas não viessem tirar a vista do bairro Cerâmica. Em abril e maio, florinhas amarelas alcatifam alacremenente fraldas de colinas e depressões, dando-nos um esplêndido Van Gogh. (ANJOS, 1963, p. 33)

No trecho acima, o narrador traça um panorama dos locais da cidade por onde ele passava, com uma sensação de liberdade que sentia, os odores, a profusão de pessoas e atividades realizadas. Nessa passagem são citados bairros como Lourdes e Prado ainda existentes em Belo Horizonte. Lourdes, um bairro nobre, fundado oficialmente em meados da década de 30; e Prado um bairro de classe média, localizado próximo a Avenida do Contorno.

A cidade de Várzea dos Buritis é o espaço da obra *Abdias* no qual o narrador viveu toda sua infância e juventude. Quando perguntado sobre se os nomes das cidadezinhas de seus romances são inventados, Cyro dos Anjos respondeu: “Inventados. Não para despistamentos – seria pueril -, mas para dar ao autor mais liberdade geográfica. A geografia é uma prisão física que, às vezes, se torna também uma prisão moral” (ANJOS *apud* STEEN, 2008, p. 114). Várzea dos Buritis pode ser considerada um *espaço imaginativo*, pois de acordo com Borges Filho: “o espaço será classificado de imaginativo quando os lugares citados na obra literária não existirem no mundo real. São lugares inventados, imaginados pelo narrador, no entanto, são lugares semelhantes aos que vemos em nosso mundo” (FILHO, 2008, p. 3). Várzea dos Buritis é uma cidade inventada pelo autor, que, interiorana de Minas Gerais, se assemelharia a Montes Claros, cidade natal de Cyro dos Anjos.

Na manhã de hoje, quando cheguei ao colégio, os eucaliptos do pátio, molhados pela chuva da noite, exalavam um aroma que me transportou, por uma dessas associações, a verde corredor que serpeava por entre chácaras e pastos, à saída de Várzea dos Buritis, na entrada de Vista Alegre. Em mais de um ponto, grandes árvores, que se enlaçavam no alto, nele formavam caramanchões naturais, e a erva-de-são-caetano, alastrando-se pelas cercas de pau-a-pique, compunha-lhe uma sebe viva. Glória gostava de andar a pé, por ali, para sentir a frescura da vegetação e o cheiro que desprendiam as ervas sob a ação do sol. (ANJOS, 1963, p. 21-22)

Na passagem acima Abdias cita Várzea dos Buritis em um momento em que passeava com Glória, sua “namorada” da juventude e coincidentemente – ou não – mãe de sua aluna Gabriela. No trecho, os eucaliptos do colégio transmitem um cheiro que fez o personagem se lembrar do espaço de Várzea dos Buritis. De acordo com Yi-Fu Tuan: “O odor tem o poder de evocar lembranças vividas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas” (TUAN, 2012, p. 9). Abdias ainda cita outros momentos que sente saudades de sua cidade natal: “Sou homem do sertão e amo as noites quentes de Várzea dos Buritis [...]. Jamais me adaptarei ao inverno belo-horizontino” (ANJOS,

1963, p. 40). Essa recusa em aceitar as características belo-horizontinas realça, ainda mais, a preferência de Abdias por Várzea dos Buritis, bem como a vontade de ainda pertencer a aquele lugar.

Um dos momentos mais importantes da narrativa é quando Abdias é convidado a visitar a casa de sua aluna Gabriela, o espaço da casa da aluna proporciona ao personagem sensações, desejos e fantasias íntimas.

Enquanto apertava o botão elétrico da campainha, aguardando, no vestíbulo, que me viessem introduzir, tive a impressão de que a vida ia saldar comigo velhas dívidas e dar-me, de um momento para outro, o que até ali persistia em me negar. Quando rapaz, aguilhoado por amores momentâneos, mas intensos, prementes, vivia, nesta então para mim desconhecida cidade, a rondar as casas de namoradas que jamais seriam minhas. Como desejei penetrar nos domínios dessas criaturas! As casas tocavam-me de mistério, e a grade dos jardins parecia demarcar as fronteiras de um mundo diferente do meu, regido por outras leis, submetido a outro sistema planetário. (ANJOS, 1963, p. 43)

A velha dívida que a vida saldaria com o personagem, se refere ao velho sonho de Abdias em adentrar uma casa como aquela. O botão “elétrico” da campainha, os grandes jardins, são todos aspectos que marcam as diferenças entre o mundo sonhado (luxuoso) e o mundo (simples) a que ele pertencia. Abdias permaneceu no Colégio das Ursulinas até a formatura de suas primeiras alunas, ele compareceu à cerimônia e descreveu a elegância do evento:

A cerimônia efetuou-se no salão nobre, que ficou repleto. Nessa peça, que é importante, conciliando o emprego do ornato com a moderna tendência à simplicidade, o arquiteto obteve belos efeitos com baixos-relevos de estuque, evocativos de passagens da vida da padroeira Ordem. Ao centro, numa das paredes laterais, um painel maior representa a cena da visão de Brudazzo, em que o céu se abre aos olhos de Ângela Merici, em êxtase, e uma dupla procissão de anjos e virgens desce e sobe por uma escada luminosa. (ANJOS, 1963, p. 129)

O trecho acima serve como exemplo da *ambientação franca*, descrita por Osman Lins como a ambientação em que o narrador não participa da ação, na maioria das vezes aparece em terceira pessoa e é, basicamente, a descrição do espaço pelo olhar do narrador. Já apresentados exemplos da *ambientação reflexa* e *franca*, resta apresentar também um exemplo da *ambientação dissimulada*. A *ambientação dissimulada* “exige a personagem ativa: o que a identifica é um enlace entre o espaço e a ação” (LINS, 1976, p. 84). Enquanto Abdias estava na cerimônia de formatura de suas alunas, sempre

encantado e preocupado em observar sua aluna Gabriela, sua esposa Carlota passava mal em sua casa, por conta de complicações de sua gravidez. A *ambientação dissimulada* pode ser percebida quando o personagem principal chega em casa e se depara com a seguinte situação:

Quando cheguei em casa, já pelas sete da noite, encontrei o ambiente agitado. Maria Clara tinha deixado Pero Vaz e Carlos José com uma vizinha, para evitar bulha, e estava às voltas com medicamentos que acabara de trazer da farmácia. Contou-me, assustada, que Carlota se sentira mal e havia mandado chamar João Carlos. Fui também procurado, mas do Colégio ninguém soubera dizer onde poderiam encontrar-me. Habitado aos exageros de Maria Clara, que dramatiza tudo, como é próprio da idade, não me impressionei. Entretanto, subi apressadamente ao quarto, para ver o que acontecera. Vinha-me, de cima, o cheiro penetrante de álcool queimado no estojo da seringa de injeções, cheiro que, com a doença de Carlota, se tornou frequente em nossa casa e que, à luz velada, na alcova, me traz penosa reminiscência – a da longa enfermidade que precedeu a morte de minha mãe, sendo eu ainda pequeno. (ANJOS, 1963, p. 129)

Não só os elementos do ambiente são descritos a partir da ação do personagem, como o quarto, a alcova, a luz velada, o estojo das seringas, mas a percepção do quarto pelos sentidos, como o cheiro penetrante do álcool. É possível observar o odor fazendo surgir memórias em Abdias. Yi-Fu Tuan diz que através do odor lembranças são retomadas (TUAN, 2012, p. 9), e nessa passagem o odor de álcool queimado, vindo do quarto de Carlota adoentada, traz de volta memórias da mãe enferma de Abdias quando ele era uma criança.

Ainda de acordo com Tuan, “Geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos. O som da chuva batendo contra as folhas, o estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado, nos excitam com intensidade raramente alcançada pela imagem visual” (TUAN, 2012, p. 10). Podemos perceber como a audição afeta os sentimentos de Abdias, quando Gabriela o convida para ir em sua casa depois de sua formatura, ele ouve uma música que ela coloca a tocar e relata:

Mas o certo é que a *Gimnapédia* causou em mim efeitos devastadores, fosse pela melodia, terrivelmente depressiva, fosse pelo estado de espírito em que me achava, propício a projetar, no indeterminado da música, as vagas de melancolia que se sucediam, no meu mar interior, como na solidão de uma praia desabitada. Gabriela estava sentada numa poltrona, negligentemente, com os braços caídos, os olhos semicerrados. O vestido que pusera para a solenidade, um pouco apertado na cintura, modelava-lhe o busto jovem, palpitante, onde o amor estancaria sua inextinguível sede. As cortinas, fechadas para vedar o sol forte daquela tarde estival, que dava de chapa nas janelas,

produziam na saleta uma obscuridade e um abafamento em que a música de Satie recebia estranha ressonância. (ANJOS, 1963, p. 129)

O desfecho do romance tem como espaço Belo Horizonte e Abdias solitário, exercendo suas funções de pai de família, viúvo e seguindo sua mesma rotina. Carlota morre dias depois do parto de seu quarto filho, e Abdias acaba por descobrir que sua mulher possivelmente conseguiu ler algumas partes de seu diário e assim descobriu em vida parte de seus devaneios.

Examinando, com Maria Clara, papéis e coisas de Carlota, para os pôr em ordem, fiz, ontem, uma descoberta que me trouxe dor, mas, ao mesmo tempo, reforçou minha decisão de lutar para remir os erros do passado: dentro de um livro de missa: estavam rascunhos de duas páginas destes cadernos, as que tanto magoaram Carlota. Via-se que tinham sido amarfanhados, num gesto de revolta, e, depois, de novo alisados e guardados. (ANJOS, 1963, p. 215)

No fim, ele consegue perceber as fantasias que estava desenhando nos últimos tempos e se arrepende. Sobre a leitura inesperada de Carlota ele diz: “Quis Deus poupar-lhe decepção mais cruel, não deixando que ela visse as páginas em que confessei a esperança de que sua morte resolvesse o problema de minha vida!” (ANJOS, 1963, p. 216) De acordo com Osman Lins (1976, p. 73), tudo na narrativa – personagem, espaço, tempo, narrador – converge harmonicamente para estabelecer a ideia geral da narrativa. Em *Abdias* de Cyro dos Anjos, todos esses elementos interligados constroem uma relação entre o lugar e o homem, e desse espaço percebemos a aparição de um homem sem lugar, um Abdias em busca do seu lugar no mundo.

Nesse percurso de se tornar professor, conhecer a aluna, frequentar os ambientes da mesma e criar ilusões a respeito de seu relacionamento com ela, Abdias retoma por diversas vezes lembranças de sua juventude em Várzea dos Buritis, que só servem para ativar ainda mais seu *secreto desejo de tribuna* (ANJOS, 1963, p. 16).

### 3. COMO TERMINA O DIÁRIO DE ABDIAS?

*“Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida.”*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

O poema de Carlos Drummond de Andrade, “*Poema de sete faces*”, expressa uma personagem poética que representa o *Gauchismo*, que se refere a uma maneira de se enxergar e de se comportar no mundo, sendo ainda uma forma de ver o mundo. O *gauche* sente-se incomodado, deslocado, como se faltasse algo para preenchê-lo, completá-lo. É um ser que tem dúvidas quanto ao seu destino, que não sabe como realizar seus desejos ou não sabe que caminhos deve seguir e o que deseja alcançar.

Meu Deus, como os quadros da vida se transformam, e vamos ficando sozinhos, entregues a nós mesmos! Às vezes, quando acordo, pela manhã, fico na cama, de olhos fechados, tentando prolongar um sonho, avivar uma reminiscência que me despertam, no espírito ainda entorpecido, sons que vêm da rua, ou o ar nublado que pressinto pelas frestas da veneziana, o cheiro de terra molhada, o sopro dos verbos que mudam as estações... (ANJOS, 1963, p. 199)

A solidão após a morte de Carlota assola e incomoda o protagonista Abdias. O ser *gauche* nunca está satisfeito, vive em constante angústia se mostrando perdido em suas ações. O *gauche* não tem um anjo centrado que possa lhe guiar, seu anjo é “*torto*”, por isso, o *gauche* vive sem direção, vive em uma inconstância. O ser *gauche* visto dessa forma caracteriza o personagem Abdias. O protagonista nunca está satisfeito, é sempre inconformado com sua posição na vida. Ele busca uma significação para sua existência sem saber ao certo qual caminho seguir, e, talvez por isso, siga sempre os caminhos “*tortos*”, como a busca por um relacionamento amoroso com uma de suas alunas.

Sentindo-se deslocado em Belo Horizonte, Abdias inicia seu diário relatando uma nova fase de sua vida que começara com seu ingresso no Colégio das Ursulinas. Sobre a prática de escrita diarística, Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico*, na seção “*Como terminam os diários?*” diz que escrever em um diário:

É também uma atividade passageira, ou irregular. Mantemos um diário durante uma crise, uma fase da vida, uma viagem. Começamos,



largamos, reencontramos o diário... São raras as pessoas que se obrigam durante um período longo a escrever diariamente, anotando o máximo possível de coisas. A maioria dos diários segue um tema, um episódio, um só fio de uma existência. Uma vez virada a página, esquecemo-nos dele, às vezes, o destruimos... (LEJEUNE, 2014, p. 297)

Abdias escreve por um período aproximado de três anos, sua escrita é irregular: escreve dias seguidos, às vezes falta com a escrita por alguns dias, semanas e até meses. Lejeune diz que: “Há dois grandes tipos de suporte possíveis: o caderno e as folhas soltas, portanto, o contínuo e o descontínuo. E há duas escolas: eu sou “folhas soltas”, pertencço a uma minoria. Mais ou menos 90% dos diaristas são “cadernos”” (LEJEUNE, 2014, p. 337). O diário de Abdias se encaixa em uma escrita contínua, em seu caderno que vive as escondidas. Pouquíssimas vezes percebemos que ele fez alguma anotação breve em uma folha solta. Ainda segundo Lejeune:

Por mais irregular que seja a prática da escrita, por mais incoerentes ou variáveis que sejam os temas abordados e as opções feitas, quem escolhe esse suporte parece ter adquirido uma espécie de seguro de vida: o caderno vai cicatrizar, encadear e fundir tudo. Esse caderno costurado, colado, brochura ou espiral, no qual as vezes se põe o nome, opera no plano fantasmático e que Paul Ricoeur chama de “identidade narrativa”, pois constitui uma promessa mínima de unidade. (LEJEUNE, 2014, p. 338)

Com seu diário, Abdias vai formando sua identidade narrativa. Nesse processo, é preciso também, desconfiar de tal construção. Lejeune ressalta que o que se pretende fazer em um diário é muitas vezes “contar tudo”, mas isso é uma ilusão.

Digamos antes que o real de um dia é uma massa contínua e mal acabada, e o diário, um escultor que lhe dá forma esvaziando-o de nove décimos de sua matéria, ou um desenhista que com três traços esboça uma silhueta num caderno de croquis. Esse trabalho de triagem, que dissocia e digere o real, rejeita a maior porção dele para criar um sentido a partir do resto, é o próprio trabalho da vida. Mas o diário o leva ao extremo fixando seu resultado e construindo a continuação desses resultados em série. (LEJEUNE, 2014, p. 342)

Ao escrever, Abdias seleciona os fatos que quer contar, exclui e não menciona os que considera “supérfluos”, construindo um texto que não pode ser visto como um espelho fiel do personagem, é preciso enxergar além, desconfiar de seus relatos, não aceitar a primeira vista uma possível verdade de suas confissões.

Lejeune afirma que a escrita do diário é fragmentária, mas é também repetitiva e regular. (LEJEUNE, 2014, p. 344). A escrita fragmentada de Abdias é também repetitiva e regular à medida que o foco dos escritos é sempre o mesmo: o aspecto de

confissão; reflexão; e o traçado de planos para agir no dia seguinte é constante. Sendo um típico intelectual, escrever no diário era uma atividade normal e necessária a Abdias. Lejeune questiona e afirma que para esse gênero textual: “Existiria um perfil social? Sim, uma vez que o diário é mais frequente entre pessoas instruídas, ou que moram em cidades” (LEJEUNE, 2014, p. 299).

O hábito da escrita cotidiana serve como desabafo, à medida que o que Abdias não gostaria de dizer a ninguém, dizia em forma escrita no caderno. “O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções, de constranger os outros. Decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade” (LEJEUNE, 2014, p. 303).

O protagonista se preparava e repensava os fatos de sua vida, para seguir adiante e agir nos dias seguintes. Ainda segundo Lejeune: “Escrever força a formular os desafios e os argumentos, deixando vestígios que poderão ser repensados. O diário também permite acompanhar de perto uma tomada de decisão” (LEJEUNE, 2014, p. 304).

O diário de Abdias funcionava como instrumento que o auxiliava a agir em sua vida. Sobre manter um diário Lejeune ainda diz que:

Mantém-se enfim um diário porque se gosta de escrever. É fascinante transformar-se em palavras e frases e inverter a relação que se tem com a vida ao se autoengendrar. Um caderno no qual nos contamos - ou folhas que mandamos encadernar - é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá. O prazer é ainda maior por ser livre. (LEJEUNE, 2014, p. 306)

Abdias não tinha liberdade de concretizar seus desejos e revelar suas vontades na vida real, mas no diário tinha o prazer de criar encenações a respeito de seus desejos, planejar estratégias de adentrar ao mundo burguês, sem a preocupação de ser reprimido ou criticado. Lejeune afirma:

O papel é um espelho. Uma vez projetados no papel, podemos nos olhar com distanciamento. E a imagem que fazemos de nós tem a vantagem de se desenvolver ao longo do tempo, repetindo-se ou transformando-se, fazendo surgir as contradições e os erros, todos os vieses que possam abalar nossas certezas. É certo que só é possível viver com alguma autoestima, e o diário será, como a autobiografia, o espaço de construção dessa imagem positiva. Mas ele também pode ser espaço de análise, de questionamento, um laboratório de introspecção. (LEJEUNE, 2014, p. 304)

Na passagem a seguir, Abdias relê uma página de seu diário e comenta a escrita que fez dias após a morte de Carlota. Ele relata que encontrou no diário um refúgio para

sua tristeza, posteriormente, em um momento de análise, reconhece que não vê mais o “mundo” como via antes da morte de sua mulher.

A pobre página, que precede esta, foi escrita dias depois da morte de Carlota, numa noite em que tentei, na expressão dos pensamentos, encontrar alívio para a angústia que me oprimia. Passaram-se seis meses. Com o tempo, os sentimentos serenaram; o espírito recusa-se, entretanto, a ver o mundo com os antigos olhos. (ANJOS, 1963, p. 181)

Mas pode ser também uma tentativa de redenção perante o momento de luto, uma vontade de apagar ou disfarçar tudo que ele escreveu e pretendeu em suas escritas anteriores.

Segundo Lejeune, o diário é um registro em que o escritor “desde o começo, ele programa sua releitura” (LEJEUNE, 2014, p. 315). O diário de Abdias é sempre relido por ele mesmo ao prosseguir com suas anotações, ele sempre esclarece notas anteriores ou anuncia que irá prosseguir um relato mal terminado. “Por que continuar a omitir, nestas notas o que há em relação a Gabriela? Tenho querido falar a seu respeito e hesito, receando ofender Carlota, presente, como nunca, no meu espírito. Ontem, referi-me a ela, de passagem, e logo parei, cauteloso” (ANJOS, 1963, p. 186). Abdias esclarece após a morte de Carlota, por exemplo, que andou escrevendo sobre Gabriela e começa a explicar nas notas posteriores sua culpa em ter discorrido sobre a aluna. “É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro” (LEJEUNE, 2014, p. 302). Ele segue dizendo: “Antigamente, os encantos de Gabriela me perturbava, e atrás deles eu sentia o demônio a me excitar a concupiscência. Triste tempo, em que eu me debatia, presa da carne... Superei essa fase da vida em que nos escravizamos aos nossos desejos” (ANJOS, 1963, p. 186). Abdias sente a necessidade de afirmar que superou a existência de Gabriela em sua vida. Mas teria mesmo superado?

Como já foi realçado no capítulo anterior, Abdias tem também a intenção de ser lido por outros, mostra disso é a preocupação excessiva quanto a sua escrita. Na passagem a seguir, a preocupação excessiva é em reafirmar que o período de devaneios em relação à aluna é uma fase acabada: “Falava eu na mudança que se operou em mim, com a morte de Carlota, e, sem sentir, fui escorregando para o passado, a fazer apreciação sobre coisas que pertencem a uma época morta, bem morta” (ANJOS, 1963, p. 187). Ele realça: “morta, bem morta”, como se assim convencesse a si mesmo e a seus possíveis leitores da necessidade dessa afirmação, da necessidade de ser real o que

acaba de escrever. Sobre a função de desabafo que o diário tem, Lejeune considera que desabafar é:

Descarregar o peso das emoções e dos pensamentos no papel. Essa pulsão pode estar associada à de conservar, mas tem afinidades ainda maiores com a pulsão de destruir. Pôr no papel já é se separar, se purificar, se lavar: em uma segunda etapa, pode-se levar a purificação a termo livrando-se do papel. (LEJEUNE, 2014, p. 319)

O desabafo de Abdias é constante, e, além de conservar os relatos de seus dias, ele “deixa” no papel seus “pecados”, suas ilusões proibidas são “jogadas” ao diário, como se assim o protagonista pudesse seguir adiante sem o fardo de carregar somente consigo tais segredos e intenções. O diário ainda tem a função da reflexão:

Refletir: duas faces também\_ analisar- se, deliberar. O diário oferece um espaço e um tempo subtraídos às pressões da vida. Refugiamo-nos nele, tranquilamente, para “desenvolver” a imagem do que acabamos de viver e meditar. E para examinar as escolhas que devemos fazer. (LEJEUNE, 2014, p. 320)

O diário permite a reflexão cotidiana de Abdias, no decorrer da narrativa o personagem analisa o que se passa com si próprio e em vários momentos termina a página do dia com uma solução em mente para seus problemas, ou escrevendo uma conclusão do que enfim irá fazer após os ocorridos que acabara de relatar. A passagem a seguir é um exemplo de uma reflexão de Abdias: “Não mais preciso fugir de Gabriela. Olho-a, agora, como a uma filha, tal como deveria ter feito sempre, se eu não me houvesse desvairado, naquela ridícula crise. Não passa duma criança que busca a vida, sequiosa de experiências” (ANJOS, 1963, p. 186).

A terceira seção do diário de Abdias, intitulada “*Uma catedral cujas torres tocassem o céu*”, dá início a finalização do diário do protagonista. Sobre o término do caderno, Lejeune diz que ele pode ocorrer porque o problema sempre relatado pode ter sido resolvido: “O “fim” do diário pode advir simplesmente porque esse problema foi resolvido: encontramos uma pessoa com quem podemos falar ou a quem podemos escrever. Durante uma fase intermediária, o diário pode ser lido por essa pessoa” (LEJEUNE, 2014, p. 320).

Ainda sobre o “fim” do registro diarístico, Lejeune explica que: ““Terminar” um diário consiste em isolá-lo do futuro e incorporá-lo às construções do passado” (LEJEUNE, 2014, p. 316). O que foi escrito é toda uma construção do passado, já o futuro permite ser imaginado e interpretado perante as construções lidas sobre esse passado.

Às vezes, sentimos nosso diário se apagar, se desfazer, se dissolver, continuamos a mantê-lo, mas com menos convicção. Sentimos repugnância por ele, o resultado nos deixa consternados, as repetições nos enojam, nos surpreende tê-lo mantido, é como se acordássemos de um sonho: isso ocorre porque mudamos. Alguma coisa morreu dentro de nós, talvez um destinatário virtual, do qual não tínhamos de fato consciência, mas cujo desaparecimento faz desabar o edifício. Ou, inversamente, um diário morre de morte violenta porque encontrou um leitor indesejado. É o trauma da violação, tão frequente na adolescência, de um diário lido por pessoas próximas, que elimina durante anos, às vezes para sempre, toda e qualquer possibilidade de escrita pessoal. O fim da escrita e o fim da vida se perfilam juntos no horizonte. (LEJEUNE, 2014, p. 322)

O diário de Abdias sempre foi direcionado à Gabriela, a narrativa se perde no exato momento em que algo inesperado e totalmente fora de foco surge: a morte de sua esposa. Carlota que nunca foi o foco na escrita de Abdias, quase integralmente ignorada na narrativa. Ao contrário, Gabriela, idealizada aos olhos de Abdias, ocupa a maioria das páginas relatadas por ele. O protagonista é pego de surpresa pelo falecimento de sua esposa e nesse instante sua narrativa se perde em meio ao luto, arrependimento, vergonha e um traço de persistência em prosseguir com o erro. Ele sente seu diário se dissolver, começa a tomar consciência de que suas repetições sobre Gabriela são em vão. O que começa a morrer dentro de Abdias é a esperança de se tornar a figura imaginária e nobre que sonhou ser desde o princípio da escrita. O “leitor indesejado” a que Lejeune se refere pode ser o próprio Abdias, que ao ler seus próprios escritos sente-se invadido por si mesmo ao visualizar as confissões descritas, sejam elas rotineiras ou as mais graves declaradas.

Ao terminar o diário, a resignação surge. De acordo com Lejeune: “Resignação. Desistimos, abandonamos a pena. Não contamos com todas nossas forças para enfrentar o cotidiano” (LEJEUNE, 2014, p. 323). Ele explica:

Às vezes, ato patético, o abandono é tematizado na última entrada, há uma cerimônia de despedida. Ato contraditório e difícil, uma vez que se reconhece pelo próprio ato o valor do que se abandona. Acontece de ele ser retomado várias vezes, como um ator que nunca termina de fazer sua última apresentação. Reduzimos a atividade, nos aposentamos. Daí em diante, avançamos a descoberto, sem o escudo da escrita, em direção à morte. (LEJEUNE, 2014, p. 323)

Abdias poderia continuar com sua escrita, mas não quis. A conclusão é que seria “patético” a insistência em continuar descrevendo seu desejo de conquista quanto a Gabriela. Ele não só se envergonharia de que outras pessoas lessem o caderno, como tinha Carlota em mente, que mesmo morta, segundo Abdias estaria agora – no plano

espiritual - ciente de tudo que teria ocorrido. Além disso, a revelação de Gabriela estar namorando seu jovem amigo (Roberto) do Centro faz desabar ainda mais sua esperança sombria.

Também pode-se terminar um diário por “Obstinação. Sabe-se que o fim está próximo. [...] o diário se transforma em campo de batalha contra a morte” (LEJEUNE, 2014, p. 322). Tratando-se de Abdias, seu diário era um “campo de batalha” com a atual situação de vida do personagem, o fim próximo que Abdias temia é ligado ao seu “envelhecimento”. Com a escrita ele trava uma luta em tentar retornar ao tempo que era jovem, além de buscar agir como um ser jovial. Ao terminar seu diário, ele se mostra desesperançado em relação a sua vontade de jovialidade, se encontra com o Senhor Azevedo, ouvindo música na casa do “amigo”, típico programa de compadres, de homens velhos que da vida já viveram o bastante, sem espaço para aventuras.

Além disso, o diário de Abdias também serviu para: “Fixar o tempo: construir para si uma memória de papel, criar arquivos do vivido, acumular vestígios, conjurar o esquecimento, dar à vida a consistência e a continuidade que lhe faltam...” (LEJEUNE, 2014, p. 320). Atividade de um típico intelectual, prática prazerosa a Abdias.

Uma das características mais importantes da escrita diarística de Abdias é também: comunicar-se. Segundo Lejeune, ao “Comunicar-se: esvaziamos o coração no papel porque estamos sós, por não poder esvaziá-lo em um ouvido amigo” (LEJEUNE, 2014, p. 319). Apesar de Abdias relatar que possuía alguns amigos, acreditava que nenhum teria um “ouvido amigo” disposto e capaz de ouvir e compreender tamanhas confissões que confiava ao papel.

Lejeune compara o diário a uma “lançadeira”: “Vejo o diário como um invisível e gigantesco tear. Só há trama porque há malha” (LEJEUNE, 2014, p. 315). Ele ainda afirma que “o diário é virtualmente interminável desde o início, uma vez que sempre haverá um tempo vivido posteriormente à escrita, tornando necessária uma nova escrita e que, um dia, esse tempo posterior assumirá a forma da morte” (LEJEUNE, 2014, p. 316). Como Abdias escreve, principalmente, suposições do que almeja realizar nos dias seguintes, se faz sempre necessário escrever novamente declarando o que se concretizou, o que se passou. Essa necessidade de escrita permanece até a última página de seu diário. Mas, na última parte/seção a escrita se dá mais em um misto de reflexões e desilusões do que um meio de planejar ações. Abdias ainda tem, no íntimo, os desejos anteriores a morte de Carlota, mas tenta escondê-los, ou melhor, camuflá-los após o ocorrido.

“Como “aguentar” quando a vida submete-nos a uma prova terrível? Como transformar o “foro íntimo” em campo de defesa onde recuperamos as energias e buscamos forças? O diário pode trazer coragem e apoio” (LEJEUNE, 2014, p. 305). Faz o papel de um amigo humano, que ouve atento o que quer que seja que o diarista pretenda contar, não só aceita a escrita que vier, como também não tem a capacidade de criticar. E o inevitável silêncio do diário, passa a impressão de aceitação, de concordância com tudo escrito ali. E, conseqüentemente, de apoio ao narrador. “O diário é simplesmente humano” (LEJEUNE, 2014, p. 309). Em determinado momento dos registros, Abdias narra o momento exato da morte de Carlota:

Carlota desmaiara, nos braços da ama, que, não tendo tido tempo de pôr o menino no berço, deixara-o desajeitadamente, ao lado, a chorar. Procuro, tomar-lhe o pulso, não consigo. Pero Vaz e Carlos José estão, atônitos, à porta do quarto. Uma vizinha entra, grito-lhe que chame João Carlos. Tudo se passa com tremenda rapidez. Imagino que está morta, não tenho coragem de averiguar. Meu Deus, que momentos terríveis! (ANJOS, 1963, p. 182)

“Um diário serve sempre, no mínimo para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo)” (LEJEUNE, 2014, p. 301). É no momento trágico do falecimento de Carlota que Abdias relembra um momento semelhante: a morte de sua mãe. Traz à memória a mesma tristeza que sentiu ao perder uma pessoa querida:

Não vi meu pai morrer, e era ainda pequeno quando perdi a minha mãe. E minha mãe finou-se lentamente, após longa enfermidade. Jamais conhecera eu, assim, a presença repentina da morte, quando, em instantes, vemos apagar-se um olhar, uma expressão querida, que supúnhamos durariam sempre enquanto vivêssemos, acompanhando-nos solidariamente nessa misteriosa caminhada cujo termo, embora o saibamos fatal, nosso espírito se esquivava a conceber. (ANJOS, 1963, p. 183)

Semelhança de dois momentos que pode se referir não só ao momento da morte, como também a semelhança de “sentimento”, essa tristeza tida pela morte da figura materna é quase a mesma tida pela morte de sua esposa, já que, para Abdias, Carlota era vista como a figura de uma mãe: um porto seguro, a base de Abdias, que representava certa segurança, querida como uma mãe, mas não amada como sua mulher. Até mesmo Abdias chega a fazer tal comparação, sobre Carlota ele declara: “como a mãe que encoraja o filho pequeno, ajudava-me a confiar em mim e a superar minhas debilidades. Sem ela, sou como um navio que perdeu a dota” (ANJOS, 1963, p. 198). Ainda a respeito da morte de Carlota, Abdias diz:

No desvario de minha paixão, houve momentos em que cheguei a encarar a morte de Carlota como meio de resolver o problema de

minha vida. Este pensamento jamais se objetivou, porém, numa imagem. Eu fazia uma supressão teórica de sua presença, abstraindo do conteúdo dramático da morte do corpo e jamais imaginando aquele olhar aflito da alma, aquela mão desesperada que agita no espaço... (ANJOS, 1963, p. 183)

A passagem acima mostra com clareza o egoísmo de Abdias. “Como pude chegar a esses extremos de leviandade e de egoísmo?” (ANJOS, 1963, p. 184). Desejara a morte de Carlota sem que passasse por tamanho sofrimento. Ele não a queria presente, mas não teria imaginado como iria encarar o drama e a realidade da situação de sua ausência. “Carlota, sou um barco sem leme!” (ANJOS, 1963, p. 208). Vê-se como um Abdias sem direção, sem segurança, abandonado, prestes a naufragar.

“Pensando bem, é verdade, no diário a ideia de continuação nos protege da ideia de fim... Se isso for ilusão, será muito diferente daquela que nos dá, a cada dia, coragem para viver a continuação de nossa vida?” (LEJEUNE, 2014, p. 317). A escrita do diário de Abdias poderia ter sido finalizada no momento exato em que Carlota morreu, mas ele retornou para relatar a morte, relatar seu luto, e para prosseguir com suas ilusões. Abdias não admitia a ideia de fim para tudo o que escreveu e planejou nos escritos. Primeiro, Abdias escreveu sobre seu luto, uma aparente tristeza desoladora:

Carlota, a vida é um tecido de equívocos. Foi preciso que morresse para eu saber que te amava e que éramos felizes, na monotonia dos nossos dias. Nessa monotonia, formada de coisas simples e permanentes, encobria-se a felicidade. A sede de coisas novas levava-nos a desconhecer nosso próprio bem. Fugindo ao que me parecia medíocre, perdi-me num mundo de aparências enganosas. Agora, a solidão fez de mim sua presa. Que terrível e opressiva solidão, Carlota! Ao entrar no quarto deserto, tento iludir-me, imaginando que te vou encontrar e que, sendo a vida um sonho, tua morte foi um sonho dentro de um sonho. Na verdade, depois que a morte confiscou tua presença física, existes mais viva aos meus olhos, iluminados por uma luz nova. Antigamente, estavas comigo e, contudo, vendo-te, não te via. Agora te encontro por toda parte, descobro-te em todas as coisas, sei a cor dos teus cabelos, o modelado do teu rosto, sinto a pressão carinhosa dos braços que me envolviam na obscuridade. (ANJOS, 1963, p. 180)

Em meio ao luto, Abdias se mostra arrependido e tenta na escrita, pedir perdão a Carlota, que antes não o havia lido em vida, mas que agora a imagina tendo acesso a tudo que foi escrito:

Carlota, perdoa-me os meus desvarios. Deus permitiu que, sendo tu viva ainda, eu tivesse podido voltar ao teu afeto e começar minha reabilitação. Para castigo meu, talvez, os dias de novo se tornaram doces, em tua companhia, quando já estavas para me deixar... Ó Carlota, se fosse possível ter-te novamente... (ANJOS, 1963, p. 181)



Seis meses após a morte de Carlota, Abdias escreve que o mundo anterior ao ocorrido não existe mais aos seus olhos: “Passaram-se seis meses. Com o tempo, os sentimentos serenaram; o espírito recusa-se, entretanto, a ver o mundo com os antigos olhos” (ANJOS, 1963, p. 181). E pela primeira vez em todo o diário, fala da vida de casado que teve com Carlota. Ele confessa: “Havia um estilo na vida que Carlota e eu criamos. O matrimônio não foi, para nós, simples convivência física, bem o compreendo agora, mas uma existência a dois, no plano da alma. O violento quadro de sua morte deixa-me até hoje atordoado” (ANJOS, 1963, p. 182).

Ainda no momento de luto, Abdias se mostra consciente o bastante para desviar a culpa de si mesmo, dizendo:

A cegueira e o desatino me fizeram malbaratar os últimos tempos de tua companhia. E em abomináveis momentos cheguei a pensar que se morresses... Que desgraçado egoísmo, que miséria! Eu teria horror a mim mesmo, se não me consolasse a ideia de que o sentimento impuro nasce como a erva daninha no coração de todo ser humano e que só no pensamento amadurecido se pode apurar nossa culpa. (ANJOS, 1963, p. 181)

Na sequência, Abdias se dedica a reafirmar o arrependimento que tem quanto às ilusões perante Gabriela, ao mesmo tempo falando do arrependimento que tem em não ter dado importância necessária à existência de sua esposa. É nas últimas páginas que o personagem procura analisar-se mais. Na passagem a seguir, Abdias admite a análise constante que faz a partir de seu diário:

A análise de essência demoníaca. Bem o sinto, quando quero escrever, neste caderno, que tenho frequentado a Igreja, ultimamente, e que só nela encontrei a desejada paz, nos dias de minha aflição, em que errava, angustiado, pela cidade, sem saber para onde ir. Algo me tenta logo a dizer que os elementos dessa paz que descia sobre mim eram a doçura da luz coada pelos vitrais, o silêncio da nave, o conteúdo poético da vida mística...e que eu não alcançara, ainda, o caminho da fé. A análise é, por certo, uma força do demônio. A vida deve ser vivida com naturalidade, ou, preferentemente, com ingenuidade. Transportá-la para um Diário é ato de análise, que escamoteia nossas possibilidades de inocência. (ANJOS, 1963, p. 188)

Mas depois de muito refletir sobre a morte da esposa, depois de tentar apagar tudo que almejou ter e conquistar antes da morte da mesma, Abdias volta a confessar que ainda ama Gabriela e que não vai mais omitir isso. Declara que mentiu ao escrever o oposto do que sente, confessa que ainda não superou o amor pela jovem:

Nada quero esconder, na confissão que aqui deixo. Tentei iludir-me, sem dúvida, quando afirmei que não mais amava Gabriela. Melhor teria sido reconhecer a permanência desse sentimento e incorporá-lo à minha rotina, como uma enfermidade crônica \_ dessas que, ao fim de certo tempo, já não nos maltratam tanto, por nós termos adaptado a elas, eliminando, pelo hábito, grande parte do sofrimento que devia causar-nos. Carlota era para mim a segurança e o equilíbrio. Gabriela representa a fuga e a ilusão. Procuramos, a um tempo, o real e o irreal, a verdade é a fantasia. Queremos, às vezes, uma coisa, e, simultaneamente, o seu contrário. O erro é supor que um sentimento exclui outro, e que o interesse de nossa vida possa concentrar-se numa só direção. (ANJOS, 1963, p. 200-201)

O personagem tenta recuperar sua esperança em conquistar Gabriela, ele diz: “escreverei, aqui, as preocupações que tive com Gabriela? Nada deveria omitir do que ocorreu depois da morte de Carlota. Penso, de novo, no que disse anteontem, e vejo que, escrevendo, eu me vigio melhor” (ANJOS, 1963, p. 187). A escrita para Abdias é também um meio de controlar a si mesmo sobre seus atos, ele se vigia em uma necessidade de autocontrole. Com o diário consegue: “Repassar as coisas, encadeá-las, dissociá-las à luz, afastá-las depois, para que as veja também de longe, eis o que é preciso para encontrar a verdadeira face delas” (ANJOS, 1963, p. 187). Nesse processo de repassar e repensar as páginas escritas por ele, Abdias acaba encontrando a verdade do que escreveu nas páginas do caderno, percebe suas ilusões, suas fantasias começam a se desmanchar.

Por fim, o personagem compreende que já não resta ter esperanças. Ele se questiona: “Que mal há em que eu dê a Gabriela o lugar que realmente ocupa em meu espírito?” (ANJOS, 1963, p. 188). Mas, como uma espécie de resposta ao seu questionamento, vários acontecimentos surgem e provam ao protagonista que o lugar de Gabriela não é, e não pode ser ao seu lado. No colégio, Abdias recebe a notícia de um possível noivado de Gabriela:

Sizenando contou-me, um dia, no Colégio, ter sabido que ela ficara noiva de um jovem riquíssimo. “Ao que me dizem, acentuou com malícia, o moço é o que, em termos forenses, se denomina um herdeiro universal... Do monte, só se deduzirão os legados, se os houver. A nossa Gabriela deu um bote certo, hein?” Fiquei, naturalmente, atordoado com essa notícia, tão e desacordo com tudo o que eu saiba de Gabriela e de suas tendências. (ANJOS, 1963, p. 190-191)

Abdias não conseguiu acreditar que, segundo Sizenando, Gabriela estaria noiva por interesses financeiros. Até porque, se a jovem tivesse esse fator como prioridade, Abdias não teria construído esperanças quanto a um relacionamento com ela, sendo ele

um homem de classe média. Irritado com a situação, procurou ir à casa de Dr. Azevedo no mesmo dia, tendo como recompensa a inversão da história, que, segundo o pai da moça, era um noivado querido por Glória, mas dispensado por Gabriela.

A respeito das idas à casa de Dr. Azevedo após a morte de Carlota, Abdias disse:

Procuro convencer-me de que não há nada demais nisso, mas tenho tido crises de consciência. Penso, com frequência, que estou traindo a memória de Carlota e que não lhe será grato, se caso me vê de onde está, que eu torne àquelas coisas que perturbavam minha vida. Desprende-se dos sentimentos do mundo e paira num plano em que nossas paixões não ecoam. Há de parecer- lhe, todavia, que este não é o caminho de minha felicidade e da felicidade dos nossos filhos. (ANJOS, 1963, p. 194)

Nesse momento de confusão após a morte de sua esposa, Abdias usou, além do diário, Monsenhor Matias como confidente. Foi à casa do amigo diversas vezes, em busca de conselhos sobre como conciliar a culpa perante a alma de Carlota e o desejo de estar junto a Gabriela. Sobre suas conversas com o amigo, relatou:

Ultimamente, fez-me uma sugestão inesperada: devia casar-me com Gabriela! Só pela cabeça de Monsenhor Matias poderia passar semelhante ideia. É um homem ingênuo e santo. Olhando muito as coisas do céu, sua vista se confunde, quando contempla as da terra. (ANJOS, 1963, p. 194)

Seria mesmo “só pela cabeça de Monsenhor Matias”? Na verdade, era o maior desejo de Abdias que essa sugestão se concretizasse. Mas agora, quase prestes a finalizar o diário, Abdias reconhece o grande empecilho de sua idade: "Sinto-me só e sem apoio, como no tempo de solteiro, antes de ter conhecido Carlota. Mas, naquele tempo era moço e esperava, confiante. Agora, que é que a vida ainda me pode trazer?" (ANJOS, 1963, p. 197).

Uma mostra de que somente o diário pode ser um amigo fiel, é a atitude que Monsenhor Matias teve depois de ouvir os desabafos de Abdias. “Monsenhor Matias cometeu uma imprudência espantosa: apresentou-se hoje, em casa de Gabriela, dizendo que precisava falar-lhe em particular, e, depois de se dar a conhecer, expôs minha situação, pedindo-lhe que casasse comigo!” (ANJOS, 1963, p. 205). Após a inesperada ação do amigo, Abdias sentiu-se invadido, não tendo mais seu segredo guardado: “Que vergonha, que humilhação! Tenho vivido, nestes dias, num aborrecimento que não conhece fim. [...] Atingi o fundo da solidão e do desconsolo” (ANJOS, 1963, p. 207). O sentimento da “vergonha” não era tido por Abdias enquanto revelava seus segredos apenas ao diário, o personagem sente-se desconsolado ao não ter mais controle sobre o

que era apenas revelado a si mesmo. E o descontrole da situação, gera um Abdias consternado e perdido, que imagina agora a própria morte:

Estou doente, não é possível. Há dias em que amanheço chorando, mergulhado em absurda tristeza. Já não é mais Gabriela, já não é nada do que me cerca, bem o noto. Minha fraqueza é extrema. Se eu morresse agora, talvez fosse um alívio. (ANJOS, 1963, p. 208)

E continua angustiado e desesperançado:

Ora, pouco me importa que Gabriela pense isso ou aquilo. Pouco me importa o que todo o mundo pense. Entrei numa *selva oscura* de que não sei se algum dia me será dado sair. A fraqueza, o desânimo... Esta angústia que me oprime dias seguidos... João Carlos tem procurado fazer alguma coisa por mim, mas sinto-me tão desesperançado... (ANJOS, 1963, p. 211)

Sobre a conversa com Monsenhor Matias, Gabriela enviou uma resposta em forma de carta para Abdias. Sobre a carta o protagonista disse: “Procurou fazer-me crer que não acreditara no que Monsenhor Matias havia dito, e tirou-me da vexatória situação em que estava” (ANJOS, 1963, p. 210).

Mas como se não bastasse, Abdias começa a tomar conhecimento do interesse de Gabriela em outros “amores”. Ciente de que a aluna pode ter agora uma relação amorosa real com um jovem de idade semelhante a dela, Abdias percebe que chega o momento de terminar com a ilusão de namorar a moça:

No momento, meu estado de espírito é de franca aceitação, no que concerne aos novos amores de Gabriela. Pressinto que isto fará acabar de vez com essa ridícula história em que, de tempos a tempos, me enleio. É forçoso reconhecer que um mundo novo se abre para os dois, e que eu sou a voz de um mundo que se extingue. Sim, que coisa melancólica me escapou da pena: a voz de um mundo que se extingue. (ANJOS, 1963, p. 214)

Sobre Carlota, Abdias consegue se conscientizar do tamanho sofrimento que pode ter causado a ela. A prova de que Carlota sofreu em vida ao saber dos devaneios do marido, faz Abdias admitir os erros de seu passado:

Examinando, com Maria Clara, papéis e coisas de Carlota, para os pôr em ordem, fiz, ontem, uma descoberta que me trouxe dor, mas, ao mesmo tempo, reforçou minha decisão de lutar para remir os erros do passado: dentro de um livro de missa, estavam rascunhos de duas páginas destes cadernos, as que tanto magoaram Carlota. (ANJOS, 1963, p. 215)

Carlota que se manteve em silêncio nos seus últimos meses de vida, ganha voz após sua morte, quando Abdias encontra uma pequena resposta escrita da esposa, que a mesma discorre ao ter a decepção da leitura de uma página dos relatos de Abdias:

Com sua letra pequena e enérgica, minha pobre Carlota deixou, no verso de uma das páginas, estas palavras: "Que homem ingrato! Como uma criatura pode se assim? Dia e noite, só vivo pensando nas coisas que podem torná-lo feliz. Tenho até feito os serviços pesados da casa, para que ele possa comprar livros e divertir-se com os amigos. Mesmo os meninos têm sido sacrificados, a fim de que nada lhe falte... Agora, trata-me como um traste incômodo. É superior às minhas forças verificar, depois de tanta luta, que ele não gosta de mim. Como se pode dissimular dessa forma? Que crueldade, que fingimento, que fraqueza de caráter! (ANJOS, 1963, p. 216)

Carlota considerou Abdias cruel, falso e sem caráter perante tamanhas revelações. Abdias passa a reconhecer: "Palavras tremendas e, no entanto, justas! Na verdade, causei irreparável mal a essa pobre Carlota, que sempre foi boa pra mim" (ANJOS, 1963, p. 216). Sobre a página lida pela esposa, Abdias relatou:

Numa das páginas cujos rascunhos caíram em suas mãos, eu me referia a ela em tom zombeteiro. Noutra, falava do meu amor e do sofrimento que me causava. Quis Deus poupar-lhe decepção mais cruel, não deixando que ela visse as páginas em que confessei a esperança de sua morte resolvesse o problema de minha vida! (ANJOS, 1963, p. 216)

Ao ler o relato acima percebemos que mais do que a traição em amar outra pessoa, Carlota foi poupada de tamanho sofrimento em saber que sua morte foi almejada pelo próprio esposo. Abdias, antes egoísta e individualista, agora, reconhece a obscuridade das suas ações, pensamentos e ilusões anteriores à morte de Carlota.

Enfim, o segredo de Abdias – seu sentimento por Gabriela – foi revelado à própria moça por Monsenhor Matias; Gabriela iniciou relacionamentos amorosos com jovens de sua idade, em destaque com Roberto, conhecido de Abdias; Abdias descobre que sua esposa, em vida, soube de tamanhas confissões relatadas em folhas esquecidas. O diário perdeu seu propósito. Não havia mais algo a ser relatado como segredo exclusivo de si mesmo, não havia mais disposição para refletir sobre possíveis ações em busca dos seus devaneios, não havia mais o que confessar, pois não havia mais esperanças quanto às fantasias do protagonista.

Porém, nem tudo mudou quanto ao personagem Abdias. Segue a última passagem escrita por ele em seu diário:

Anteontem, tendo passado por mim, de automóvel, na rua da Bahia, Dr. Azevedo parou o carro e ficou-me esperando, a pequena distância, depois de me haver convidado, com um gesto, a entrar no veículo. Estando à anoitecer, supus que se oferecia para me conduzir à minha casa, mas o que desejava era levar-me à dele, como fez, vencendo minhas objeções. A instâncias suas, tive de ficar para o jantar. Achava-se sozinho, havendo Glória e Gabriela ido a um casamento.

Depois do jantar, fizemos um pouso de música, como noutros tempos. Meu amigo quis experimentar uma gravação nova que recebera, da Nona Sinfonia. Que exaltação mística essa música me traz! De uma vez que a ouvimos juntos, Carlota me disse que o coro, no último movimento, lhe dava a impressão de estar sendo transportada, pela nave de uma catedral imensa, cujas torres ficassem o céu... (ANJOS, 1963, p. 218)

Abdias termina o diário relatando estar na casa de Dr. Azevedo, pai de Gabriela. Afirma ter negado o convite a ir a sua casa, mas acaba cedendo, quando na verdade: ir até a mansão não representava nenhum esforço ao professor encantado por aquele ambiente. Ele janta e ouve música com Dr. Azevedo já o considerando fiel e grande amigo. Visto que sempre sonhou frequentar casas luxuosas como essas, não conseguiu estar ali como namorado da senhorita moradora, mas sim com a amizade do nobre dono da residência.

“O leque de possibilidades se fecha, lenta ou bruscamente” (LEJEUNE, 2014, p. 322). Não resta mais o que sonhar, o que almejar perante a atual situação de vida do protagonista. Termina o diário ouvindo música na casa de Gabriela, sem Gabriela. Poderia estar na sua casa, mas estaria sem Carlota. Ao ouvir a Nona Sinfonia, vem a sua lembrança a imagem de Carlota, que agora “transportada para o céu”, é citada na última frase do diário. Frase que representa o final do registro diarístico, mostrando que Gabriela, inalcançável, foi um objeto de desejo que de nada adiantou tentar conquistar; ao mesmo tempo Carlota, que sempre esteve disponível e presente, teve sua presença tornada bruscamente impossível.

O quarto movimento da Nona Sinfonia de Beethoven (compositor romântico), é um movimento que incorpora parte do poema de Friedrich Schiller <sup>10</sup>, "Ode à alegria"<sup>11</sup>. Abdias, ao mencionar a canção ao final do romance, causa uma surpresa ao leitor. Pois, Abdias encarna um romântico extemporâneo ao ouvir o movimento e finalizar sua escrita relatando ouvir essa canção. A impressão que passa é de uma grande e verdadeira ironia. O quarto movimento é a expressão de um final grandioso, impactante, com versos do poema de Schiller que traduz ideais de liberdade e paz. Terminar a escrita do diário citando essa canção, levando-se em conta a última cena, revela a distância dolorosa para o narrador e para o leitor, entre o desejo e o real.

---

<sup>10</sup> Johann Christoph Friedrich Von Schiller foi um grande literato alemão do século XVIII, ao lado de Johann Wolfgang von Goethe, nasceu em 1759 e faleceu em 1832. Era poeta, dramaturgo, filósofo e historiador.

<sup>11</sup> O poema está disponível no anexo III desse trabalho.

O sublime movimento de Beethoven contrasta drasticamente com o melodrama do atual momento da vida de Abdias ao final do diário. O fim da Nona Sinfonia é grandioso, ao passo que o desfecho do diário revela-se melancólico e dramático. Mas, mesmo perante sua atual situação, o narrador descansa em uma poltrona ouvindo uma música que sugere alegria e esperança, e ao mesmo tempo, portanto, sugere um Abdias egoísta e vaidoso.

A relação da música com o final do romance/diário, nesse momento final de encontro dos dois amigos, sem a presença feminina, também pode ser interpretado como sublimação do objeto de desejo de Abdias (sua mulher “transportada, pela nave de uma catedral imensa, cujas torres tocassem o céu” e Gabriela, inacessível, para sempre perdida também). A comparação soa um tanto excessiva, como várias outras questões nesse livro, que parecem excessivas: a paixão de Abdias, um tanto deslocada; esse final, com os dois amigos ouvindo Beethoven. Há um contraste que não deixa de ser irônico, entre a cena sonhada por Carlota e a realidade da viuvez, da solidão, de uma acomodação ao real mesquinho da vida, não apenas de Abdias, mas também do próprio amigo. Afinal, esse Ataídes vive alheio a tudo o que se passa, envolto em seu espaço confortável de quem parece não ter que lutar para alcançar o que deseja. A impressão que predomina é que o tédio aniquila todos os sonhos de felicidade autêntica. Os personagens parecem mergulhados numa rotina absolutamente sem sentido, esvaziados de sentimentos verdadeiros, dois compadres que pretendem ser mais do que são na realidade, presumidos, ambiciosos, vaidosos.

Abdias termina solitário, usufruindo de benefícios da nobreza que Dr. Azevedo lhe permite ter, mas vazio e consciente dos erros de si mesmo. Um Abdias nostálgico, com anseio aristocratizante, cuja vida não consegue tocar do modo que sempre sonhou, pois nunca se encontrou satisfeito, nunca teve o bastante, não deu valor a família que construiu, viu sua vida passar, mas não conseguiu feliz viver.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> A edição de Abdias de Cyro dos Anjos utilizada para escrita desse trabalho foi publicada pela Livraria Garnier. A imagem da capa da mesma demonstra claramente um Abdias que coloca Gabriela em primeiro plano, sua família em último plano e permanece entre as duas opções, solitário, sem ação, um intelectual em meio aos livros. A capa se encontra no anexo IV deste estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação apresentou um estudo sobre o segundo romance do autor mineiro Cyro dos Anjos: *Abdias*. A respeito desse romance foram apresentadas considerações que tratam das relações construídas nesse romance entre a escrita do “diário”, espaço e memória.

O escritor Cyro dos Anjos utiliza a escrita diarística com excelência ao criar uma relação de intimidade e cumplicidade entre narrador e leitor. O diário é o amigo confidente do personagem Abdias, fonte de “força” para tomada de atitudes e também de “equilíbrio”, já que, com a escrita, Abdias faz reflexões e análises sobre como deve agir perante sua rotina de homem casado, pai de família, diretor de um arquivo histórico e professor apaixonado por uma aluna. O diário serve como refúgio do que o protagonista não pode deixar às claras para a sociedade. Escrever se pretende um ato sincero, ao passar para o papel todos os seus pensamentos e sentimentos, por mais obscuros que aparentem tanto ao próprio escritor, quanto para nós, seus leitores.

Ao ler a obra, é preciso desconfiar das possíveis verdades escritas por Abdias, já que ele seleciona, modifica e pode até fazer criações irreais em seus registros. Ao escolher o gênero diário para compor o romance *Abdias*, Cyro dos Anjos faz com que a ficção se pareça ao máximo com o real, criando uma íntima e prazerosa leitura, que aproxima leitor e narrador, deixando os leitores curiosos, incomodados e até desconfiados de um Abdias tão sincero, carente de um “ouvido amigo” e esperançoso em alcançar seus objetivos atípicos para um homem casado perante a sociedade.

As confissões íntimas do personagem principal oscilam entre declarações sobre o presente e lembranças sobre o passado. “Várzea dos Buritis”, “Belo Horizonte” e o “Colégio das Ursulinas” são três espaços que recuperam o relato memorialístico em *Abdias*. Várzea dos Buritis representa o passado de Abdias, que quando jovem era encantado pela vida burguesa e vivia a se aventurar em busca de pertencer aos espaços luxuosos, namorar as moças da elite e se incluir nos grupos de pessoas mais endinheiradas. Belo Horizonte representa o presente do personagem, que, homem maduro, casado e atuando como professor, não perde as pretensões de quando era jovem e tenta reviver, de alguma forma, o tempo perdido de quando era morador do interior de Minas Gerais. O Colégio das Ursulinas surge como ponto de partida para a escrita do



diário, escrita que começa com o convite recebido por Abdias para se tornar professor nesse colégio. É nesse espaço que se apresenta Gabriela, aluna que torna-se o foco dos escritos de Abdias. Um ambiente que proporciona ilusões ao personagem, devaneios, e o faz tornar-se um homem perdido, incomodado, apaixonado e repleto de esperanças inconsequentes.

Segundo o estudioso Philippe Lejeune:

O diário é uma renda, ou uma teia de aranha. Aparentemente, é feito mais de espaços claros do que de cheios. Mas, para mim que escrevo, os pontos de referência discretos que inscrevo no papel mantêm em suspenso à sua volta, invisível, um mundo de outras lembranças. Por associação de ideias, por alusão, sua sombra e sua virtualidade ficarão flutuando durante certo tempo. Pouco a pouco, vão se evaporar como uma flor que perde o perfume. E essa é uma característica surpreendente do diário que o opõe a todos os outros textos: nenhum leitor externo poderá fazer a mesma leitura que o autor, embora leia justamente para conhecer sua intimidade. Vocês nunca vão saber realmente o que o texto do meu diário significa para mim. O descontínuo explícito remete a um *continuum* implícito cuja chave só eu possuo, e isso sem ter recorrido a nenhuma linguagem cifrada. Assim, para chegar perto da verdade do diário de um outro, é preciso lê-lo muito, e durante muito tempo. Um diário é uma câmera escura na qual se chega vindo de um exterior muito iluminado. É totalmente escura, não se vê absolutamente nada, mas se ficamos dentro dela uma meia hora, aos poucos, contornos e silhuetas vão saindo da sombra, podemos adivinhar os objetos... É como o aprendizado de uma língua estrangeira com seu implícito e suas conotações. (LEJEUNE, 2014, p. 346)

Por mais que nós, leitores de *Abdias*, tenhamos em mente que com a leitura descobriremos toda a intimidade e verdade de Abdias, somente o próprio Abdias, dono do diário, é conhecedor de sua verdade e a manipula para nós em escrevê-la como confissão sincera. Decifrar seus registros depende de várias releituras e ainda assim, não é possível adentrar a todos os segredos do personagem e afirmar quais são reais, fantasiosos ou realmente sinceros dentro do romance. Mas é possível buscar “adivinhar alguns objetos”, e, nesse estudo, conseguimos analisar algumas passagens do romance tentando apresentar além de um simples Abdias diarista, um Abdias típico intelectual, ligado ao mundo das letras, que fazia do “escrever” não só uma atividade diária, mas uma prática prazerosa e necessária. Um Abdias repleto de desejos, que vê sua vida passar, mas não age de forma real para concretizar suas vontades e só lhe resta relatar ao papel e sonhar com tudo que não teve coragem de desafiar e conquistar seja em seu passado, presente ou futuro. Tanto que, para o protagonista, sempre percebemos uma descrença em lutar, em parecer “tarde demais”, aparência que segue até o fim do diário,

quando sua esposa falece e ele percebe que é tarde demais e gastou tempo demais buscando o que não tinha e não usufruindo do que já estava em suas mãos.

Durante a leitura de Abdias percebemos que o ritmo de composição da sua narrativa é fragmentado, após iniciar o registro com datação explícita, não volta mais a datar nenhuma página. Relata o que ocorre apenas durante um dia qualquer, outras vezes relata o que ocorreu em semanas e em alguns registros tenta discorrer sobre o que se passou por meses. Em alguns momentos também antecipa o que irá fazer num tempo futuro, narra suas pretensões quanto à sua relação imaginária amorosa ou apenas volta ao passado e faz relatos memorialísticos soltos. Apesar dessa descontinuidade e desordenação de anotações, Abdias consegue criar uma progressão em sua narrativa, que passa também uma impressão de progressão em sua vida, de andamento contínuo ao que se pretende ser, ao que se pretende ainda fazer.

Abdias recorre ao passado diversas vezes tentando associar semelhanças de acontecimentos com o presente, em busca de recuperar antigos anseios e até mesmo de reviver parecidas confusões, incômodos e fantasias. Escrevendo fatos do passado e do presente, tenta se organizar e se definir como um homem de algum prestígio social. Sempre buscando realçar suas melhores qualidades tidas no passado, suas melhores ações tidas no presente (como participar de um Centro de Estudos Sociais, mesmo que não leve tão a sério tal prática), procura garantir uma boa imagem de si mesmo ao seu “confidente diário” e possíveis futuros leitores.

A escrita em Abdias, oscilando entre relato e reflexão nos apresenta um Abdias que faz uma necessária escrita para si, que mostra ainda se preocupar em escrever também para futuros leitores, tendo cautela em escrever as confissões. Um personagem que entre o tempo passado e o tempo presente, não viveu e não consegue viver em nenhum dos tempos. Tenta se encaixar em um tempo só seu, onde imagina ser possível viver os desejos de quando era jovem em Várzea dos Buritis no momento em que se encontra em Belo Horizonte. Um tempo em que nenhum dos mundos é suficiente a ele, e que o mesmo tenta ser reconhecido e visto como um homem distinto.

Em meio a tantas ilusões e decepções, ao findar do diário Abdias tem uma trágica e inesperada surpresa em sua vida: a morte de sua esposa. Percebendo todas as desventuras e impasses dados em sua vida, tem o catolicismo ativado para tentar se libertar da culpa e buscar a “salvação” em meio ao luto. Os desejos do passado que se reavivaram no presente começam a cessar, mas não desaparecem por completo, só deixam de serem tidos como objetivos a serem alcançados e se tornam desejos

desesperançados e guardados no íntimo. Abdias sente a dupla falta de Carlota e de Gabriela, terminando a narrativa sem as duas. Tem a honra de se encontrar na mansão dos Ataídes, que agora fazem questão de sua presença, mas ao mesmo tempo é assolado pela solidão e irrealização de seus ideais. É conscientizado da existência do que já se passou e do que é impossibilitado de ainda ocorrer, percebe finalmente que o tempo em que se encontra não retorna mais a tempo nenhum, mesmo que insista em realçar que: “A mim tudo parece provisório, movediço... Sempre pensando que um dia realizarei alguma coisa e que, se nada faço, é porque minha situação é transitória. Adiado sempre, sempre, e, no entanto, ficando velho. A vida é, contudo, esta própria instabilidade, a vida é uma viagem” (ANJOS, 1963, p. 200).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia: Cyro dos Anjos**, 2016. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/cyro-dos-anjos/biografia>> Acesso em: 12 de Novembro de 2016.

ALMEIDA, Ananda Nehmy de. **A modernidade em Cyro dos Anjos: conflitos de um amanuense**. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp087349.pdf>>. Acesso em: 3 de Novembro de 2016.

ANJOS, C.; ARAÚJO, J. S. Entrevista. **Sitientibus**. Feira de Santana, v.4, n.8, p.103-110, 1988. Disponível em: <[http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/8/entrevista\\_ciro\\_dos\\_anjos.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/8/entrevista_ciro_dos_anjos.pdf)>. Acesso em: 04 de abril de 2015.

ANJOS, Cyro dos. **Abdias**. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1963.

ANJOS, Cyro dos. **Poemas Coronários**. São Paulo: Editora Globo, 2009.

ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato Desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília: 2011. 107 f. Disponível em: <[http://www.gelbc.com.br/pdf\\_teses/pedro\\_galas.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_teses/pedro_galas.pdf)>. Acesso em: 07 de Junho de 2015.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 2. Ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

ÁVILA, Myriam. **O Retrato na rua: memórias e modernidade na cidade planejada**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense/ Editora da Unicamp, 1988, p. 65-78. Disponível em: <[http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica\\_1/A\\_morte\\_do\\_autor\\_barthes.pdf](http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica_1/A_morte_do_autor_barthes.pdf)>. Acesso em: 03 de Fevereiro de 2015.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, lembranças de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987.

BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. Cyro dos Anjos: a outra face de uma mesma moeda. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, vol. 31, n. 1, p. 1-6, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3074/307426641005.pdf>>. Acesso em: 03 de novembro de 2014.

BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. **Cyro dos Anjos**: um espírito de renovação latente. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 84-94.

BORGES Fº, Ozíris. **Espaço e literatura: Introdução à toponálise**. In: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, interações, convergências. São Paulo: USP, 2008.

BUENO, Luís. **Uma história do Romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira**. 4a. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARDOSO, Patrícia da Silva. Hoje amanuense. Amanhã diplomata? **Letras**, Curitiba, n.47, p. 19-38. 1997. Editora da UFPR. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19027/12332>>. Acesso em: 23 de abril de 2016.

CORDEIRO, Rogério Marcos. Dualismo e dialética em Cyro dos Anjos, O amanuense Belmiro. In: WERKEMA, Andréa Sirihal, *et al.* (org). **Literatura Brasileira: 1930** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 175 – 209.

DUARTE, Constância Lima. Cyro, Belmiro, Abdias. In: Souza, Eneida Maria de; Marques, Reinaldo. (Org.). Modernidades alternativas na América Latina. **1 ed.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

FERNANDES, Ronaldo Costa. **O diário intimista e melancólico de Cyro dos Anjos**. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/o-diario-intimista-e-melancolico-de-cyro-dos-anjos-1976/>>. Acesso em: 04 de Maio de 2015.

FIGUEIREDO, Eurídice. Roland Barthes: da morte do autor ao seu retorno. **Rev. Cria. Crít.**, São Paulo, n.12, p.182, 194, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>> Acesso em: 05 de Junho de 2016.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?**. In: \_\_\_\_\_. Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução de Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

GALLE, Helmut. Elementos para a nova abordagem da escritura autobiográfica. In: **Matraga** 18. Rio de Janeiro: Caetés, 2006, p. 64-91.

GUIMARÃES, Adriana Mello. **Ecos de Paris: a moderna presença de Eça de Queirós no Brasil**. Coleção: Ensaios LUSOFONIAS. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa,

dezembro de 2012. Disponível em <[http://www.lusosofia.net/textos/20130604-atas\\_belle\\_epoque.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/20130604-atas_belle_epoque.pdf)> Acesso em: 12 de outubro de 2016.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva e o espaço. In: \_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 157-189.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escrita do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Org. Jovita Maria Gerhein Noronha. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LINS, Osman. Espaço romanesco e ambientação. In: **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976, p. 78-94.

MARQUES, Ivan. **Cenas de um modernismo de província**: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte. São Paulo: Editora 34, 2011.

MARQUES, Reinaldo. Um mundo suspenso. In: ANJOS, Cyro dos. **Abdias**. São Paulo: Globo, 2008.

MIRANDA, Wander Melo (org). **Cyro & Drummond: correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**. São Paulo: EDUSP, 2009.

MOURÃO, Rui. Cyro dos Anjos e o Amanuense Belmiro. **Estudos Avançados**. vol.24 n.69. São Paulo 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142010000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 04 de abril de 2015.

PROUST, Marcel. Em busca do tempo perdido - **Do lado de Swan**. Relógio D'água, Lisboa, 2003. Tradução: Pedro Tamen.

QUEIRÓS, Eça de. **A ilustre casa de Ramires**. 2. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

RICARDO, Tatiana Albergaria Aranha. **Um estudo sobre Abdias de Cyro dos Anjos**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo – SP. 2008. Disponível em: <[file:///C:/Users/Angélica/Downloads/DISSERTACAO\\_TATIANA\\_A\\_ARANHA\\_RICARDO.pdf](file:///C:/Users/Angélica/Downloads/DISSERTACAO_TATIANA_A_ARANHA_RICARDO.pdf)>. Acesso em: 10 de dezembro de 2014.

ROCHA FILHO, Ulysses. **Representação do professor no romance Abdias, de Cyro dos Anjos**. Disponível em: <[http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011\\_2691.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_2691.pdf)>. Acesso em: 23 de out. 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). História da vida privada no Brasil. vol. 4: **Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL LITERATURA, CRÍTICA, CULTURA V: LITERATURA E POLÍTICA, 2012, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Diário e escrita de si: Minha vida de Menina no contexto da discursividade Moderna.** JOVIANO, Lúcia Helena da Silva. Revista eletrônica Darandina, 2011. 11 f. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2011/08/Di%C3%A1rio-e-escrita-de-si-Minha-vida-de-Menina-no-contexto-da-discursividade-Moderna.pdf>>. Acesso em: 07 de Junho de 2015.

SOUZA, Helane Santos. **O diário como expressão lírica em Cyro dos Anjos.** Universidade Federal de Sergipe Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa Programa de Pós-Graduação em Letras Mestrado em Letras. São Cristóvão: 2016.

STEEN, Edla van. **Viver e Escrever.** Vol. 2. São Paulo: Coleção L&PM Pocket, 2008.

TAMURA, Celia. **Cyro dos Anjos, mito, memória e criação literária.** Página de Publicações dos Alunos de Graduação e Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, 2006. Campinas-SP. Página 1. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/c00023.htm>> Acesso em: 02 de novembro de 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Edel, 2012. Disponível em: <<http://www.oziris.pro.br/enviados/201342123755.pdf>>. Acesso em: 21 de novembro de 2015.

WERKEMA, Andréa Sirihal; *et al.* (org). **Literatura Brasileira: 1930.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ZILBERMAN, Regina. Literatura e história da educação: representações do professor na ficção brasileira. **História da Educação**, ASPHE/FaEUFPEL, Pelotas, n.15, p.73-87, abr, 2014. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30281>>. Acesso em: 16 de Junho de 2015.

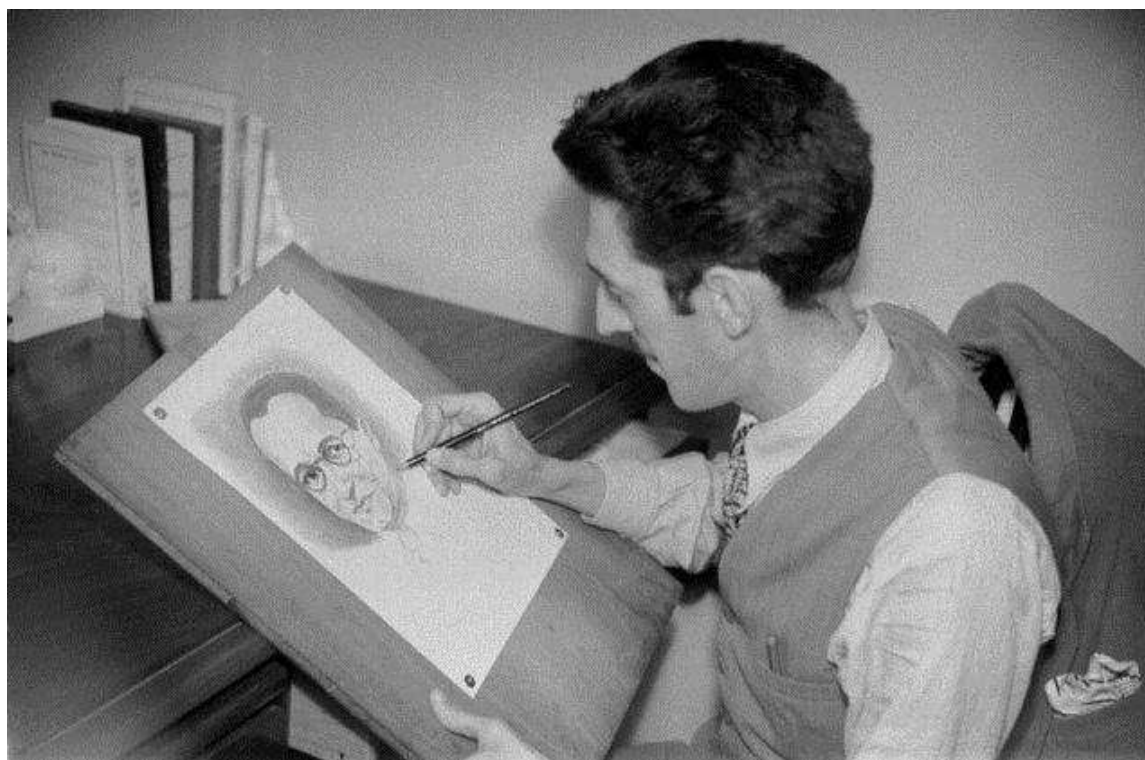
## Anexo I



Carlos Drummond de Andrade e Cyro dos Anjos - Imagem presente na obra *Cyro & Drummond*.



## Anexo II



Emílio Moura desenha um retrato de Cyro dos Anjos – Imagem retirada do Blog *Tribuna da Internet*.

### **Anexo III**

#### Ode À Alegria

Oh amigos, mudemos de tom!  
Entoemos algo mais prazeroso  
E mais alegre!

Alegre, formosa centelha divina,  
Filha do Elíseo,  
Ébrios de fogo entramos  
Em teu santuário celeste!  
Tua magia volta a unir  
O que o costume rigorosamente dividiu.  
Todos os homens se irmanam  
Ali onde teu doce vôo se detém.

Quem já conseguiu o maior tesouro  
De ser o amigo de um amigo,  
Quem já conquistou uma mulher amável  
Rejuble-se conosco!

Sim, mesmo se alguém conquistar apenas uma alma,  
Uma única em todo o mundo.  
Mas aquele que falhou nisso  
Que fique chorando sozinho!

Alegria bebem todos os seres  
No seio da Natureza:  
Todos os bons, todos os maus,  
Seguem seu rastro de rosas.  
Ela nos deu beijos e vinho e  
Um amigo leal até a morte;  
Deu força para a vida aos mais humildes  
E ao querubim que se ergue diante de Deus!

Alegremente, como seus sóis corram  
Através do esplêndido espaço celeste

Se expressem, irmãos, em seus caminhos,  
Alegremente como o herói diante da vitória.  
Alegre, formosa centelha divina,  
Filha do Elíseo,  
Ébrios de fogo entramos  
Em teu santuário celeste!  
Abraçam-se milhões!  
Envie este beijo para todo o mundo!  
Irmãos, além do céu estrelado  
Mora um Pai Amado.  
Milhões se deprimem diante Dele?  
Mundo, você percebe seu Criador?  
Procure-o mais acima do céu estrelado!  
Sobre as estrelas onde Ele mora.

Friedrich Schiller

# CYRO DOS ANJOS. ABDIAS



## Anexo V

### *Poemas Coronários* - Poema de número 12:

Sem rima nem metro  
no ritmo do suspiro, do gemido  
dialoguei com a morte  
que na riba do Aqueronte passeava  
entre o Mantuano e o Florentino.  
Não é caveira, esqueleto,  
Nem traz ao ombro a foice longa –  
mostrou-se bonita moça  
de compassivos olhos, castos gestos.  
Sorriram os Divos ante a arenga,  
na hora do aperto – pensariam –  
cada qual se arranja como pode.  
Se fiz verso ou prosa, importa pouco,  
fui à raiz da aflição, descarnei-a.  
Aos poetas de ofício  
pedido vai:  
não castigueis com vosso reproche a Belmiro  
[Montesclarino,  
menestrel dos mais pobres  
(O de Mariana  
pelos caminhos  
de romaria  
ouro de lei  
distribuirá).  
E sobraçando a desconjuntada lira  
aqui me despeço das nobres damas e cavalheiros  
que na simpatia e na amizade  
superlativamente me honraram  
aplaudindo esta fraca função.

Cyro dos Anjos